



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRO-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO**

**MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA**

**UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA SEXUALIDADE NO *CÂNTICO DOS  
CÂNTICOS***

**Recife  
2025**

**MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA**

**UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA SEXUALIDADE NO *CÂNTICO DOS  
CÂNTICOS***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Teologia.

Área de concentração: Teologia sistemático-Pastoral

Linha de pesquisa: Hermenêutica bíblica e teológica

Orientadora: Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

**RECIFE  
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA  
ELABORADA NA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAP – PE

S586a Silva, Maria das Graças Ferreira da.  
Uma análise teológica da sexualidade no Cântico dos  
cânticos / Maria das Graças Ferreira da Silva, 2025.  
89 f. : il.

Orientador(a): Aíla Luzia Pinheiro de Andrade.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.  
Mestrado em Teologia, 2025.

1. Bíblia. A.T. Cântico dos cânticos - Crítica,  
interpretação, etc. 2. Sexo na Bíblia. 3. Ética sexual.  
4. Feminismo - Aspectos religiosos.  
5. Amor - Aspectos religiosos. I. Título.

CDU 223.9

Luciana Vidal - CRB 4/1338

# UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DA SEXUALIDADE NO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em teologia.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2025.

## BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 AILA LUZIA PINHEIRO DE ANDRADE  
Data: 10/04/2025 19:59:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)  
Orientadora

Documento assinado digitalmente  
 RITA MARIA GOMES  
Data: 11/04/2025 09:11:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Rita Maria Gomes  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)  
Leitora interna

Documento assinado digitalmente  
 SOLANGE MARIA DO CARMO  
Data: 06/04/2025 15:59:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Solange Maria do Carmo  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)  
Leitora externa

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais (in memoriam), e a minha mãe em especial, Maria Diva, por me fazerem ver o estudo e o conhecimento como algo essencial e natural, assim como a alimentação, a vestimenta, o sono.

Ao meu sobrinho Bráulio, porque somente pelo seu empenho, iniciei essa jornada na teológica.

À minha irmã Miriam que esteve presente em todos os momentos e situações, apoiando e contribuindo de todas as formas possíveis.

Às pessoas amigas que foram fundamentais nesse trabalho. Sem elas essa dissertação não existiria: Armindo, Augusto, Eliane, Nivaneide, Dona Janete, vocês sabem o quanto foram valiosos.

À minha orientadora, Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, um agradecimento mais que especial porque ela foi muito mais que orientadora, mas uma verdadeira mestra, no mais amplo sentido, compartilhando generosamente todo seu saber, assim como seu apoio, acolhimento, compreensão e total dedicação. Na verdade, foi humana no que há de mais nobre no ser humano.

## RESUMO

A Dissertação analisa o livro bíblico *Cântico dos Cânticos*, um poema de amor que se destaca pelo uso intenso de vocabulário erótico e descrições detalhadas das características físicas dos amantes. Diferentes interpretações e posições de estudiosos sobre a origem e natureza erótica desse Cântico, são discutidas. Diversas hipóteses sobre a composição e estruturação do Cântico são abordadas, bem como as perspectivas interpretativas ao longo da história. Defende-se uma leitura baseada na análise literária e linguística, sem impor estruturas religiosas ou seculares preconcebidas, e sugere-se que uma perspectiva teológica feminista pode oferecer novas percepções valiosas. O Cântico é um louvor a Deus, à humanidade ou à espiritualidade? São examinadas as metáforas usadas no Cântico para descrever o amor e argumenta-se que o desejo é um dom divino que distingue os humanos e que o amor, incluindo o amor erótico, não pode ser separado da ética. Por fim, discute-se o conceito de "amor ético" à luz da análise da sexualidade no Cântico e questiona a discrepância entre seu conteúdo e o ensino das igrejas cristãs

## PALAVRAS-CHAVE

*Cântico dos Cânticos*. Sexualidade. Eros. Perspectiva teológica feminista. Amor ético.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the biblical book Song of Solomon, a love poem that stands out for its intense use of erotic vocabulary and detailed descriptions of the physical characteristics of the lovers. Different interpretations and positions of scholars regarding the origin and erotic nature of this Song are discussed. Various hypotheses about the composition and structuring of the Song are addressed, as well as interpretative perspectives throughout history. A reading based on literary and linguistic analysis is defended, without imposing preconceived religious or secular structures, and it is suggested that a feminist theological perspective can offer valuable new insights. Is the Song a praise of God, humanity, or spirituality? The metaphors used in the Song to describe love are examined, and it is argued that desire is a divine gift that distinguishes humans and that love, including erotic love, cannot be separated from ethics. Finally, the concept of "ethical love" is discussed in light of the analysis of sexuality in the Song of Songs, and the discrepancy between its content and the teaching of Christian churches is questioned.

## KEYWORDS

Song of Solomon. Sexuality. Eros. Feminist theological perspective. Ethical love.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|            |   |    |
|------------|---|----|
| Quadro 1 – | Canto de amor do Egito antigo e falas da Amada em <i>Cântico dos Cânticos</i> | 16 |
| Quadro 2 – | Canto de amor do Egito antigo e falas do Amado em <i>Cântico dos Cânticos</i> | 17 |
| Quadro 3 – | Estrutura do Canto da Beleza I  | 38 |
| Quadro 4 – | Estrutura do Canto da Beleza I ou Canto                                       | 38 |
| Quadro 5 – | Canto de Amor   | 39 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>8</b>  |
| <b>2 O CÂNTICO DOS CÂNTICOS: PANORAMA GERAL</b> .....                          | <b>11</b> |
| 2.1 DATAÇÃO .....  | 12        |
| 2.2 ORIGEM EXTRABÍBLICA: TEORIAS .....   | 13        |
| 2.2.1 Origem egípcia .....   | 14        |
| 2.2.3 Origem árabe .....   | 20        |
| 2.2.4 Origem grega .....   | 22        |
| 2.2.5 Apreciação das hipóteses apresentadas .....                              | 22        |
| 2.3 O CÂNTICO COMO TEXTO DA TRADIÇÃO PROFÉTICA .....                           | 24        |
| 2.4 RELAÇÃO DO CÂNTICO COM O NOVO TESTAMENTO .....                             | 28        |
| SÍNTESE DO CAPÍTULO .....  | 30        |
| <b>3 HISTÓRIA DA REDAÇÃO E ANÁLISE LITERÁRIA</b> .....                         | <b>32</b> |
| 3.1 HIPÓTESES SOBRE A COMPOSIÇÃO DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS .....                 | 33        |
| 3.2 DISCUSSÃO REFERENTE À ESTRUTURAÇÃO DO CÂNTICO .....                        | 35        |
| 3.3 CANONIZAÇÃO .....  | 42        |
| SÍNTESE DO CAPÍTULO .....  | 48        |
| <b>4 CÂNTICO DOS CÂNTICOS: UMA ODE À ESPIRITUALIDADE OU AO EROTISMO?</b> ..... | <b>50</b> |
| 4.1 O MAIS SUBLIME DOS CÂNTICOS? POR QUÊ? .....                                | 51        |
| 4.2 O INDIZÍVEL DO AMOR NO DIZÍVEL DA LINGUAGEM .....                          | 58        |
| 4.3 O DESEJO COMO DOM DIVINO .....   | 63        |
| 4.4 ORIENTAÇÃO PARA O AMOR ÉTICO .....   | 75        |
| 4.5 O QUE SERIA UMA ORIENTAÇÃO PARA O AMOR ÉTICO? .....                        | 79        |
| SÍNTESE DO CAPÍTULO .....  | 85        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | <b>86</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>89</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa, que resultou nesta dissertação, originou-se do desejo de responder a perguntas que cercam o *Cântico dos Cânticos* e da importância que teriam as respostas às referidas questões. A primeira dessas interrogações é o porquê desse livro estar inserido na Bíblia Sagrada sem apresentar quaisquer ligações com os demais livros bíblicos. Em segundo lugar, vem o fato de ser um poema, e não um poema qualquer, mas um poema de amor, e não “amor-ágape” ou “amor-philia”, mas o “amor-eros”. Além de ser esse poema de amor erótico, ele se apresenta como tal do início ao fim. Acrescente-se a isso a não referência a Deus, nem o que a Ele se relaciona. Parece ter sido incluído no cânon por engano, pela sua dessemelhança com toda a Bíblia, provocando uma desarmonia, tal é a sua excentricidade. Talvez nos surpreendamos com o quanto esse simples poema pode nos ensinar mesmo não contendo doutrinas, recomendações ou lições explícitas.

Percebendo essa peculiaridade que caracteriza o *Cântico dos Cânticos* enquanto escrito bíblico e acreditando que a sua inserção dentre os demais livros que compõem a coleção norteadora dos cristãos não foi casual ou equivocada, surgiu o interesse em empreender um estudo teológico sobre esse livro diferenciado. No entanto, esse estudo teria um recorte: a sexualidade, por ser a sexualidade o assunto exposto no poema analisado, ao mesmo tempo que é, também, um tema polêmico entre os cristãos.

Para encetar essa tarefa, a metodologia a ser utilizada foi a pesquisa bibliográfica, iniciando pelo próprio livro bíblico, *Cântico dos Cânticos*, realizando uma análise cuidadosa e detalhada de cada expressão presente no texto e, muitas vezes, sendo imprescindível a análise exaustiva de uma única palavra, ou, quando necessário, buscando outros textos bíblicos para estabelecer uma possível ligação. Num segundo momento, consistiu na pesquisa em livros, escritos por teólogos e biblistas, que abordam o tema da sexualidade sob o ponto de vista bíblico. A etapa seguinte foi realizada a partir da leitura de autores que abordam o tema da sexualidade sob outras perspectivas, como a Filosofia e a Psicanálise.

Há, entretanto, uma particularidade no *Cântico dos Cânticos* que os autores pesquisados geralmente não tratam, que é bastante importante e faz grande diferença. O *Cântico dos Cânticos* é uma literatura judaica, pertencente a outro povo e a uma outra cultura, que o mundo ocidental não conhece suficientemente. Portanto, pode estar aí, o desvelamento do que, para alguns, é tão estranho. Parece que há um

certo “esquecimento” de que a Bíblia dos cristãos é composta por dois Testamentos, e um deles é originário do Judaísmo, que é uma religião oriental e, por isso, não será inteiramente compreendida no contexto ocidental. O *Cântico dos Cânticos* pertence à Bíblia hebraica e a sexualidade judaica pode ser vista e vivida de maneira bem diferente da nossa concepção e compreensão. Diante desse fato, o *Cântico dos Cânticos* pode não ser tão dissonante no contexto ocidental. Esse raciocínio conduziu a outra fase da pesquisa: a procura de uma literatura que exponha uma visão da sexualidade própria do judaísmo.

Desse modo, e de acordo com as etapas seguidas para construção deste texto, a referência bibliográfica principal e que irá estimular a primeira etapa do trabalho desenvolvido – análise do próprio *Cântico dos Cânticos* tal como se encontra na Bíblia, sem respaldo de outros estudiosos – será o livro de Anne-Marie Pelletier, *Bíblia e hermenêutica hoje*, por apresentar o *Cântico dos Cânticos* como um modelo de texto para a hermenêutica e que pode ser considerado um clássico da literatura. A partir desse livro, tomei conhecimento de outro livro, da mesma autora, e que serviu de referencial teórico principal, *O Cântico dos Cânticos*, que é um resumo da sua tese de doutorado *Lectures Du Cantique Des Cantiques, de l' enigme du sens aux figures du lecteur*. Alicerçam esse referencial principal a obra de J. Harold Ellens, *Sexo na Bíblia: Novas Considerações*, cuja importância se dá por ser o único livro encontrado, de autor protestante, que trata do tema, e pelo fato de que, no Protestantismo, há mais restrições/proibições em relação à sexualidade, ocasionando afastamento ou exclusão de membros das igrejas; além disso, o livro ajuda a ampliar a visão do assunto pesquisado, considerando as perspectivas judaica, cristã católica e cristã protestante. Outro livro de relevância foi *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*, de José Tolentino Mendonça, por haver um capítulo denso e profundo sobre o assunto pesquisado; a obra de Paul Beauchamp, *El uno y el outro Testamento: Cumplir las Escrituras*, que possibilita maior segurança na tradução/interpretação do versículo central do *Cântico dos Cânticos*. Por fim, o ensaio de M. Deckers, *A estrutura do Cântico dos Cânticos e a centralidade de nepesh (6,12)*, por ter sido a única exegeta encontrada que considerou o Ct 6,12 como versículo central do *Cântico dos Cânticos*, enquanto os demais não só deixaram de considerá-lo como central, como o consideraram ininteligível ou até mesmo um erro.

Esta dissertação consta de três capítulos. O primeiro tem como título “Cântico dos Cânticos: Panorama Geral” e trata, principalmente, das teorias sobre a datação e

a origem do poema, a relação com a tradição profética e com o Novo Testamento. O segundo capítulo, que tem como título “História da redação e análise literária”, aborda as diversas hipóteses sobre a composição do *Cântico dos Cânticos*, em seguida, discute diversas teorias sobre a estruturação do poema e sobre sua canonização e, por fim, versa sobre as possibilidades de leituras do texto canônico. O terceiro e último capítulo tem por título “*Cântico dos Cânticos*: Uma Ode à Espiritualidade ou ao Erotismo?” e aborda sobre o desejo e a ética da sexualidade humana.

## 2 O CÂNTICO DOS CÂNTICOS: PANORAMA GERAL

*Já ouço gritos ao longe  
Já diz a voz do amor  
A alegria do corpo  
O esquecimento da dor  
(Alegria - José Saramago)*

O *Cântico dos Cânticos* é um livro único e enigmático dentro do cânon bíblico, frequentemente referido como uma obra *sui generis*, porque não se encaixa em nenhuma outra categoria literária encontrada na Bíblia. Ao contrário da literatura profética, histórica e de sabedoria, que compreende grande parte do Antigo Testamento, o *Cântico dos Cânticos* se destaca como uma celebração lírica do amor e desejo humanos, o que é mencionado por vários estudiosos desse poema – desconcertante por estar inserido no cânon bíblico – e sintetizado no texto a seguir, especialmente pela analogia com uma "carta de amor em meio a trabalhos de matemática":

Que me beije com beijos de sua boca (Ct 1,2) [...] As primeiras palavras desse livro singular já surpreendem pela paixão e liberdade: "Amável discurso", exclama São Bernardo, "que começa por um beijo!" Palavras tão inesperadas dentro de uma coleção tão séria, tão religiosa! [...] O que faz este texto na Bíblia? É como se um professor tivesse encontrado na pilha de papéis para corrigir uma carta de amor colocada no meio dos trabalhos de matemática por descuido, por erro ou justamente por amor! (d'Hamonville, 2024, p. 7-8).

A natureza singular do *Cântico dos Cânticos* tem sido uma fonte de fascínio e de debate entre estudiosos da Bíblia. Há diversas teorias sobre sua origem, datação e interpretação. Além disso, as controvérsias em torno desse livro se dão também, e principalmente, em relação ao seu conteúdo; resultando em hipóteses destoantes e com pouco consenso, cabendo, assim, a cada leitor, discernir, a partir de suas próprias pesquisas e entre as diversas teorias defendidas pelos estudiosos, ou quiçá, elaborar uma nova teoria a respeito desse texto bíblico tão invulgar e *sui generis*.

Christoph Uehlinger (2015, p. 640) afirma que

Não seria de admirar que letrados judeus tenham tomado emprestado este ou aquele poema do *Cântico dos Cânticos* de seus colegas egípcios (ainda que a maioria desses cânticos remetam a um ambiente siro-palestino e não egípcio ou fenício). Também não há dúvida de que um bom número dos cantos de *Cântico dos Cânticos* encontra sua origem quer na fantasia lírica de letrados doentes de amor, quer na distração poética que acompanhava os

banquetes e as festividades mundanas da aristocracia judeu-palestina das épocas persa e helenística.

Essa citação de Uehlinger reflete e condensa as diferentes hipóteses concernentes à origem do *Cântico dos Cânticos*, o que, por sua vez, terá influência na sua datação, que também não é consensual e que será apresentada no item a seguir.

## 2.1 DATAÇÃO

Conforme afirmação anterior, quanto à não uniformidade de hipóteses referentes à origem do *Cântico dos Cânticos* e, conseqüentemente, à data de origem, passamos a examinar e expor as prováveis datas de origem do texto em estudo, já deduzindo que esse livro tem origem não bíblica, assim como não religiosa e talvez não judaica, o que é enfatizado por Pelletier (1995). Ela afirma que a origem não religiosa do *Cântico dos Cânticos* não é mera suposição, uma vez que existem antigos documentos, com data do primeiro século, que comprovam ter sido o *Cântico dos Cânticos* entoado nos cabarés, convidando à bebida e incentivando ao sexo, contrastando com o fato de ser o texto especialmente eleito pelos grandes místicos (Pelletier, 1995, p. 7-8).

A origem do texto está, de certo modo, ligada à sua datação, com autores que apresentam as balizas para datação desde o século. X a.C., época do reinado de Salomão, até o século III a.C., o que mostra uma abrangência espantosa. Pelletier (1995, p. 34) diz que autores como Segal, Gerleman e Haim Rabin defendem a datação mais antiga e se fundamentaram no título do livro, que remete ao Rei Salomão, além da opulência mencionada no poema.

Pelletier (1995, p. 35) apresenta também uma segunda perspectiva, como a de R. J. Tournay, que atribui a datação a um período menos remoto e defende seu posicionamento a partir de elementos linguísticos. Essa ideia está relacionada com a demonstração de que há, no *Cântico dos Cânticos*, uma quantidade de fórmulas raras que lhe são peculiares, assim como termos derivados do idioma persa acrescidos com raízes aramaicas, o que seria um claro indicativo do período do domínio persa sobre Israel.

A terceira perspectiva trazidas por Pelletier (1995, p. 35), e adotada por nomes como M. Haller, Murphy e Gordis e grande parte dos exegetas, tende a considerar o final do século V a.C., como sendo o momento da redação final do texto do *Cântico dos Cânticos*, período correspondente à reedificação do templo pelos repatriados de

Judá, o que não invalida a possibilidade de uma origem muito mais remota do texto ou de um dos textos que resultaram no que temos atualmente e que podem ter sido resgatados e compilados nessa época. Todavia, há ainda quem defenda o período do século III a.C. como data de escrita do *Cântico*, como Martin Hartmann e Heinrich Graetz.

É exatamente por existir toda essa controvérsia a respeito da datação desse livro que há diferentes teorias sobre sua origem, o que será objeto da explanação a seguir.

## 2.2 ORIGEM EXTRABÍBLICA: TEORIAS

A origem extrabíblica do *Cântico dos Cânticos*, ou de onde e como surgiu esse poema, seja étnica ou geograficamente, e sua autoria, são pontos até então sem unanimidade, embora haja algumas teorias predominantes, todas resultantes de pesquisas e estudos fundamentais. Cabe a cada leitor e pesquisador embarcar em mais uma viagem apreciativa e analítica na busca de novos vislumbres e, quiçá, acréscimo às teorias já conhecidas ou elaboração de algo ainda não pensado e sabido. Tudo é possível em se tratando da capacidade e criatividade humanas, especialmente quando essas competências estão a serviço da pesquisa, seja ela em que área da vida se encontre.

Considerando-se, então, a Teologia, área essa que se ocupa do que transcende o material e simplesmente humano, há que se admitir que muito mais é possível intuir e constatar do que somos capazes de supor inicialmente. Por isso mesmo, as pesquisas se sucedem e não cessam, e assim acontecerá, certamente, enquanto o ser humano existir, pois é próprio de sua essência caminhar em busca do conhecimento. Pesquisar não se resume em constatar e relatar o que já foi descoberto ou concluído, mas tentar dar um passo além na longa e rica caminhada de todos os estudiosos que nos antecederam.

Inicialmente, faz-se necessário compreender o porquê da expressão “origem extrabíblica”, já que todos os livros bíblicos existiram como narrativas orais ou já escritas, antes de fazerem parte da Bíblia como o livro que se tem hoje ao alcance de todos. Dentre todos os livros bíblicos, o mais controverso e polêmico é o *Cântico dos Cânticos*, por diferentes motivos. Em primeiro lugar, sua natureza explicitamente erótica, o que não é naturalmente concebido ou aceito como diretamente relacionado ao divino ou à espiritualidade, segundo a visão cristã, uma vez que, por influência da

cultura grega, se faz distinção em relação ao amor, dividindo-o em eros, philia e ágape, relacionando apenas o amor-ágape ao que concerne ao espiritual, não só diferenciando-o, mas concedendo-lhe um status superior ao amor-philia e ao amor-eros, por serem esses dois últimos, amores humanos ou formas de amor que são expressadas apenas entre os seres humanos, desconsiderando que Deus é amor em todas as suas manifestações. Em segundo lugar, por não mencionar a palavra Deus, nem qualquer outro termo que claramente remeta a Ele, e ainda por não conter nenhum ensinamento, recomendação ou proclamação, como é verificado claramente nos demais livros bíblicos. Seriam esses motivos suficientes para se questionar sua canonicidade, o que será objeto de outro tópico deste trabalho, mas, também, para o questionamento de sua origem precedente à sua inserção no cânon da Bíblia.

Diante dessas constatações, é natural que surjam interrogações sobre quem escreveu, com qual objetivo, em que contexto socioeconômico e cultural e de que forma. Essas são questões que implicarão, essencialmente, a hermenêutica do *Cântico dos Cânticos*, que, por sua vez, também será outra questão a ser discutida adiante. Sobre a questão da procedência do texto, Pelletier (1995, p. 35) afirma que:

Não é nada fácil determinar a procedência do texto. Está em parte solidária com a discussão sobre sua data. As divergências ocorrem entre: 1) os que ligam o cântico ao ambiente do mundo pagão, às culturas vizinhas com que Israel manteve as relações de intercâmbio ou de polêmica; 2) os que, das mais variadas maneiras, colocam o *Cântico* no âmago da tradição de Israel.

Embora Pelletier descreva a situação desse modo – o que aparentemente apontaria apenas para duas correntes de pensamento – a questão é muito mais ampla e complexa do que se nos mostra à primeira vista. Dito de outra maneira, significa que há desdobramentos ou várias outras vertentes dentro de cada uma dessas duas posições.

Admitindo-se a possibilidade de o *Cântico dos Cânticos* ser originário das culturas com quem Israel se relacionou, haveria, a princípio, três possibilidades de origem: o mundo egípcio, o mundo mesopotâmico e o mundo árabe ou persa.

### **2.2.1 Origem egípcia**

Algo substancial que pode sustentar a hipótese da origem egípcia do *Cântico dos Cânticos* advém de dois textos, encontrados em papiros distintos, que enaltecem o amor entre um homem e uma mulher. Conforme Pelletier (1995, p. 20), um deles é

o “papiro Harris 500 descoberto no Ramesseum de Tebas”, e o outro é um texto intitulado “Cantos de grande alegria do coração”, presente na coleção de Chester Beatty I, ambos apresentando bastante semelhança com o *Cântico dos Cânticos*.

Assim como acontece no livro bíblico, nos escritos encontrados nos papiros citados, e que podem ser lidos na obra de S. Shot intitulada *Os cantos de amor do Egito antigo*, há trechos bem definidos e distintos, que deixam evidentes as semelhanças com as falas que pertencem ao Amado e as que pertencem à Amada, identificados no *Cântico dos Cânticos*.

Citamos, a seguir, dois desses trechos, sendo um deles identificado ao Amado e o outro identificado à Amada<sup>1</sup>. Vale salientar que os Quadros 1 e 2 fazem uso, na coluna esquerda, da tradução apresentada por Pelletier (1995, p. 20) e, na coluna da direita, trazemos o paralelo com os textos bíblicos.

O primeiro bloco apresentado encontra semelhanças em Ct 1,4; 2,6.8.16; 3,4; 5,2 e 6,3 (A Bíblia, 2002, p. 1089-1098):

**Quadro 1 – Canto de amor do Egito antigo e falas da Amada em *Cântico dos Cânticos***

| <b>Os cantos de amor do Egito antigo (Canto 1)</b>                           | <b><i>Cântico dos Cânticos</i></b>   |
|--|--|
| [...] A voz da pomba se faz ouvir [...]                                      | <b>2,8a:</b> A voz do meu amado!<br>[...]  |
| Encontrei o amado<br>nos seus aposentos,<br>meu coração se encheu de alegria | <b>1,4:</b> [...] Leva-me, ó rei,<br>aos teus aposentos<br>e exultemos! Alegremo-nos em<br>ti! [...]         |
| E dissemos: “Jamais te deixarei [...]”                                       | <b>2,16:</b> Meu amado é meu<br>e eu sou dele [...]<br><b>6,3:</b> Eu sou do meu amado,<br>e meu amado é meu |
| minha mão está na tua mão [...]  | <b>3,4:</b> [...] encontrei o amado da minha<br>alma.<br>Agarrei-o e não vou soltá-lo [...]                  |
| Volvi meu rosto para a porta:<br>vê, o amado está chegando!                  | <b>2,8b:</b> Vejam: vem correndo<br>pelos montes, saltitando nas<br>colinas! [...]                           |
| [...] meus ouvidos escutam [...]   | <b>5,2:</b> [...] e ouvi o meu amado que batia<br>[...]  |

**Fonte:** A autora (2025)

<sup>1</sup> A tradução de *Os cantos de amor do Egito antigo* para o português foi realizada a partir da tradução francesa de S. Schot, *Les chants d'amour de l'Égypte ancienne*, (Paris, 1956), ao qual recorre Pelletier (1995, p. 20). Desde que não se afirme o contrário, as citações bíblicas serão retiradas de *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002.

Enquanto o segundo poema, que claramente descreve a Amada é, portanto, fala do Amado e ecoa em Ct 1,8.15; 2, 14; 4,1.4.7.11; 6,4.10; 7,2.5-7 (A Bíblia, 2002, p. 1090-1100):

**Quadro 2 – Canto de amor do Egito antigo e falas do amado em *Cântico dos Cânticos***

| <b>Os cantos de amor do Egito antigo (Canto 2)</b>   | <b><i>Cântico dos Cânticos</i></b>   |
|--|--|
| Uma só, a sem igual<br>é a minha amada,<br>a mais formosa do mundo   | <b>1,8:</b> Se não o sabes,<br>ó mais bela das mulheres [...]<br><b>4,1:</b> Como és bela, minha amada,<br>como és bela!<br><b>4,7:</b> És toda bela, minha amada,<br>e não tens um só defeito!<br><b>6,4:</b> És bonita, minha amiga, és como<br>Tersa, formosa como Jerusalém [...]<br><b>7,7:</b> Como és bela, quão<br>formosa [...] |
| Olha para ela: é como a estrela que brilha<br>no limiar de um novo ano!<br><br>Com uma graça que brilha<br>e uma tez resplandecente, | <b>6,10:</b> Quem é essa<br>que desponta como a aurora,<br>bela como a lua, fulgurante como o sol<br>[...]   |
| tem ela olhos para límpidos olhares  | <b>1,15:</b> Teus olhos são pombas [...]<br><b>4,1:</b> [...] São pombas teus olhos<br>escondidos sob o véu [...]<br><b>7,5:</b> [...] teus olhos, as piscinas de<br>Hesebon [...]   |
| lábios para doces palavras [...]   | <b>2,14:</b> [...] e tão doce a tua voz!<br><b>4,11:</b> Teus lábios são favo<br>escorrendo,<br>ó noiva minha, tens leite e mel sob a<br>língua [...]  |
| Seu pescoço é esguio [...]   | <b>4,4:</b> Teu pescoço é a torre de Davi [...]<br><b>7,5:</b> [...] teu pescoço, uma torre de<br>marfim [...]   |
| seus cabelos são de lápis-lazúli   | <b>7,6:</b> [...] e teus cabelos cor de púrpura<br>[...]   |
| [...] mas seus quadris as vencem na<br>beleza  | <b>7,2:</b> [...] as curvas dos teus quadris,<br>que parecem colares,<br>obras de um artista   |

**Fonte:** A autora (2025)

Fundamentando-se em um artigo de Michael V. Fox, Uehlinger destaca:

De todos os textos antigos e próximo-orientais que foram comparados aos poemas do *Cântico dos Cânticos*, os cantos de amor egípcios são, evidentemente, os que mais se parecem com eles; alguns paralelos surpreendentes podem até fazer crer em uma dependência literária (Uehlinger, 2015, p. 644-645).

A origem egípcia do Cântico pode ser demonstrada não somente através dos “paralelos completamente impressionantes” (Pelletier, 1995, p. 19) entre os poemas de amor egípcios, como os citados acima, mas, também, quando o Cântico menciona joias e outros elementos próprios a um ambiente luxuoso que remete à Corte do Faraó:

A insistência na beleza tem decididamente conotação egípcia. O intérprete fica inclinado a imaginar o ambiente requintado da corte do Egito no tempo de Salomão, as trocas que na época se faziam entre os dois reinos, o face a face que se instalou entre Israel e as nações estrangeiras, nos tempos gloriosos da realeza de Israel (Pelletier, 1995, p. 17).

Uehlinger, por sua vez, nos traz informações interessantes sobre os textos egípcios, que corroboram as afirmações de Pelletier, mas o faz a partir do livro *La poésie amoureuse de l’Égypte ancienne*, de B. Mathieu. Uehlinger revela que esses textos chegaram ao nosso conhecimento através dos papiros e óstracos<sup>2</sup> da época de Ramsés (século XIII e XII a.C.). Ele continua afirmando que é possível postular a existência, no Egito, de uma tradição contínua até a época ptolomaica, todavia, ressalta que os elos entre os textos são esparsos, o que impossibilita a especificação de data de um eventual empréstimo, e cita como exemplo os seguintes textos:

[...] um canto de admiração à sacerdotisa de Hator do século VIII a.C., a tradição dos harpistas que acompanhavam *symposia* e casamentos, alguns arrebatamentos amorosos em inscrições biográficas tardias ou o louvor a Asenat no romance judeu-egípcio José e Asenat, 18,9-10 (Uehlinger, 2015, p. 645).

Conforme Uehlinger, não é possível precisar sob que meios específicos os letrados judeus tiveram acesso ao repertório egípcio, mas, seguindo a posição de O. Keel (apud Uehlinger, 2015, p. 645), a época em que aconteceu esse contato seria a do reinado de Ezequias, rei de Judá, em consonância com Pr 25<sup>3</sup>, e a reassunção da Sabedoria de Amenemopet (Palavra dos sábios), conforme Pr 22,17 e 23,12. Não obstante, aconteceram contatos frequentes entre Israel e o Egito também nos séculos IV e III a.C. (Uehlinger, 2015, p. 645).

<sup>2</sup> Óstraco ou ostrakon é um fragmento de cerâmica (ou pedra) normalmente quebrado de um vaso. Essas pedras eram usadas para documentar procedimentos oficiais, mensagens curtas, notas e avisos, principalmente por se tratar de um material mais barato do que o papiro ou couro.

<sup>3</sup> A Segunda Coleção Salomônica compilada na época de Ezequias vai além de Pr 25, compreendendo os capítulos de 25 a 30.

### 2.2.2 Origem mesopotâmica

Uma segunda hipótese é a “hipótese cultual”, a qual associa o Cântico ao mundo mesopotâmico e é defendida por W. Wittekindt, T. J. Meek e H. Hempel. Essa teoria se embasa no fato da Amada do *Cântico dos Cânticos* ser descrita pelo Amado como uma figura divina, o que a colocaria na posição de deusa para ele e para o leitor do Cântico, embora não no mesmo sentido das deusas mesopotâmicas, mas como nos textos sumérios, ou seja, “associada em uma linguagem quase mítica a animais como pantera ou leão, ou a montanhas inacessíveis ou ainda a astros. Esses motivos teomorfos refletem uma antiga tradição siro-mesopotâmica” (Uehlinger, 2015, p. 645). Podemos observar isso, por exemplo, em Ct 3,6:

Que é aquilo que sobe no deserto,  
Como colunas de fumaça  
Perfumada com incenso e mirra,  
E perfumes dos mercadores? (A Bíblia, 2002, Ct 3,6, p. 1093)

Assim como em Ct 6,10, conforme demonstrado a seguir:

Quem é essa que desponta  
Como a aurora,  
Bela como a lua,  
Fulgurante como sol,  
Terrível como esquadrão  
Com bandeiras desfaldadas (A Bíblia, 2002, Ct 6,10, p. 1099).

O texto de Ct 3,6 remete a uma verdadeira apoteose, própria do que é divino, especialmente quando se refere a “colunas de fumaça”<sup>4</sup>, o que é reforçado pelo especialista em cultura talmúdica Daniel Boyairin (1994, p. 160), ao afirmar que

tanto o estudo da Torá, quanto o sexo [...] são atos sagrados. Além disso, a “coluna de fogo” está carregada de um forte simbolismo erótico, pois além de ela possuir a forma de um falo, o fogo costuma ser associado ao erotismo.

Já Ct 6,10 usa algumas metáforas vinculadas ao movimento dos astros para dar um sentido de completude do dia (da aurora à lua), além do poder ilustrado pela expressão “terrível como esquadrão”, só possível aos deuses. Como pano de fundo dessa tradição, estão os textos que celebram amores propriamente divinos, hinos a deusas

---

<sup>4</sup> Cf. Assemelha-se às colunas de nuvem e de fogo no deserto citadas em Ex 13,21, como símbolos da glória de YHWH.

como *Ishtar* ou *Tashmetum* (Uehlinger, 2015, p. 645). Os mesopotâmicos utilizavam estátuas de culto para encenação desses textos ou os próprios textos descreviam estátuas, como acontece em Ct 5,14-15:

Seus braços são torneados em ouro  
 Incrustados com pedras de Társis.  
 Seu ventre é bloco de marfim  
 Cravejado com safiras.  
 Suas pernas, colunas de mármore  
 Firmadas em base de ouro puro.  
 Seu aspecto é o do Líbano  
 Altaneiro, como um cedro. (A Bíblia, 2002, Ct 5,14-15, p. 1097)

Ao nos referirmos acima à “hipótese cultural”, significa dizer que o *Cântico dos Cânticos* não seria uma simples literatura amorosa, mas uma literatura religiosa, expressando, literária e poeticamente, rituais sagrados e relação entre deuses, em especial inerente a ritos hierogâmicos. Portanto, “o *Cântico*, inspirado nessa tradição, teria uma origem cultural; segundo Wittekindt, estaria ligado à celebração do casamento de *Tamuz* com *Ishtar* no Templo de Jerusalém, na época de Manassés” (Wittekindt apud Pelletier, 1995, p. 36). Por outro lado, M. Haller estabelece a relação do *Cântico* com a antiga Festa dos Ázimos, originária de Canaã, terra onde manava “leite e mel” (Ex 3,8,17; 13,5; 33,3; Lv 20,24; Nm 13,27; 14,8; 16,13,14; Dt 11,9; 26,9,15; 27,3; 31,20; Js 5,6; Jr 11,5; 32,22; Br 1,20; Ez 20,6,15) , símbolos de fertilidade e vida, e que havia sido reinterpretada em Israel, com a exclusão dos nomes das divindades pagãs e associada à Páscoa judaica (Haller apud Pelletier, 1995, p. 36).

Essa hipótese, que concebe o *Cântico* oriundo do mundo pagão, encontrou anuência maciça nos tempos atuais, no entanto, implica questões peculiares e relevantes como a que é levantada por Pelletier: “como Israel, tão prevenida contra a maneira pagã de sacralizar a sexualidade e sexualizar o divino, poderia ter escolhido um texto tão comprometido com os cultos pagãos?” (Pelletier, 1995, p. 36). Ela responde a tal questionamento, de modo bastante intrigante e que será objeto de discussão no próximo capítulo, dizendo “o mérito dessa questão está em chamar a atenção para o fato de que, no contexto das culturas do Antigo Oriente Próximo e também no da Bíblia, a celebração do amor não pode ficar de todo à margem do sagrado” (Pelletier, 1995, p. 36).

### 2.2.3 Origem árabe

Ainda sob a perspectiva da origem extrabíblica do Cântico, merece que se considere o contexto árabe, devido ao gênero literário *wasf*, próprio dessa cultura, “que significa ‘descrição’ e é usado para se referir a um tipo de poema ou fragmento poético que descreve, por meio de uma série de imagens, as partes do corpo do homem e da mulher” (Falk, 2000, p. 253).

É muito importante salientar que, na antiga literatura hebraica, os *wasfs* estão presentes tão somente no *Cântico dos Cânticos*, enquanto é frequente, na literatura árabe, de modo especial na poesia árabe moderna, porém, é algo recente essa descoberta. Há cerca de um século apenas, percebeu-se essa característica no Cântico, e só então esse termo *wasf* passou a ser conhecido e utilizado nos estudos e pesquisas acadêmicas relativas ao Cântico, o que leva Marcia Falk a afirmar que “as investigações e as abordagens acadêmicas do *wasf* revelam algumas das sérias limitações da pesquisa bíblica no campo do estudo literário e expõe, além disso, alguns dos preconceitos mais frequentemente aplicados ao Cântico como um todo” (Falk, 2000, p. 253).

O *wasf* apresenta forma rígida e tema pré-determinado, e embora assemelhe-se em características estilísticas com o Cântico, no que diz respeito à sonoridade, ao paralelismo e às linhas rítmicas curtas, o *wasf*, quanto à forma, é mais estrito e mais previsível do que o Cântico. Há, no *wasf*, um modelo para abordar o tema: “cada parte do físico é descrita por meio de imagens específicas, muitas vezes improváveis, tiradas do mundo da natureza e da cultura” (Falk, 2000, p. 254). Outra característica peculiar aos *wasfs* é o apelo aos sentidos: tato, olfato, paladar, embora o seu imaginário próprio seja o visual. Um exemplo dessas “imagens improváveis” aparece nos versos a seguir:

És formosa, minha amiga,  
És como Tera,  
Bela como Jerusalém,  
És terrível como esquadrão  
Com bandeiras desfraldadas.  
Teu cabelo é rebanho de cabras  
Ondulando pelas faldas de Galaad;  
Teus dentes [...] rebanho tosquiado (A Bíblia, 2002, Ct 6,4-6, p. 1098).

Os versos acima revelam explicitamente o que identifica de modo inconfundível o *wasf*: a condução da imaginação no sentido de vislumbrar, através das analogias visuais, o que se pretende expressar. Faz-se necessário pensar na imagem da cidade de Tersa, de Jerusalém, de um esquadrão com bandeiras desfraldadas, num rebanho de cabras caminhando e num rebanho tosquiado, para se deduzir a tal formosura da Amada, que o Amado pretende descrever. A visualização do leitor, mesmo que apenas imaginária é convocada para que se consiga apropriar-se minimamente da dimensão da formosura retratada. O que haveria de belo em Tersa e Jerusalém? O que é terrível na Amada? Como é esse cabelo que se assemelha ao rebanho de cabras ondulando no sopé das montanhas de Galaad? Como são esses dentes que parecem rebanho tosquiado? Não há como não "ver" e fantasiar a partir dessa visão narrada.

O apelo aos sentidos, todavia, perpassa todo o Cântico, tornando o texto infinito em possibilidades de percepção e interpretação, rico e denso, amplo e profundo, o que é primorosamente sintetizado por Falk (200, p. 258): “De fato, as metáforas do Cântico expressam uma sofisticada sensibilidade poética que, embora estranha a nós hoje, pode se tornar acessível por meio de uma análise crítica. O processo é simplesmente de visualização apropriada”.

Richard Soulen vê o imaginário do *wasf* como uma possibilidade de levar o leitor a experimentar emoções semelhantes às sentidas pelos personagens do poema e diz que o escritor está interessado em que compartilhemos sua alegria, sua admiração e seu deleite. Cada imagem é um evento de linguagem, porque, “fiel à metáfora, ultrapassa a si mesma e convida à participação. Em outras palavras, é algo que acontece ao ouvinte [...] O ouvinte participa das variadas e eróticas experiências do presente, embora, por tabela: através da arte” (Soulen, 2000, p. 251-252). O que aí afirma Soulen é evidente em todo o poema do *Cântico dos Cânticos* à primeira vista ou à primeira leitura. As metáforas hiperbólicas e estranhas, em alguns momentos, transbordam sentimentos e emoções, debruçando-se sobre o texto, para uma compreensão mais detalhada e aprofundada, tem-se uma percepção muito mais aguçada das sensações que se pretende expressar ali.

O apelo visual próprio do *wasf*, entretanto, não é algo fácil no entendimento de um texto em que dele se faça uso. Ao contrário, o *wasf* pode tornar o texto enigmático, porque a imagem visual contida pode ser desconhecida ou pouco conhecida pelo leitor, além de que não é possível saber qual aspecto daquilo que é descrito foi

considerado pelo autor do texto. Como efeito, o *wasf* transforma o escrito numa arte abstrata, exigindo do leitor um esforço para interpretação, assim como a possibilidade de ilimitadas compreensões, o que faz com que o texto seja sempre um novo texto, por isso, Soulen (2000, p. 252) afirma:

Em resumo, um *wasf* não é um problema “facilmente solucionado”; ele é uma celebração das alegrias da vida e do amor e, ao mesmo tempo, um convite para compartilhar esta alegria. Somente desta perspectiva a intenção do poeta é preservada e o objeto do amor não se torna grotesco e ridículo.

#### **2.2.4 Origem grega**

Importa mencionar uma outra possibilidade de origem ou influência literária relativa ao *Cântico dos Cânticos*: a afinidade do Cântico com a poesia grega arcaica, que tem em Safo sua mais especial representante (Uehlinger, 2015, p. 646). Safo foi uma poeta grega que viveu na ilha de Lesbos, há cerca de 2600 a. C., é uma das poucas vozes femininas cujo trabalho chegou à nossa época e foi reconhecida ainda em vida, sendo tratada por Homero como “a poeta”, assim como ele era tratado como “o poeta”. Ela foi retratada em cerâmica, o que equivale dizer que era considerada uma celebridade e, até os dias atuais, provoca a fascinação de eruditos, que acreditam que ela tenha escrito seus poemas para mulheres e meninas pertencentes ao culto de Afrodite (Burnett, 1983, p. 209-210).

Novas descobertas sobre seu trabalho conduziram ao pensamento do seu papel fundamental na forma de linguagem que se usa até hoje para falar do amor e do desejo. Infelizmente, suas obras completas se perderam, restando apenas alguns poemas completos e outros fragmentos transcritos em papiros antigos. Safo foi celebrada por Platão como a “Décima Musa” e, atualmente, seu nome é usado para denominar uma forma poética específica: estrofe sáfica (Torres, 2022, p. 123-134).

Quem é o narrador, um homem ou uma mulher? Quem é o amante, um homem ou uma mulher? Esse questionamento feito em relação à obra de Safo, também é feito atualmente em relação ao Cântico.

#### **2.2.5 Apreciação das hipóteses apresentadas**

A partir das hipóteses sobre as possíveis origens extrabíblicas do *Cântico dos Cânticos*, faz-se necessário apresentar o que parece mais plausível diante das justificativas que alicerçam cada uma delas. Dentre elas, há pressuposições mais

prováveis e menos prováveis. Essa diferenciação pode ser feita pautada nos argumentos apresentados em defesa das referidas hipóteses. Dito de outra forma: há pressupostos com premissas mais consistentes e outros, bem menos. Iniciaremos a análise pelas suposições menos prováveis, em direção à mais provável, e, só então, expressaremos posição própria.

A origem mesopotâmica parece ser a menos provável, em virtude de ser sagrada a sexualidade para os povos mesopotâmicos, o que é diametralmente oposto ao *Cântico dos Cânticos*, que expõe uma sexualidade essencialmente humana. Ainda que, pautando-se na interpretação alegórica, essa origem possa ser defendida, haveria que ser justificada com a alegação de “substituição” dos deuses e deusas por pessoas comuns e do mito por um poema romântico. Valendo afirmar que a interpretação alegórica é a hermenêutica menos provável e menos aceita atualmente pelos exegetas.

A segunda hipótese, sobre a proveniência do *Cântico dos Cânticos*, é a que concebe a procedência persa, e se configura com mais consistência que a mesopotâmica, por se firmar em dados mais explícitos, que são palavras de origem daquela civilização presentes no *Cântico dos Cânticos*. Não obstante ser algo mais perceptível, não é suficiente para firmar ou confirmar tal hipótese, pelo fato sabido de que o povo judeu, de modo especial os eruditos, estiveram sob o domínio daquele império, e é aceitável a possibilidade de assimilação da cultura persa com a qual conviveram, incluindo o vocabulário. Por ser admissível que o *Cântico dos Cânticos* tenha sido escrito após o domínio persa sobre os judeus, é facilmente compreensível que haja palavras de origem persa no texto, mesmo tendo autoria judaica, uma vez que essas palavras estariam já inseridas no vocabulário judaico. Portanto, essa também é uma hipótese pouco sustentável.

A hipótese mais convincente, por se apresentar com mais indícios, é a de origem egípcia. No entanto, essa suposição possui contraditórios, podendo ser destacados dois pontos principais. O primeiro é o tempo considerável durante o qual os hebreus viveram no Egito. Não há como apagar essa herança histórico-cultural. Além disso, Canaã e Egito são vizinhos, o que promovia o intercâmbio entre esses lugares. Consequentemente, diante dessa realidade, não se faz necessário o *Cântico dos Cânticos* ser de origem egípcia para que justifique a semelhança dele com os cânticos de amor egípcios, pois essas duas culturas são interseccionadas. É impossível uma linha divisória nítida e precisa, apesar da diferença religiosa entre

esses dois povos, o que não teria peso sobre o *Cântico dos Cânticos*, por esse não carregar religiosidade em seu conteúdo.

O outro ponto que deve ser considerado é o fato da semelhança existente entre todos os poemas de amor, independente da época e da cultura. É assim que encontramos identificações do livro bíblico com outros tantos poemas de amor, desde a poesia arcaica grega, de autoria da grande poetisa Safo. Portanto, é perfeitamente possível que o *Cântico dos Cânticos* seja originário do próprio Israel, embora se encontre nele palavras, expressões e gêneros literários de outros povos, porque os povos não vivem isolados geograficamente nem historicamente, e, deste modo, trocam conhecimento e se assemelham. Não há isolamento sincrônico nem diacrônico. Somos sempre o somatório dos povos que nos antecederam, acrescido das novas e sucessivas criações humanas, que não cessam de acontecer, construindo sempre coisas novas, a partir da herança histórica.

### 2.3 O CÂNTICO COMO TEXTO DA TRADIÇÃO PROFÉTICA

A. Robert formulou a teoria do Cântico como texto da tradição profética com fatos e minuciosos argumentos, reassumido por A. Feuillet. É claramente observável nos textos proféticos, de modo especial em Oséias, Jeremias, Ezequiel e no Deutero-Isaías, a representação de Deus como noivo ou esposo, e de Israel como noiva ou esposa. Essa imagem inaugura-se com o livro do profeta Oséias e é continuada com os demais profetas já citados. Visto dessa forma,

A intenção implícita do poema seria precisamente lembrar a experiência do cativo na Babilônia, seguida da libertação e da volta de Israel, tal como se encontra anotada, anunciada e comentada nos textos proféticos. Interpretado como transposição da doutrina profética da Aliança para a linguagem do amor humano, o Cântico só pode ser compreendido se acompanhado das palavras da tradição profética (Pelletier, 1995, p. 37).

Exemplos disso são as passagens de Oséias 2,21, Isaías 62,5 e Jeremias 31,32.

Como os escritos proféticos são pródigos na linguagem metafórica, isto facilita e sustenta, sem maiores dificuldades, a teoria de Feuillet, que considera o Cântico como parte da tradição profética. Todavia verificamos que Feuillet excede o viés interpretativo na sua argumentação, visto que acredita ter sido o Cântico escrito exatamente com essa finalidade: “é o próprio texto que foi escrito com base nesta identificação, numa relação consciente e estreita com os termos da tradição profética

anterior” (Pelletier, 1995, p. 38). Disto se deduz que a compreensão do Cântico como parte da tradição somente é possível a partir de uma interpretação alegórica do poema, no qual o Amado representa Deus e a Amada representa a nação de Israel.

A partir das conhecidas e explícitas analogias bíblicas referentes a bodas, sob todos os aspectos – desde o encantamento e desejo dos amantes à celebração nupcial, até os desacertos e desencontros, incluindo sofrimento da separação e reconciliação –, com o intuito de expressar o amor, interesse e cuidado de Deus com o seu povo. Por isso, não seria difícil compreender o Cântico como um livro bíblico escrito inteiramente com a finalidade de demonstrar o amor de Deus da maneira mais explícita possível em forma de amor humano.

Esse parece ser o pensamento dos exegetas que argumentam e defendem que o Cântico seja um livro como todos os demais livros que formam a Bíblia. Um livro completo falando de amor, repleto de metáforas, as mais diversas com uma única finalidade: descrever o amor de Deus pelo seu povo e a Aliança firme, perene e fértil com esse mesmo povo e, conseqüentemente, extensiva a nós. Sobre isto, afirma Ravasi (1988, p. 194):

[...] na Bíblia, a simbologia nupcial é a mais viva e constante para definir a relação que existe entre Deus e o homem [...] O mesmo verbo hebraico que, em Gn 2,24, indica o “unir-se”, o “aderir” físico e espiritual do homem à sua mulher (dbq) é o que descreve a adesão do Israel fiel a Deus mediante a Aliança (Jr 13,11). Num texto rabínico (Mekilta do Êxodo 72) se lê:  
 “O Senhor vem do Sinai  
 para acolher Israel  
 como um noivo vai ao encontro de sua noiva”

É no livro do profeta Oséias que encontramos o início e talvez a mais fiel expressão dessa Aliança, que se perpetua em meio a repetidos pactos rompidos por parte do povo, arrependimentos e reconciliação da parte de Deus. Em Oséias, poderíamos dizer que temos a metáfora da Aliança, enquanto em Jeremias temos a narrativa dos acontecimentos que se sucederam nesse pacto entre Deus/esposo e Israel/esposa. Um esposo com amor grandioso e infinito, continuamente retomando a aliança rompida e sempre propenso à graça e ao perdão, de tal modo que seu representante e mensageiro Jeremias fica exasperado. Esse amor que se perpetua, se refaz e não se cansa de se dar e buscar a quem ama, que se repete de novas maneiras e jamais desiste do seu desejo ou propósito, é divinamente simbolizado no

*Cântico dos Cânticos* e curiosamente sintetizado por Ravasi (1988, p. 194-195), quando diz que:

[...] o ponto de partida para traçar essencialmente o itinerário do simbolismo nupcial como sinal teológico poderia ser o testemunho vivo e dilacerante do profeta Oséias (séc. VIII a.C.). Uma leitura [...] da sua poesia profética revela logo um vocabulário particular, o do amor. Amar, seduzir, esposa, matrimônio, meu marido, falar ao coração, noivado, presentes de amor, abandonar, esquecer, trair, mentir, adultério, odiar, cobrir, cobrir-se de vergonha, descobrir a nudez, seguir os amantes, procurar, gerar, ilegítimos, prostituir-se, ter um espírito de prostituição [...]: é um solilóquio e o desabafo sofrido de um enamorado traído que, no entanto, não sabe deixar de amar.

Não haveria outro modo de ser, porque o único parâmetro que temos é o humano. Sobre o divino somente podemos inferir. O que temos de plausível é a nossa experiência humana, e, dela, destacamos o que há de melhor e mais belo para falar de Deus e sobre Ele, por isso, “o esquema teológico nupcial inaugurado por Oséias” (Ravasi, 1988, p. 197) entra intensamente na reflexão de Israel e, reinterpretado por Ez 16, “torna-se uma completa alegoria que traça todo o itinerário de pecado na história de Israel” (Ravasi, 1988, p. 197).

Os relatos dos profetas vão se completando e traçando a história de amor entre Deus e seu povo, e o *Cântico* se apresenta como metáfora por excelência dessa Aliança perene e indissolúvel, que resiste a todas as dificuldades e transgressões e supera todos os obstáculos e possíveis arrependimentos. Poderíamos dizer que os livros dos profetas são a narrativa da relação de Deus e Israel em forma de prosa, enquanto o *Cântico* é a expressão dessa narrativa em forma de poema.

Por conseguinte, parece ser possível afirmar que esse conjunto formado pelos profetas e o *Cântico* se unem enquanto verdadeiro fundamento da relação de Deus com Israel – consequentemente de Deus com a humanidade – expressando a essência mesma desse concerto, que, como tal, supera todas as intempéries numa sinfonia de acordes memoráveis. Uma mínima referência ao livro do Profeta Oséias (Os 2,25) feita por Ravasi (1988, p. 197), ao afirmar que: “[...] com a fórmula solene de Aliança, a separação se anula para tornar-se o ‘sim’ de um matrimônio de amor: ‘Povo meu – Deus meu’”, parece se traduzir numa outra diminuta fala pronunciada pela Amada, no *Cântico dos Cânticos*: “Eu sou do meu amado, e meu Amado é meu” (A Bíblia, 2002, Ct 6, 3, p. 1098).

Seguindo o caminho iniciado com Oséias, também o profeta Jeremias escreve: “Eu me lembro de ti, do amor da tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado,

quando me seguias pelo deserto, por uma terra não cultivada” (Jr 2,2). O mesmo modelo é encontrado no Segundo Isaías que perscruta o relacionamento entre Deus e Israel, expressando-o do seguinte modo:

Porque o teu esposo será teu criador,  
lahweh dos Exércitos é o seu nome.  
O Santo de Israel é teu redentor.  
Ele se chama o Deus de toda a terra.  
Como a uma esposa abandonada e acabrunhada,  
lahweh te chamou;  
Como a mulher da sua mocidade, que teria sido repudiada,  
diz teu Deus.  
Por um pouco de tempo te abandonei,  
mas agora com grande compaixão, te unirei a mim.  
Em momento de cólera,  
escondi de ti o rosto,  
mas logo me compadeci de ti, levado por amor eterno,  
diz lahweh, o teu redentor (A Bíblia, 2002, Is 54,5-8, p. 1341).

E o Terceiro Isaías, também seguindo a mesma linha dos profetas anteriormente citados, diz:

Transbordo de alegria em lahweh,  
minha alma se regozija no meu Deus,  
porque me vestiu com vestes de salvação,  
cobriu-me com o manto da justiça,  
como o noivo que se adorna com o diadema,  
como a noiva que se enfeita com joias.  
Já não te chamarão “Abandonada”,  
nem chamarão à tua terra, “Desolação”.  
Como o jovem desposa uma virgem,  
assim te desposará o teu edificador.  
Como a alegria do noivo pela sua noiva,  
tal será a alegria que teu Deus sentirá em ti (A Bíblia, 2002, Is 61,10; 62,4ab-5, p. 1352-1353).

Segundo a teoria do Cântico, como parte da tradição profética e a partir da perspectiva de um midrax alegórico<sup>5</sup>, o poema conseguiria ser completamente elucidado possibilitando esclarecer, inclusive as questões aparentemente enigmáticas. O Cântico enquanto midrax alegórico ampliaria os textos nupciais encontrados na literatura profética desde o livro de Oséias, a fim de expressar a plenitude da Aliança e o ápice do amor, esperança que é restaurada no pós-exílio, significando, em última análise, que Deus será verdadeiramente conhecido e Amado por Israel, conforme Oséias: “Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei

---

<sup>5</sup> Gênero literário em que os autores costumavam acrescentar pormenores às antigas narrativas, interpretando-as livremente (Pelletier, 1995, p. 39).

a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a mim na fidelidade e conhecerás a lahweh” (A Bíblia, 2002, Os 2,21-22, p. 1587). Apesar disso, o Cântico pode e deve ser interpretado sem nenhuma alegoria, visto tal como realmente se apresenta: um poema de amor humano.

No entanto, uma importante e considerável percepção dos exegetas que advogam se o Cântico seria apenas um poema de amor humano, tal como se apresenta – devendo assim ser interpretado – diz respeito à infidelidade, presente persistentemente nos textos proféticos, contrariamente ao texto do Cântico, no qual o amor é recíproco e exclusivo. Por conseguinte, são diametralmente opostos, não havendo, portanto, respaldo para a interpretação alegórica. Ao contrário, sob esse aspecto, o Cântico é um contraponto não só aos livros proféticos, mas aos demais livros bíblicos que apresentam o modelo poligâmico de relacionamento.

É tendo esse olhar sobre o Cântico, que alguns hermeneutas como D. Lys, citado por Pelletier, diz: "Na verdade, se o *Cântico* não estivesse no cânone, ninguém sonharia em dar-lhe sentido alegórico, mas o tomaria pelo que realmente é" (Pelletier, 1995, p. 43), enquanto P. Winandy, também citado por Pelletier, afirma que o Cântico fala da perfeição e beleza do amor humano. Amor na sua totalidade, o qual é concretizado no corpo.

O Cântico surge não somente como uma literatura diferenciada, em meio aos demais livros bíblicos, mas se destaca, também, e especialmente das culturas vizinhas a Israel, reverenciando o amor humano no que lhe é mais próprio e dignificante: a sua humanidade, o que Pelletier exprime da seguinte forma:

Visto por este ângulo, esse livro teria por objetivo apenas uma experiência fundamental da humanidade, cujo segredo fascinante tem sido muitas vezes questionado e frequentemente sacralizado. A própria Bíblia, que observa seus vizinhos imediatos sexualizando o divino e sacralizando o Eros, se apegava ao discurso franco e venturoso do amor partilhado (Pelletier, 1995, p. 43-44).

## 2.4 RELAÇÃO DO CÂNTICO COM O NOVO TESTAMENTO

Continuando a leitura do *Cântico dos Cânticos* na tessitura bíblica, chegamos ao Novo Testamento e, similarmente, segundo os estudiosos que defendem a interpretação alegórica, observamos textos neotestamentários que fundamentariam tal hipótese, segundo a qual, à primeira vista, as relações intertextuais poderiam

passar despercebidas, no entanto, com alguma acuidade, poder-se-iam observar identificações pontuais.

Nos Evangelhos sinóticos, por exemplo, haveria dois textos que fazem alusão aos esponsais entre Jesus e a Igreja. Dentre eles, o mais evidente seria o que trata sobre o jejum (A Bíblia, 2002, Mt 9,14-15, p. 1719). Ali, Jesus se declara expressamente como noivo/esposo. Os teóricos da hipótese alegórica veem, nessa afirmação de Jesus como noivo/esposo messiânico, uma relação com o *Cântico*.

O segundo texto é o que relata a parábola do rei que celebra as bodas do filho, conforme é descrito em Mateus 22,1-14. De maneira indireta, há “a parábola das dez virgens, abrigoando o mistério de uma esposa invisível, identificável com o grupo das dez virgens que esperam o esposo (Mt 25,1-13)” (Pelletier, 1995, p. 42).

Além desses textos citados, Feuillet faz menção à descrição da teofania, que acontece por ocasião do batismo de Jesus (Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22):

“O Espírito Santo desce sobre Jesus na forma de pomba, porque o Messias e o Espírito, estreitamente ligados devem fazer parecer, junto com o povo de Deus do tempo da graça, esta Esposa mística que várias vezes o *Cântico* designa pelo nome de pomba (2,14; 5,2; 6,9)” (Feuillet apud Pelletier, 1995, p. 41).

Este tipo de argumentação mostra a fragilidade da hipótese alegórica, porque a simples menção a uma pomba no batismo de Jesus não necessariamente tem o mesmo sentido que a pomba citada no *Cântico*.

Chegamos ao Evangelho de João e encontramos a narração das bodas de Caná da Galileia e, mais uma vez, estamos diante do “tema dos esponsais do Messias, projetando a figura nupcial de Deus do *Cântico*, [...] onde Cristo representa o Esposo que vem, pela encarnação, unir-se à humanidade, consumando a Aliança” (Pelletier, 1995, p. 42). O que é testificado por João Batista quando diz:

Vós mesmo sois testemunhas de que eu disse:  
 ‘Não sou eu o Cristo, mas sou enviado adiante dele’.  
 Quem tem a esposa é o esposo;  
 Mas o amigo do esposo,  
 Que está presente e o ouve,  
 É tomado de alegria à voz do esposo.  
 Essa é a minha alegria e ela é completa! (A Bíblia, 2002, Jo 3,28-29, p. 1849).

Mais uma vez, para os teóricos da hipótese alegórica, o texto acima teria uma relação com o *Cântico dos Cânticos*.

Findando a apreciação do *Cântico dos Cânticos* em sua possível relação com os Evangelhos, vale salientar que o “relato da aparição de Jesus ressuscitado a Maria de Magdala pode também evocar o amado do *Cântico*: ambos (sic), a Amada e a Madalena, procuram aquele que amam, indagam como encontrá-lo, reconhecem-no quando ele aparece” (Pelletier, 1995, p. 42). Neste ponto, concordamos que o autor do IV Evangelho pode ter se inspirado no Cântico para escrever o encontro entre o Ressuscitado e a Discípula no jardim.

Continuando no caminho do Novo Testamento, chegamos aos escritos paulinos, em que o paralelo Cristo-Igreja/homem-mulher é utilizado e intensificado pelo Apóstolo. Os teóricos da interpretação alegórica veem nisso uma confirmação da referida hipótese, o que pode ser confirmado em Ef 5,25-27:

E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. (A Bíblia, 2002, Ef 5,25-27, p. 2046).

Essa Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga, estaria se reportando à Amada do Cântico: “És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito” (A Bíblia, 2002, Ct 4,7, p. 1094).

Por último, no livro do Apocalipse, a “Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de dez estrelas” (Ap 12,1) (A Bíblia, 2002, Ap 12,1, p. 2154) adequa-se de modo singular ao texto do Cântico, que diz: “Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol [...]” (A Bíblia, 2002, Ct 6,10, p. 1099).

Diante das possibilidades de leituras do *Cântico dos Cânticos* contempladas até então, há algo bastante importante a ser considerado, que consiste em libertar a sexualidade e o erotismo da religiosidade, ou seja, no Cântico, a relação sexual não tem qualquer finalidade religiosa, é tão somente uma relação de amor e desejo puramente humanos vivenciados para o deleite dos amantes.

No capítulo seguinte serão apresentadas indicações sobre como conduzir uma análise literária atenta e, quiçá, ampliada do *Cântico dos Cânticos*.

## SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo apresentar uma visão panorâmica do livro bíblico intitulado *Cântico dos Cânticos*, poema de amor que se caracteriza pelo uso

livre e rebuscado de vocabulário erótico, descrevendo detalhadamente características físicas dos amantes, o que é denominado com o termo árabe *wasf*, evocando, assim, intensas respostas emocionais no leitor.

O texto apresenta as diferentes posições de estudiosos, que têm se dedicado a interpretar adequadamente a natureza erótica desse Cântico, o que sugere pesquisas e análises robustas necessárias para se apreciar adequadamente a complexidade desse livro-poema, de modo a evitar interpretações excessivamente simplistas ou reducionistas, que se limitam a considerá-lo apenas como alegórico. Argumenta-se que o *Cântico dos Cânticos* não deve ser questionado tão somente por não mencionar Deus explicitamente ou por não conter ensinamentos religiosos.

No geral, o capítulo enfatiza a necessidade de uma abordagem diferenciada e detalhadamente apreciativa e analítica para o estudo do *Cântico dos Cânticos*, com a finalidade de encontrar novas perspectivas que permitam ir além do que foi considerado até então pelos pesquisadores nesse texto bíblico complexo e evocativo.

### 3 HISTÓRIA DA REDAÇÃO E ANÁLISE LITERÁRIA

*Já os ventos recolheram  
Já o verão se nos oferece  
Quantos frutos quantas fontes  
Mais o sol que nos aquece  
(Alegria – José Saramago)*

A história da redação é possível quando há suspeita de que o texto bíblico tenha sofrido uma evolução, acréscimos ou supressões antes da sua forma atual. Dessa maneira, elementos internos são os principais indícios de modificações sofridas pelo texto. A análise literária torna-se, então imprescindível para a história da redação.

Em meio às fartas controvérsias em torno do *Cântico dos Cânticos*, a maior delas reside justamente na datação do texto, que está intrinsecamente relacionado às demais dissensões, quais sejam, formação e origem do texto. Dito de outro modo, significa que, em função de seu local de procedência e de como se acredita ou se supõe que tenha sido elaborado, a época da sua gênese varia, em consonância com essas outras variáveis. Assim, considerando essa questão como primordial, cabe pensar o Cântico como obra unitária ou como partes que se foram unindo dando a ideia de unidade. Posicionando-se sobre essa indagação, Pelletier diz:

O *Cântico* deve ser considerado como um texto oriundo de uma única vertente, com unidade orgânica? Alguns se arriscam a ver nele a evidência de um desenvolvimento progressivo, orientado e mantido cuidadosamente. Estas representam a linha de interpretação dramática argumentada desde o século XVIII (Jacobi) e retomada diversas vezes depois (em particular por Renan). Em sentido oposto outros intérpretes tendem a ver no *Cântico* a antologia de cantos nupciais recolhidos e enfeixados num só volume a partir da sua temática comum (Pelletier, 1995, p. 14).

A essas questões não unânimes, aliam-se as divergências também no que concerne à estrutura do poema, existindo, em torno disso, posições bastante divergentes, já que “Enquanto alguns chegam a enumerar cinquenta e duas unidades no *Cântico* (Krivetzki), outros, como A. Robert o dividem em cinco poemas” (Pelletier, 1995, p. 14). Há, no entanto, muitas outras formas e número de divisão do poema a partir da visão de outros tantos exegetas, como poderemos observar nas duas propostas apresentadas a seguir.

### 3.1 HIPÓTESES SOBRE A COMPOSIÇÃO DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

A primeira proposta, defendida por A. Robert e assumida pela Bíblia de Jerusalém, distingue cinco poemas identificados pela presença de descrições do Amado e da Amada e do tema da pertença mútua. Tais poemas são interpretados a partir do aprofundamento dos sentimentos e da aproximação progressiva dos protagonistas. A estes poemas são acrescentados um epílogo (Ct 8,5-7) e um apêndice (Ct 8, 8-14).

Título e prólogo (1,1-4)

1º poema (1,5-2,7)

2º poema (2,8-3,5)

3º poema (3,6-5,1)

4º poema (5,2-6,3)

5º poema (6,4-8,4)

Epílogo (8,5-7)

Final (8,8-14) (Pelletier, 1995, p. 15).

A segunda hipótese, proposta por R.J. Tournay, divide o poema em dez cantos, completando e aperfeiçoando a pesquisa de A. Robert, e servindo de base a diversos estudos recentes, como o de P. Beauchamp, por exemplo.

Título e prólogo (1,1-4)

1º canto (1,5-2,7)

2º canto (2,8-17)

3º canto (3,1-5)

4º canto (3,6-11)

5º canto (4,1-5,1)

6º canto (5,2,8)

7º canto (5,9-6,3)

8º canto (6,4-10)

9º canto (6,11-7,11)

10º canto (7,12-8,4)

Epílogo (8,5-7)

Apêndices (8,8-14) (Pelletier, 1995, p. 15).

É a linguística que fundamenta a exegese na proposição da datação da obra, uma vez que os vocábulos presentes no texto indicam possíveis origens e a época histórica em que predominavam. Portanto, é a análise literária do texto que possibilita identificar o momento histórico de sua escrita.

Enquanto um vocábulo emprestado do grego (*'appiryôn* em 3,9, de *phoreion*, “palanquim”) e outro do persa (*pardes* em 4,13, de *pari-daidam*, “jardim paraíso”) apontam para um *terminus ante quem non* no século V a.C., a coroação do casado (3,11) parece desconhecida antes da época helenística. A presença de numerosos aramaísmos, tendendo para o hebraico da

Mishnah, bem como certo parentesco de ambiente com os elementos simposiastas do livro de Coélet fazem inclinar a balança para o século III a. C., ao menos no tocante à disposição redacional do conjunto (o que não exclui acréscimos pontuais ainda nos séculos II e I a. C. (Uehlinger, 2015, p. 643-644).

As palavras de Uehlinger expostas acima validam o que foi citado anteriormente por Pelletier: o *Cântico dos Cânticos*, tal como o temos hoje na Bíblia, seria o resultado de uma composição evolutiva do texto, o que seria uma primeira proposição a respeito do surgimento do poema. Não obstante, há uma segunda possibilidade, que é a do Cântico ser uma compilação de vários poemas de amor de épocas diferentes, tão bem trabalhados e estruturados que aparentam ser um texto único, que se apresenta como uma bela e *sui generis* história de amor.

Contudo, há ainda uma terceira perspectiva: embora os indícios linguísticos direcionem para momentos históricos diversos, não invalida a concepção de ter sido o Cântico composto já como o conhecemos, pois, mesmo usando vocábulos de épocas e culturas diversas, o Cântico pode ter sido composto em uma data mais recente, quando já havia, por parte de Israel, uma assimilação de termos de várias culturas (Uehlinger, 2015, p. 644).

Continuando a trajetória em busca de indícios que permitam indicar a data, encontramos “as referências a Ein-Guedi e aos perfumes lá produzidos, o que pode remeter à época persa e helenística como ao século VII a. C”. No entanto, é sabido que os cânticos de amor e a arte da sedução eram algo bem presente na Jerusalém pré-exílica, como é possível perceber em Is 3,16-24; 5,1 (Uehlinger, 2015, p. 644)

A paisagem geográfica descrita no Cântico é algo que explicitamente aponta para o caráter autóctone da maioria dos poemas que o compõe. Lamentavelmente, pouquíssimo se conhece sobre a poesia amorosa cananeia, filisteia, amonita ou idumeia do primeiro milênio a.C. para estabelecer comparações. Todavia, provavelmente o *Cântico dos Cânticos* guarde semelhanças também com essas poesias.

Embora haja divergências, a tendência da exegese contemporânea, a partir das abordagens sincrônicas, é pela unidade do *Cântico dos Cânticos*, sendo sugerido, pelos vários autores, como Heinevetter e Dorsey, um plano de conjunto na análise de sua estrutura e composição. Esses autores identificam um plano em quiasmo, girando em torno de um eixo representado pelo apelo de Ct 5,1b, como podemos observar a seguir (Uehlinger, 2015, p. 641):

- A. No palácio de Salomão (1,2-2,7)  
 1,2-6 – A jovem na casa do rei e no harém  
 1,7-8 – Diálogo fictício com o amante ausente  
 1,9-11 – A jovem adornada  
 1,12-14 – A lembrança do amante ausente  
 1.15-17 – Palácio ou jardim? (diálogo com o amante)  
 2,1-6 – Doença de amor  
 2,7 – Refrão (invocação das filhas de Jerusalém)  
 B. Encontro furtivo e primeira escapada (2,8-3,5) amante  
 2,8-14 – O amante na janela (*paraklausitiran*)  
 2,15-16 – Encontro furtivo  
 2,17 – Apelo ao amante  
 3,1-4 – Procura noturna  
 3,5 – Refrão (invocação das filhas de Jerusalém)
- C. Casamento real (Salomão) (3,6-5,1)  
 3,6-8.9-11 – Luxo do casamento  
 4,1-3.4-7 – Exaltação amorosa I (*wasf*)  
 4,8-11 – Convite de casamento  
 4,12-5,1a – Entrar no jardim, colher o fruto  
 5,1b – Apelo à alegria  
 B'. Encontro fracassado, nova escapada e reencontros (5,2-6,10)  
 5,2-7 – Encontro noturno fracassado (*paraklausitiran*)  
 5,8 – Refrão (invocação das filhas de Jerusalém)  
 5,9 – Pergunta das filhas: como é teu amante?  
 5,10-6,1 – Exaltação do amante (*wasf*)  
 6,1 – Pergunta das filhas: onde está teu amante?  
 6,2-3 – Reencontros no jardim  
 6,4-7 – Exaltação amorosa II (*wasf*)  
 6,8-10 Única pomba
- A'. A "Sulamita" entre os carros de Aminadib (6,11-8,4)  
 6,11-7,1 – Deslocamento e dança  
 7,1-10 – Exaltação amorosa III (*wasf*)  
 7,11-14 – Convite dirigido ao amante  
 8,1-3 – Se apenas tu fosses meu irmão!  
 8,4 – Refrão (invocação das filhas de Jerusalém)

Epílogos: força e fraqueza do amor (8,5-14)  
 8,5 – Paródia sobre o casamento  
 8,6-7 – O amor não teme a morte  
 8,8-10 – Paródia sobre as disposições nupciais  
 8,11-12 – Paródia sobre as riquezas de Salomão  
 8,13-14 – Amor impossível (diálogo) (Uehlinger, 2015, p. 642-643)

Com esse quadro, é possível observar uma unidade bem estruturada do Cântico, o que contribui para a consideração de uma datação mais recente e que confirma as duas últimas perspectivas apresentadas acima.

### 3.2 DISCUSSÃO REFERENTE À ESTRUTURAÇÃO DO CÂNTICO

Até o século XVIII, segundo Franz Rosenberg, havia uma concordância entre os estudiosos do *Cântico dos Cânticos* em relação à unidade do livro, ou seja, um

único autor o teria escrito e determinado sua estrutura unificada. Todavia, a ciência bíblica dos séculos que se seguiram produziu várias novas teorias e alguns pesquisadores afirmavam ser o Cântico uma “antologia de líricas de amor, enquanto outros o consideram uma compilação artificial de vários poemas” (Deckers, 2000, p. 194).

Diante da ausência de consenso entre os estudiosos e comentadores, a estrutura a ser analisada e acolhida como a que mais se adequa será aquela demonstrada por M. Deckers, em seu ensaio intitulado *A estrutura do Cântico dos Cânticos e a centralidade de nephesh (6,12)*, que é baseado em uma conferência apresentada na Sociedade Bíblica Holandesa de St Hiëronymus, no ano de 1988. Ela mesma, tendo dúvidas, arrisca fazer suas afirmações, baseada na fundamentação estrutural e semiótica, desenvolvendo, assim, a sua análise, que propõe uma nova e diferenciada tradução para a passagem de Ct 6,12, como será apresentada adiante. Na Bíblia Hebraica, a palavra *nephesh* tem muitos significados diferentes: alma, ser vivo, vida, indivíduo, pessoa, desejo, apetite, emoção e paixão, como pode ser observado em passagens como: Jó 14,22; 1Rs 17,21-22; Gn 2,7.19; Dt 12,23-24; Ex 21,23; Sl 124,7; Pr 27,7; 18,25; Ex 24,21.

Deckers utiliza como parâmetro para a estrutura do Cântico o método semiótico gerativo de A. J. Greimas (Deckers, 2000, p. 197), que é baseada na teoria dos signos do linguista francês F. Saussure e tem como “ponto de partida a potencialidade que os seres humanos têm de perceber os contrastes fundamentais da realidade”. Para Greimas, explica a autora,

cada “universo de significado” [...] é gerado por meio de uma trajetória [...] que consiste em três níveis.

O primeiro nível é chamado nível fundamental ou profundo, é um nível lógico e abstrato, formado por um contraste fundamental [...]. O segundo nível é chamado de nível da superfície narrativa: nele as categorias abstratas do nível profundo são convertidas em sujeitos e objetos formais [...]. O terceiro nível é o nível discursivo: trata-se de um nível figurativo. As formas abstratas [...] são convertidas em “realidade” [...]. E assim, ao construir o nível discursivo, o enunciador constrói o autor exatamente como qualquer outro sujeito cria sua própria existência semiótica ao construir um objeto (Deckers, 2000, p. 197, nota 14).

A estratégia de segmentação utilizada por Deckers para sua análise semiótica teve como critério a crescente tensão emocional percebida por ela, à medida que o Cântico vai se desenvolvendo, tanto no que se relaciona aos sentimentos eufóricos e eróticos expressos nas suas exuberantes metáforas, como nos sentimentos disfóricos

de tristeza, o que acontece, por vezes, num movimento cíclico. A análise do texto pautou-se na escolha de dois pares de expressões de beleza (1,15; 4,1a), denominados ‘refrões de beleza’ como pontos de delimitação, por demarcarem uma grande perícopes à qual ela chamou de Cântico da Beleza (Deckers, 2000, p. 200).

O “Canto da Beleza” se subdivide em seqüências menores, como será demonstrado a seguir (Deckers, 2000, p. 200-201):

**Quadro 3 – Estrutura do Canto da Beleza I**

| Seqüências      | Versículos  | Descrição   | Locutor  |
|-----------------|---|---|--|
| I<br>1,15-2,6   | 1,15<br>1,16a<br>1,16b-17<br>2,1<br>2,2<br>2,3<br>2,4<br>2,5<br>2,6 | <i>Refrão de Beleza</i><br>expressão de beleza<br>consciência erótica (casa)<br>açafião<br>açucena<br>macieira / maçã<br>bandeira - amor - vinho (casa)<br>doença / sustento<br><i>Abraço</i> | homem<br>mulher<br><br>homem<br>mulher                                     |
| II<br>2,7-16    | 2,7<br>2,8-10<br>2,11-13<br>2,14<br>2,15<br>2,16                    | <i>Conjura</i><br>dinâmica -estática (parede)<br>prazer da primavera<br>mulher escondida nas rochas<br>raposas nas vinhas<br>expressão de amor  | mulher<br><br>homem<br><br>solo<br>mulher                                  |
| III<br>2,17-3,5 | 2,17<br>3,1<br>3,2<br>3,3<br><br>3,4<br>3,5                         | brisas do dia<br>noite / procurar – não encontrar<br>levantar-se – rondar<br>buscar – não encontrar<br>guardas<br>encontrar (casa)<br><i>Conjura</i>  | mulher<br><i>nepesh</i><br><i>nepesh</i><br><i>nepesh</i><br><i>nepesh</i> |
| IV              | 3,6<br>3,7<br>3,8<br>3,9-10<br>3,11<br>4,1a                         | <i>Deserto</i><br>cortejo de Salomão<br>60 heróis<br>liteira<br>filhas de Sião / mãe de Salomão<br><i>Refrão de Beleza</i>  | solo<br><br><br><br><br>homem  |

Fonte: Deckers, 2000, p. 201.

Há um segundo par de refrões de beleza (4,1b-3; 6,5b-7) que encerra uma grande perícopes denominada Cântico da Noiva (Deckers, 2000, p. 202-203):

**Quadro 4 – Estrutura do Canto da Beleza I ou Canto**

| Seqüências    | Versículos                            | Descrição   | Locutor                 |
|---------------|---------------------------------------|---|-------------------------|
| I<br>4,1b-7   | 4,1b-3<br>4,4-7                       | <i>Refrões de Beleza</i><br><i>prolongamento dos refrões de beleza</i>  | Homem                   |
| II<br>4,8-5,1 | 4,8-11<br><br>4,12<br>4,13-15<br>4,16 | <i>A chegada da noiva</i><br>ver / sentir / cheirar / provar<br>jardim<br>água <i>paraíso</i> água<br><i>meu jardim / o jardim dele</i> | Homem<br><br><br>mulher |

|               |  |   |  |
|---------------|--|---|--|
|               | 5,1a<br>5,1b                           | <i>meu jardim</i><br>amigos, beber  | homem  |
| III<br>5,2-8  | 5,2<br><br>5,3-4<br><br>5,5<br><br>5,6 | <i>Desejo</i><br><i>mulher</i><br>passivo<br>dormir<br><br>negativa<br>por quê?<br>ativo<br>levantar-se<br>muito ativa<br>abrir ( <i>nephesh</i> )<br>buscar / chamar | <i>homem</i><br>ativo<br><br>bater<br>ativo<br><br><br><br>negativo<br>voltar-se<br>passivo<br>desaparecer |
|               | 5,7-8                                  | <i>Reação do Ambiente</i><br><i>Mulheres</i><br>positivo<br>diálogo   | <i>homens</i><br>negativo<br>golpe / ferimento   |
| IV<br>5,9-6,3 | 5,9<br>5,10-16<br>6,1<br>6,2<br>6,3    | <i>Diálogo com as filhas</i><br>questão “o quê?”<br><i>wasf</i><br>questão “onde?”<br>ele desceu<br>afirmação do amor   | filhas<br>mulher<br>filhas<br><br>mulher   |
| V<br>6,4-7    | 6,4-5<br>6,6-7                         | prolongamento do refrão de beleza<br><i>Refrão de beleza</i>  | Homem  |

Fonte: Deckers, 2000, p. 203.

A comparação entre esses dois cantos faz perceber que a disjunção tímica é deveras eficaz na segmentação de Greimas (Deckers, 2000, p. 204)

O terceiro canto seria o Canto de Amor, que se ancora na questão “Quem é esta?” (Deckers, 2000, p. 206)

#### Quadro 5 – Canto de Amor

| Sequências      | Versículos                              | Descrição   | Locutor                                       |
|-----------------|---|---|---|
| I<br>6,8-10     | 6,8<br>6,9<br>6,10                      | multidão de mulheres<br>singularidade<br>questão “quem é esta?”   | Solo<br>homem<br>solo                         |
| II<br>6,11-7,11 | 6,11<br>6,12<br>7,1-7<br>7,8-10<br>7,11 | descida ao jardim / nogueiras<br><i>nephesh</i> = <i>veículo</i><br><i>wasf</i><br>desenvolvimento do <i>wasf</i><br>afirmação do amor - desejo | Homem<br>mulher<br>homem<br><br>mulher        |
| III<br>7,12-8,4 | 7,12-14<br>8,1-4                        | convite ao erotismo<br>familiar<br><br>mãe<br>irmão<br><br>modelos<br>relacionais<br>amigáveis  | Mulher<br><br><br><br><br>filhas de Jerusalém |
| IV              | 8,5                                     | questão “quem é esta?”  | Solo  |

|       |       |  |        |
|-------|-------|--|--------|
| 8,5-7 | 8,6-7 | radicalização do amor<br>morte – amor<br>Sheol – paixão<br>fogo de Yah<br>águas<br>fundamentação jurídica<br>selo = respeito<br>significado da casa = desprezo | mulher |
|-------|-------|--|--------|

Fonte: Deckers, 2000, p. 206.

A análise estrutural desse canto resulta na hipótese de que o *Cântico dos Cânticos*, como uma posição contínua, consista em três cantos principais, precedidos por uma Coda<sup>6</sup> (8,8-14) (Deckers, 2000, p. 207). Interessante ressaltar que a Coda volta ao tema “vinhas”, porém, com uma lapidar diferença: na Introdução, a Amada trabalha na vinha; na Coda, ela habita o jardim.

Deckers chama a atenção para o “movimento poético” do Cântico, que segundo sua análise, acontece de alto a baixo e de baixo a alto, sendo uma característica utilizada de maneira consciente por quem escreveu o poema, nas referências às descrições geográficas, como ao corpo dos amantes. Baseando-se nessa perspectiva, propõe, como versículo central, o 6,12, por estar situado estrategicamente no centro dos movimentos de subida e descida, no texto.

Por conseguinte, seria esse o versículo mais importante de todo o Cântico. Ao adotar essa perspectiva, ela se coloca na direção oposta do que é considerado por grande parte dos exegetas como um erro no texto. Para ela, seria “o resultado de uma elaboração acurada e deliberada [...]. De acordo com a poética hebraica, 6,12 deve ter tido seu próprio significado intrínseco e decisivo” (Deckers, 2000, p. 212, 216). Deckers (2000, p. 218) fez sua própria tradução no versículo que difere das demais traduções já conhecidas:

Eu não sei,  
 Meu ser me determina,  
 veículo do meu nobre povo (A Bíblia, 2002, Ct 6,12, p. 1099)

Seguindo a hipótese de Deckers, em que o termo *nephesh*, incluído na série de sentenças acima, usado sete vezes (1,7;3,1.2.3.4; 5,6; 6,12) e sendo que a sétima ocorrência se dá no enigmático versículo 6,12 que, como já mencionamos, tem sido

<sup>6</sup> Seção conclusiva de uma composição (sinfonia, sonata) que serve de arremate à peça.

traduzido de diversas formas nos idiomas modernos e que cada tradução o torna mais estranho, consideramos que há uma espécie de sofisticação nestas sentenças, que o Cântico representa principalmente os sentimentos da mulher “e que é a autoconsciência da mulher que está mais evidente nas cenas disfóricas” (Deckers, 2000, p. 218). Isto sustentaria a hipótese de que Ct 6,12 não deveria ser considerado como um versículo truncado e sem nexos, mas como o resultado de uma elaboração poética acurada e deliberada, análise essa que possibilita a constatação abaixo:

[...] para quem percebe a unidade de conjunto e os ecos internos, as repetições e os refrãos, seus cinco cantos mostram e expressam [...] uma transformação manifesta na amada. Uma abertura se deu enquanto crescia e amadurecia o desejo (d'Hamonville, 2024, p. 94)

Dessa forma, defendemos, com Deckers, que o significado potencialmente complexo da palavra *nephesh* sugere que, no *Cântico dos Cânticos*, ela é uma palavra essencial no que se refere à Amada, porque fala da sua vitalidade, seu princípio de vida. Por isso, devemos traduzir substantivo hebraico com sufixo (náphshi), como "meu ser".

Assim como Deckers, ao analisar e tentar captar o sentido do *Cântico dos Cânticos*, percorrendo com vagar cada um dos seus versos, também nos debruçamos sobre esse versículo, em especial, por parecer, à primeira vista, não muito claro. A falta de clareza, contudo, exigia averiguação, pesquisa e análise adequada, o que resultou na tradução que se segue de Ct 6,12, transliterado e traduzido:

*Lo' yadá'ti náphshi*  
Eu não conhecia meu próprio desejo

*samátny mar<sup>e</sup>kvôt 'ammy-nadyv*  
Ele me fez ver a minha nobreza

O significado, portanto, é profundo e imensurável, encerrando nele a essência do *Cântico dos Cânticos*.

O *Cântico dos Cânticos*, certamente mais do que qualquer outro texto bíblico, precisa ser analisado palavra por palavra, porque uma só palavra pode ter um grande significado, já que é um poema e como tal, repleto de metáforas. Podemos afirmar que o Cântico é, todo ele, uma metáfora, construído por várias outras que formam o todo. Dessas metáforas, há algumas facilmente decifráveis ou de claro significado,

enquanto outras são um verdadeiro enigma para quem lê esse texto hoje, pela distância histórica e, também, geográfica, o que significa dizer considerável diferença cultural, por ter sido escrito no Oriente e estarmos lendo no Ocidente, após mais de dois mil anos que o texto foi escrito. Esses dois distanciamentos fazem com que encontremos nele determinadas expressões que nos são totalmente estranhas, como é o caso de "ele fez de mim os carros de Aminadib", como está em várias edições da Bíblia. Então, em relação a essa expressão, fizemos um esforço maior, tentando compreender para melhor explicitar.

Além da falta de clareza desse versículo, surpreendeu-nos a diversidade de tradução que havia nas diferentes Bíblias consultadas. Ao observarmos essas diferentes traduções, fomos impelidas a verificar quais as palavras que compõem esse versículo em hebraico e seus sinônimos nessa língua. Isso porque um tradutor escolhe, diante dos sinônimos de cada palavra, a que mais se adequa ao texto que se encontra em processo de tradução. Essa escolha é o que leva à afirmação de que toda tradução é uma interpretação, porque há sinônimos de uma mesma palavra com diferentes significados.

Ao buscar os termos em hebraico, encontramos as palavras "nobre" e "nobreza", o que faz com que conste, em algumas traduções bíblicas, "meu povo nobre" ao invés de "carros de Aminadib". Aparentemente, não há qualquer similitude entre essas duas expressões. De posse das palavras hebraicas que formam o versículo, dos seus sinônimos, e considerando a proposta do próximo e último capítulo da dissertação que trata sobre o desejo no seu sentido mais amplo, vimos que aquelas palavras tinham toda relação com o que seria tratado mais adiante.

A Psicanálise afirma que o desejo é estruturante do sujeito. Paul Beauchamp, teólogo e não psicanalista, confirma essa visão da psicanálise, como será possível constatar mais adiante. Por sua vez, Tolentino de Mendonça, biblista, diz que a sexualidade é fundante.

Voltando então ao Ct 6,12, na redação escrita na Bíblia de Jerusalém, lemos:

Eu não conhecia o meu coração  
ele fez de mim os carros de aminadib (A Bíblia, 2002, Ct 6,12, p. 1099)

A partir dessa tradução, das palavras hebraicas e do objeto que pode ser considerando um dos pilares do *Cântico dos Cânticos*, considerando a nossa análise do texto, foi possível sugerir outra tradução similar à tradução da Bíblia de Jerusalém,

substituindo algumas palavras que tem significados semelhantes, porém faz todo sentido diante do que foi pesquisado e analisado. Nesse momento, foi perceptível que esse versículo, ao qual não é dada tanta importância pelos estudiosos do *Cântico dos Cânticos*, seria o versículo central do poema bíblico.

Após essa descoberta valiosa, encontramos um ensaio de uma biblista que, analisando o aspecto estrutural do Cântico – considerou, a despeito de outros exegetas – que esse é o versículo central do *Cântico dos Cânticos*, porém ela fez uma nova tradução, diferente das que se encontram nas variadas versões bíblicas, e, também, diferente da que eu fiz. A grande e positiva descoberta foi a concordância em relação à importância desse versículo.

Poderíamos dizer que, ele, o Amado, através do sentimento imensurável que perpassa todo o poema, propiciou à Amada desvelar e se apropriar do seu próprio ser e do seu próprio valor, até então desconhecido por ela. O amor é revolucionário, insurgente, audaz e, por isso, verdadeiramente transformador. Desse modo, impulsionou autonomia, poder de decisão, liberdade e consciência do próprio desejo à mulher protagonista do Cântico, considerando que:

[...] a Bíblia é um acúmulo de experiências humanas, não seria um pouco estranho se não fossemos capazes de encontrar nela uma profunda e adequada descrição da experiência universal do amor? Talvez o poeta queira revelar alguma nova sabedoria para o leitor. Parece que a *nepshesh* desta mulher é digna de louvor (Deckers, 2000, p. 220).

### 3.3 CANONIZAÇÃO

A canonicidade do *Cântico dos Cânticos* foi objeto de acurado debate, ocorrido no final do primeiro século da nossa era em Yavné ou Jamnia.

[...] é impossível decidir com precisão a partir de quando e por quais razões o *Cântico* entrara no cânon judaico das Escrituras. O mais provável é que ali tenha figurado naturalmente, favorecido por sua leitura alegórica. Seja como for, é desse modo que deviam interpretá-lo em Qumrã, onde era conhecido, pois se encontraram quatro exemplares do livro em sua biblioteca (Pelletier, 1995, p. 48).

No cerne da celeuma, em fins do século I, estava a questão da sacralidade/santidade ou não do poema *Cântico dos Cânticos*. O Rabi Akiba posicionou-se categoricamente afirmando que jamais alguém em Israel havia posto em dúvida que o Cântico teria sido inspirado e, portanto, santo.

A controvérsia, no entanto, não significa que possamos afirmar que antes de Jamnia, o Cântico estivesse fora do cânon judaico. A posição do Rabi Akiba em tal momento teria dupla finalidade: primeiramente, que existia, à época, o uso profano do poema, uma vez que ele “proibiu energicamente que o Cântico fosse interpretado em ‘salas de banquetes’ e que fosse tratado como canção secular” (Asensio, 2008, p. 397). Em seguida,

tende a confirmar a posição eminente do Cântico no judaísmo da época, quando declara que “o mundo inteiro não vale o dia em que o Cântico foi dado a Israel. Todas as Escrituras são santas, mas o *Cântico* é o Santo dos Santos” (Tratado Yadaim 3,5) (Pelletier, 1995, p. 48).

É imprescindível atentar para as considerações feitas por C. Uehlinger no que diz respeito ao Cântico no cânon. São considerações valiosas e perspicazes que implicam necessária e decisivamente a visão, interpretação e intuito do estudo do *Cântico dos Cânticos*. Chama a atenção o que é expresso por ele ao introduzir esse tema relativo ao cânon das Escrituras. Ele diz que o faz com “precaução e delicadeza” e apenas em um segundo tempo, e segue dizendo que

a presença do Cântico dos Cânticos pode, certamente, aguçar nosso entendimento da gênese histórica do cânon, que foi, primeiro, uma espécie de ampla biblioteca na qual a distração e o divertimento não deviam faltar mesmo quando se tratava de assuntos sérios [...] (Uehlinger, 2015, p. 650).

Para embasar sua afirmação, faz referência a um trecho do livro de Macabeus que diz: “De fato, como é nocivo beber somente vinho, ou somente água, ao passo que o vinho misturado à água é agradável e causa um prazer delicioso, assim é a arte de dispor a narrativa, que encanta a inteligência de quem lê o livro [...]” (A Bíblia, 2002, 2Mac 15,39, p. 796). É levantada por ele a questão da canonicidade versus interpretação alegórica assegurando que “talvez nunca se saiba se a canonicidade do Cântico dos Cânticos gerou sua interpretação alegórica ou o contrário” (Uehlinger, 2015, p. 650).

#### 3.4 POSSIBILIDADES DE LEITURAS DO TEXTO CANÔNICO

Como não poderia ser de outro modo, a riqueza e exuberância do Cântico provocou diferentes interpretações que, por sua vez, foram apresentadas de maneiras diversas por diferentes estudiosos no curso da história da pesquisa. Essas elaborações suscitadas pela análise do texto foram evoluindo e resultando em novas

leituras. No livro *Como ler o Cântico dos Cânticos: o amor é uma faísca de Deus*, os autores afirmam que

bem cedo entre os judeus e, mais tarde, entre os cristãos, o Cântico perdeu seu teor explícito de crítica ao contexto histórico-social do pós-exílio. Tirado de seu contexto, restava a questão: como compreender esse livro e suas alusões tão cruas ao sexo, erotismo e amor? (Storniolo; Balancin, 1991, p. 13).

Para esses autores, essa interrogação provoca duas perspectivas como resposta, que, por sua vez, inspiram duas interpretações: uma religiosa e outra profana. Sobre essas duas formas de interpretação, o referido livro faz uma sucinta e perfeita síntese. No que concerne à interpretação religiosa,

[...] o Cântico fica inteiramente espiritualizado, e o amor humano de que trata é simplesmente uma grande parábola sobre o amor que liga Javé ao seu povo – a amada seria Israel, e o amado, o próprio Javé. Foi certamente graças a essa interpretação que o Cântico entrou na lista dos livros sagrados. Os cristãos continuaram essa visão judaica, adaptando-a à fé segundo o Novo Testamento: Cristo seria o amado, e o povo cristão seria a amada; o Cântico seria a parábola sobre o amor de Cristo pela Igreja (veja Ef. 5,32). Na Idade Média, a interpretação se amplia: a amada seria a humanidade inteira (Storniolo; Balancin, 1991, p. 13).

No que diz respeito à interpretação profana, o Cântico é visto como uma antologia de cânticos de amor para celebrar o amor humano. Embora seja a interpretação mais aceita atualmente, ela não é recente, já se fazendo presente entre os judeus no primeiro século de nossa era. Essa interpretação, todavia, não vai dar conta de justificar como esse livro se inseriu entre os escritos sagrados. As demais interpretações, tais como interpretação litúrgica, interpretação cultural, interpretação mitológica e interpretação alegórica, são consideradas, pelos autores do livro já referido, como desdobramentos das duas interpretações anteriormente citadas. Segundo eles, seriam também religiosas ou profanas, ou ainda, um misto de ambas. Em contrapartida, eles propõem que deveriam:

[...] remodelar os nossos conceitos dicotômicos, que separam o sagrado e o profano, e falar do divino que se revela através do humano, dentro de um processo de revelação e de encarnação em que o divino e o humano se interdependem e se revelam mutuamente, deixando entrever o mistério central, que é o fato de que a humanidade ter sido criada à imagem e semelhança de Deus. O Cântico seria, portanto, uma celebração do amor humano, dentro e através do qual se manifestam Deus e seu amor [...]. Dessa forma, o amor humano torna-se o lugar teológico por excelência da manifestação e da experiência de Deus, acessível a toda e qualquer pessoa. O Cântico, na sua ousadia e beleza, é um convite aberto para todos nós

encontramos Deus em nossas experiências de amor (Storniolo; Balancin, 1991, p. 13-14).

Como já mencionado outras vezes, o não consenso no que diz respeito ao Cântico se faz presente em todos os aspectos nos quais é estudado, portanto, também na interpretação, ressaltando-se que não somente na escolha da própria interpretação, mas igualmente nas modalidades propostas ou listadas. É assim que, diferindo de Storniolo e Balancin, que caracterizam todas as interpretações em religiosas e profanas, Asensio apresenta uma forma alternativa de classificação: alegórica, mítico-cultural, dramática, natural ou lírica. Por outro lado, Uehlinger apresenta uma outra proposta de sistematização das leituras do Cântico. Apreciaremos, portanto, a visão de cada um deles, a seguir.

A interpretação alegórica é uma terminologia utilizada pela quase totalidade dos estudiosos do *Cântico dos Cânticos*, assim sendo, há concordância entre Asensio e Uehlinger. Asensio utiliza também o termo “tipologia” para a interpretação alegórica, o que não é visto do mesmo modo por Pelletier. A forma alegórica de interpretação do Cântico é a mais conhecida e utilizada desde a inclusão do poema no cânon até os dias atuais, não obstante, os estudos mais modernos divergem desse entendimento. Essa interpretação foi prevalente durante séculos, não somente na tradição judaica como na tradição ortodoxa e também na cristã. Trata-se com toda certeza de leitura com mais firmeza e de maior base. Fazendo referência a Murphy (1966), Asensio afirma que

[...] a interpretação alegórica do Cântico constitui certamente importante contribuição do pensamento cristão para a história das religiões em geral e da mística em particular. Por outro lado, semelhante leitura não pode ser desqualificada como ilegítima sob o ponto de vista hermenêutico, já que se erigiu pelos próprios méritos num testemunho direto dos caminhos de autocompreensão da Igreja (Murphy, 1966, p. 42 apud Asensio, 2008, p. 413)

Em tempos recentes, na primeira metade do século XX, mais precisamente a partir de 1922, fundamentando-se no entendimento de Th. J. Meek, originou-se a leitura, ou melhor, a interpretação mítico-cultural do Cântico como uma composição religiosa, porém, não relacionada à fé javista, mas aos antigos cultos babilônicos, que recriavam, mediante o drama mitológico, o ritmo de morte e vida da natureza e assegurava a fertilidade do solo e dos seres humanos. Conforme essa leitura, o Cântico foi adaptado ao culto javista, suprimindo-se ou substituindo algumas

expressões. Entretanto, essa é uma das visões menos aceitas atualmente. Há uma variante dessa interpretação, denominada “interpretação litúrgica”, que relaciona o Cântico aos ritos funerários do Antigo Oriente Próximo.

A interpretação dramática é anterior à hipótese mítico-cultural e surgiu no século XIX, supondo uma unidade literária descrevendo uma trama com seus vários personagens. “A teoria, embora engenhosa, não corresponde em absoluto ao texto do Cântico tal como chegou até nós [...] Essa interpretação decididamente perdeu terreno na atualidade” (Asensio, 2008, p. 416).

Diante da fragilidade dos fundamentos das demais, a interpretação natural ou lírica é a mais aceita entre os estudiosos do Cântico, a partir da análise literária e do conteúdo do texto. Sob essa perspectiva, o livro é visto como uma coletânea de poemas amorosos e não necessariamente relacionados ao rito matrimonial.

[...] já no tempo de Rabi Akiba havia pessoas que o interpretavam sob essa perspectiva literária. Semelhante ponto de vista foi adotado no século IV por Teodoro de Mopsuéstia (360-429) e no século XII por um rabino francês anônimo. Frei Luís de León teve problemas com a Inquisição por motivos análogos. Nomes como os de Grócio e Reuss, Heder e Renan, entre outros, foram apontando ao longo da história essa interpretação, sempre latente na tradição cristã (Asensio, 2008, p. 416).

A classificação acima descrita é apresentada por V. M. Asensio em sua obra intitulada *Livros Sapienciais e outros Escritos*. Uma outra organização das interpretações do Cântico é apresentada por Uehlinger. O autor afirma que a história da interpretação do *Cântico dos Cânticos* é farta em representações que impõem ao texto um jugo interpretativo exterior ao próprio texto ao invés de, partindo dos elementos sintáticos e estruturais, descobrir a dinâmica evolutiva e dramática do poema (Uehlinger, 2015, p. 638).

No seu estudo sobre o *Cântico dos Cânticos* Uehlinger apresenta cinco tipos de interpretação para o poema. Primeiramente a mais conhecida e mais aceita, que é a interpretação alegórica, na qual ele introduz algumas peculiaridades que subdivide essa interpretação. Desse modo, a relação com Deus não é generalizada, mas o que ele chama de “afeição crescente” aconteceria em dois momentos: da escravidão no Egito até a conquista de Canaã e do cativo da Babilônia até o retorno à terra; uma outra relação seria entre “Deus e a casa de estudos, uma corte ou o Sinédrio”; haveria ainda a relação de “Deus e sua Torá (ou sua Shekhinah)”. Em relação a Cristo também não seria apenas entre Cristo e a Igreja conforme as tradições ortodoxa e católica que

consideram 2Cor 11,2 e Ap 19,6-8, mas entre Cristo e Maria, segundo a “mística mariológica desde o século XII”, e ainda Cristo e a alma do fiel, o que seria a tradição protestante, seguindo o pensamento de Orígenes (Uehlinger, 2015 p. 639).

Em segundo lugar, ele apresenta as “leituras dramáticas”, feitas desde Orígenes, no século II e fundamentados em alguns manuscritos gregos e encena a transição gradativa da Igreja dos pagãos que é representada em Ct 1,5, em “noiva purificada de Cristo”, presente em algumas versões gregas (Ct 8,5) (Uehlinger, 2015 p. 639). Em seguida, Uehlinger fala das

interpretações *cênicas*, *quase teatrais* ou *naturalistas* leram o *Cântico dos Cânticos* (tais como *Carmina Burana* ou *Decameron*) como uma sequência de sainetes ao quadro palacial ou pastoral (o rei e a moça, a bela e o pastor...) e até, em um registro mais burguês, como uma obra de lirismo romântico, repleta de sobressaltos passionais encenados a oriental (Uehlinger, 2015 p. 639).

Ele coloca ainda num outro grupo de interpretação, o que chama de “exegeses folclóricas” que se sustentam na poesia amorosa árabe ou siro-palestina, a partir e estudos etnográficos dos casamentos palestinos tradicionais, limitando o conjunto dos cânticos às festas de casamento camponeses.

E, por fim, na categorização elaborada por Uehlinger, faz-se presente as interpretações culturais, que segundo ele “tomaram por pretexto algumas passagens emprestadas de um lirismo quase mitológico” do *Cântico dos Cânticos*, comparando-os à mitologia sumeriana e assim “aplicar a teoria do “casamento sagrado” (Uehlinger, 2015 p. 639).

O *Cântico dos Cânticos* é um livro, e como tal deve ser estudado. Mesmo sendo um livro bíblico, deve ser atualizado, estudado, pensado. Assim como os demais livros são objetos de análise literária e linguística, assim também deve acontecer com o Cântico. Não é possível proceder de outro modo, sob pena de se perder toda a riqueza contida nele, caso se imponha sobre o texto uma visão previamente condicionada por pressupostos de qualquer espécie, sejam eles religiosos ou laicos.

Uma pesquisa só se caracteriza efetivamente como pesquisa se imbuída de abertura e liberdade para imergir na busca por achados verdadeiramente novos. Isso posto, implica dizer que a hermenêutica de qualquer texto necessariamente precisa ter, como ponto de partida, a literalidade do texto. Em consequência disso, uma pesquisa cuja proposta é estudar um livro, que é também um poema, não poderia se

furtar à interpretação “literal” do texto como leitura de escolha para o desenvolvimento do trabalho. A partir da literalidade da composição, é importante se utilizar da hermenêutica do leitor para prosseguir na viagem através do texto, tentando perceber a trama da tessitura e, se possível, o fio que originou o tecido que nos está sendo apresentado.

A questão teológica do Cântico dos Cânticos está precisamente em sua natureza *profana* e até em seu modo peculiar de sublimar o mito e a experiência do sagrado no desejo e no deleite do amor humano (hesitamos em dizer: “puramente” humano, pois o poeta do Cântico dos Cânticos não tem nada em vista além (Uehlinger, 2015, p. 650).

Conhecendo o tecido, o passo seguinte é discernir a que se presta tal tecido, e como o “leitor”, neste caso, especificamente, uma “leitora”, a interpretação do Cântico se processará sob a perspectiva da leitura de gênero, que tem, como alicerce, a Teologia Feminista.

A eleição da Teologia Feminista se apoia em vários pilares, tais como: o protagonismo da mulher no referido livro; a expressão da sexualidade no poema; as características que diferem o Cântico de outros escritos bíblicos; a penetração no texto possibilitada pela hermenêutica da suspeita utilizada pela Teologia Feminista; a liberdade de leitura propiciada por essa teologia e pela importância e necessidade de que seja mais difundida, utilizada e validada.

Lembremos que todo texto consistente, quer dizer, que não é uma simples variação sobre os lugares-comuns de uma cultura, é um texto *polifônico*: ele não se esgota em um único significado, mas entra em jogo com a criatividade dos seus leitores para desenvolver uma gama de sentidos. Um fator que aumenta esta polifonia constitui-se pelo implícito que sua redação acolhe, pela parte de não dito que se insinua em suas palavras, pelas estruturas de indeterminação que se pode privilegiar (Pelletier, 2006, p. 119).

A polifonia do texto abre espaço à criatividade do leitor, de modo que ele participa da construção de sentidos do texto. As palavras de Pelletier – assim como de tantos outros autores que defendem a hermenêutica do leitor – nos autoriza e nos encoraja a tomar parte e a ser mais uma voz entre tantas que já pronunciaram uma palavra sobre o Cântico a partir de suas pesquisas.

## SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, discutimos as várias hipóteses sobre a composição do *Cântico dos Cânticos*. A primeira proposta, defendida por A. Robert e adotada pela Bíblia de

Jerusalém, identifica cinco poemas baseados em descrições do Amado e da Amada e no tema do pertencimento mútuo. A segunda hipótese, proposta por R.J. Tournay, divide o poema em dez cânticos, construindo e refinando a pesquisa de A. Robert. A análise linguística sugere que o texto foi provavelmente composto no século III a.C., com possíveis adições nos séculos II e I a.C.

Em seguida, o capítulo apresenta as possibilidades de estruturação do Cântico. Até o século XVIII, havia um acordo geral entre os estudiosos de que o *Cântico dos Cânticos* tinha uma estrutura unificada, com um único autor. Em séculos mais recentes, a estrutura do *Cântico dos Cânticos* tem sido debatida, com estudiosos divididos entre “uma estrutura unificada” e “uma antologia de poemas de amor”. Atualmente, não há consenso acadêmico sobre o assunto.

A análise de M. Deckers, usando o método semiótico gerativo, identifica Ct 1,15 e 4,1a como marcadores estruturais que delimitam uma seção principal, que ela chama de “Cântico da Beleza”. Deckers defende Ct 6,12 como versículo central o qual ela traduz como “Eu não sei, meu ser me determina, veículo do meu nobre povo”.

Nossa pesquisa aponta que a tradução de Ct 6,12 deveria ser “Eu não conhecia meu próprio desejo, Ele me fez ver minha nobreza”. Essa interpretação se alinha com o foco do poema na autodescoberta da mulher e na apropriação de seu próprio ser, o que defendemos, com Deckers, como versículo central para o Cântico.

Sobre a canonicidade do *Cântico dos Cânticos*, mostramos que foi alvo de debate no final do século I d.C., com o rabino Akiba afirmando sua inspiração divina para combater seu uso profano. A inclusão do *Cântico dos Cânticos* no cânon pode ter influenciado sua interpretação alegórica, ou vice-versa.

A respeito do modo como o Cântico deve ser lido, o capítulo abordou as diversas possibilidades de leitura que têm sido realizadas ao longo da história. Há duas perspectivas interpretativas primárias: a visão religiosa/alegóric, que vê o texto como uma metáfora para o relacionamento divino-humano, e a interpretação profana/literal, que o lê como uma coleção de poemas de amor. A pesquisa nos leva a defender uma interpretação baseada na análise literária e linguística, sem impor estruturas religiosas ou seculares preconcebidas. Sugerimos que uma perspectiva teológica feminista pode oferecer novas percepções valiosas ao focar no papel proeminente da voz feminina e da sexualidade no texto.

#### 4 CÂNTICO DOS CÂNTICOS: UMA ODE À ESPIRITUALIDADE OU AO EROTISMO?

*Já colho jasmims e nardos  
 Já tenho colares de rosas  
 E danço no meio da estrada  
 As danças prodigiosas  
 (Alegria – José Saramago)*

Cântico, de modo geral, é uma ode, um poema ou um hino, de caráter religioso ou de louvor a algo ou alguém. Portanto, o *Cântico dos Cânticos* tem esse caráter significativo, de ser um hino de louvor, pois assim é denominado e assim o é. No que concerne a isso, então, não é possível qualquer dubiedade ou hesitação na afirmativa. Diante disso e a partir disso, vislumbra-se, todavia, uma interrogação: o *Cântico dos Cânticos* é um hino de louvor a que ou a quem?

Seria um hino de louvor a Deus, ou à humanidade na sua relação com Deus, como se pode constatar no livro dos Salmos? Ou seria um hino de louvor à espiritualidade, um aspecto de Deus, ou uma de suas principais características? Certamente, a resposta a essas indagações não seria ato contínuo. Não parece fácil afirmar categoricamente que o livro *Cântico dos Cânticos* seja um poema de louvor a Deus, diante do que nos deparamos ao lê-lo. A palavra “Deus” não se apresenta ali, tampouco qualquer outro termo que pudesse nos remeter a tal. De igual modo, não há referência a qualquer expressão ou situação de espiritualidade, oração, relação com Deus. Por que, então, foi chamado, tal poema, de *Cânticos dos Cânticos*? Não somente Cântico. Questionemos, portanto, tentando decodificar esse oráculo. Seria um oráculo?

Consideremos a definição de Cântico como hino ou poema em louvor a algo ou alguém. O *Cântico dos Cânticos* é um poema, e por ser tão belo, é um verdadeiro hino. Um hino em louvor ao amor entre dois seres humanos. Todavia, por tudo que é manifestado e proclamado nesse poema, que expressa as falas dos amantes, vê-se explicitamente que o amor ali retratado não é só da ordem do sentimento, da alma ou das ideias, mas do corpo, em toda sua plenitude. É o amor-eros por excelência, sem dissimulação, sem véu, como se lê na citação que se segue:

Eros é amor personificado. Em grego, ερως (éros), do verbo ερασθαι (érasthai) “desejar ardentemente”, significa com exatidão “o desejo incoercível dos sentidos”. Em indo-europeu tem-se o elemento (\*e)rem

“comprazer-se, deleitar-se” com o qual talvez se possa fazer uma aproximação. (Brandão, 2000, p. 209).

Não há qualquer possibilidade de negar a evidência do amor profundamente erótico que habita e exala desses dois seres que parecem se admirar e se desejar desmedidamente, o que implica deduzir que esse livro bíblico é um cântico de louvor ao amor erótico. Há, no entanto, algo merecedor de ênfase e apreciação: o título do livro. Ele não é denominado apenas “O Cântico”, mas “O Cântico dos Cânticos”, o que significaria dizer “o melhor de todos os cânticos” ou “o mais sublime dos cânticos”, “o mais perfeito dos cânticos”, “o mais admirável dos cânticos”, ou ainda “o supremo Cântico”.

O que haveria de tão especial nesse poema para assim ser nomeado? Nenhum outro livro bíblico tem título tão majestoso. Resta-nos compreender o que fez desse poema o mais sublime de todos. No entanto, além da compreensão da nomeação do livro, há algo mais a ser pensado sobre *Cântico dos Cânticos*: por que o livro que é nomeado com tamanho destaque não tem o mesmo destaque nos estudos das igrejas e nos sermões? Dito de outro modo, seria: o que leva o livro bíblico de mais belo e nobre título a ser preterido em detrimento aos demais?

#### 4.1 O MAIS SUBLIME DOS CÂNTICOS? POR QUÊ?

O que induziu tal poema a ter esse título? O que há nesse livro, que aí é expresso, que valha tamanha exaltação? Apreciando o escrito, nada além que declarações e exclamações de deleite diante do Amado e da Amada, além do que esses corpos oferecem um ao outro (Ct 1,8-9; 2,1-3).

Ambos, Amado e Amada, veem um ao outro como únicos em meio ao todo, de modo a suscitar, nos sentidos, o que há de mais nobre e raro, evocando as mais belas e especiais metáforas. “A égua atrelada ao carro de Faraó” alude, não somente à beleza, mas à força, poder e altivez, à ideia de ser um animal belo, admirado, valioso e que participa das competições de vigor e de beleza e estando “atrelada ao carro de Faraó” certamente é um animal diferenciado, majestoso e caro em todos os sentidos (Ct 1,9) (A Bíblia, 2002, Ct 1,9, p. 1090).

A face da Amada é bela “entre os brincos” (A Bíblia, 2002, Ct 1,9, p. 1090). Essa afirmação pode parecer trivial, mas não é, porque certamente os brincos eram peças de requintada beleza, verdadeiras joias não somente da estética, mas igualmente no valor material. Ainda assim, a face da Amada se destaca entre os

brincos. Portanto, é mais bela e mais preciosa que os brincos que a adornam e realçam sua beleza, e, por ser assim tão magnífica, receberá “pingentes de ouro cravejados de prata”, não para embelezá-la, porque está acima de toda beleza, mas para engrandecê-la ou cingi-la (A Bíblia, 2002, Ct 1,11, p. 1090).

Por sua vez, o Amado exala o aroma do nardo, que além de precioso perfume, é também o que unge e cura. Quão valioso é! O nardo é aquele perfume valiosíssimo que causou espanto quando foi derramado por Maria sobre os pés de Jesus: “Então Maria, tendo tomado uma libra de perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo” (Jo 12,3; par: Mc 14,3ss; Lc 7,36ss) (A Bíblia, 2002, Jo 12,3, p. 1873-1874).

Todavia, o nardo não só perfuma de forma magnífica, como unge, concedendo autoridade aos reis e profetas, o que lhe dá uma conotação de sacralidade, uma vez que reis e profetas tinham autoridade sagrada, concedida pelo próprio Deus, e óleo de unção simbolizava essa sacralização (Sl 133,2). Mas o nardo também era usado para curar, e como a cura livra da morte, ele simbolizava vida. Portanto, se é o “nardo que dá o perfume” do Amado, o Amado é insuperável, poderoso e simboliza a própria vida. Mas ele também é assemelhado a um “saquinho de mirra” (A Bíblia, 2002, Ct 1,13, p. 1090).

Além de valioso, perfumado e curativo, o Amado é também belo e singular ou único, conforme é descrito pela Amada em Ct 5,10-13. Ela também afirma que ele é, para ela, “cacho de cipro florido entre as vinhas de Engad” (A Bíblia, 2002, Ct 1,14, p. 1090). Além de extraordinariamente perfumado, o Amado, que reúne as majestosas fragrâncias especialíssimas do nardo e da mirra, também é tão belo quanto o cipro florido. Vê-se nitidamente que esse Amado é tão magnífico que as metáforas parecem ser insuficientes e, por isso, precisam se superpor para afirmar e reafirmar o esplendor dele.

O Amado, por sua vez, exalta a beleza da Amada e define, metaforicamente, seus olhos como “pombas”. Que relação haveria entre olhos e pombas? O que haveria nesses olhos ou nesse olhar que se assemelharia a pombas? Ou o que há nas pombas semelhante ao olhar da Amada? Pombas são vivas, mas não somente tem vidas, elas se movimentam, porém, não apenas se movimentam, elas voam. Mais que isso, elas comunicam, como aconteceu ao trazerem a folha verde até Noé após o dilúvio:

Soltou então a pomba que estava com ele, para ver se tinham diminuído a água na superfície do solo. A pomba não encontrando lugar para pousar, voltou para ele na arca [...] Ele esperou ainda outros sete dias e soltou de novo a pomba fora da arca. A pomba voltou para ele ao entardecer, e eis que ela trazia, no bico, um ramo novo de oliveira! Assim, Noé ficou sabendo que as águas tinham escoado da superfície da terra (A Bíblia, 2002, Gn 8,8-11, p. 44).

Já no Evangelho narrado por Mateus, é o espírito de Deus que é representado ou descrito como uma pomba.

Batizado, Jesus, subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba vindo sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: “Este é o meu filho amado em quem me comprazo” (A Bíblia, 2002, Mt 3,16-17, p. 1708).

Continuando o poema, verificamos outras metáforas que estão postas no texto não por mero acaso, mas em razão do que podem elas expressar linguisticamente. É o que podemos observar no verso 16, ainda no primeiro capítulo do Cântico, com a expressão “nosso leite é todo relva”. Um leite que “é todo relva” remete à liberdade, amplitude, beleza natural e única, frescor, vida. Tudo que o leite convencional não comporta, na sua limitação, delimitação e habitualidade.

Segue o poema, já agora no segundo capítulo, dizendo: “sou o narciso de Saron, o lírio dos vales”. E mais uma vez se vislumbra uma metáfora superlativa representada pelo “narciso de Saron” e pelo “lírio dos vales”. O narciso por ser uma flor que tem na sua origem mitológica um ser tão belo, que, inebriado pela sua própria beleza, mergulha no lago em busca de si mesmo, atraído pela beleza hipnótica de si próprio, tal como relatado por Ovídeo no livro III de sua obra intitulada *Metamorfoses* (apud Brandão, 2000, p. 181):

Mergulhou inutilmente suas mãos nas águas.  
O mesmo erro que lhe engana os olhos, acende-lhe a paixão.  
Crédulo menino, por que buscas, em vão, uma imagem fugitiva?  
O que procuras não existe. Não olhes e desaparecerá o objeto de teu amor.

A sombra que vês é um reflexo da tua imagem.

“Procuram-lhe o corpo, havia apenas uma delicada flor amarela, cujo centro era circundado de pétalas brancas. Era o *narciso*” (Brandão, 2000, p. 181)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> “Acerca da paixão e morte de Narciso”, sublinha Brandão (2000, p. 182), “o historiador mitógrafo grego Pausânias (séc. II d.C.) nos deixou uma versão diferente. Narciso tinha uma irmã gêmea, parecidíssima com ele e a quem muito amava. Com a morte prematura dela, o jovem ficou inconsolável e refugiou-se

O lírio dos vales, por sua vez, também encerra uma beleza e um valor ímpar, pois é citado em Mateus como símbolo de perfeição e beleza *sui generis*, uma vez que Salomão, o rei mais rico da história dos hebreus, “em toda sua glória, jamais se vestiu como um deles” (Mt 6,29) (A Bíblia, 2002, Mt 3,16-17, p. 1714).

Caminhamos por esse poema de amor sublime, percebendo muitas outras singularidades que descrevem o Amado e a Amada. No segundo versículo do segundo capítulo, a Amada é comparada à açucena entre espinhos. “Açucena” é outra variante do lírio e o nome se origina do hebraico “SHOSHAN”, e literalmente significa “lírio” ou “flor branca”, “flor de lis”, também significando pureza<sup>8</sup>. Todavia, a Amada não é somente assemelhada a “açucena”, mas a uma “açucena entre espinhos”, o que destaca e enobrece deveras, pois além de uma açucena já ser uma flor especial, a Amada não é apenas uma açucena entre outras, mas uma entre espinhos. Portanto, o destaque, originalidade e erotismo são implícitos. A expressão é usada para distinguir a Amada das demais donzelas, o que a faz ter um lugar incomparável para ele, o Amado, pois há uma diferença explícita entre uma flor e espinhos, além de ser a açucena uma flor singular. Analisando a comparação das demais donzelas com espinhos, é inequívoco o valor que a Amada tem para o Amado.

Em seguida, é o Amado que é assemelhado a “macieira entre as árvores do bosque” (A Bíblia, 2002, Ct 2,3, p. 1090) e, mais uma vez, evidencia-se a excelência do Amado. Os jovens, todos eles, são apenas árvores, mas o Amado é macieira. Macieira é árvore frutífera, árvore que alimenta com frutos belos e saborosos, além das funções das demais árvores. As outras árvores podem não produzir frutos ou até produzir frutos venenosos. Então, é possível, mais uma vez, perceber o valor que nesse casal, um tem para o outro.

Diante de todas essas metáforas utilizadas para descreverem um ao outro, é possível pensar que o amor que há entre eles é algo tão grandioso e sublime que buscam o que há de mais belo e perfeito para representar um ao outro. Seja em valor monetário, como acontece com a mirra e o nardo, seja como perfume incomparável, também como mirra e nardo e cipreste, seja na beleza e altivez da égua do Faraó, seja na singularidade da flor, chegando ao máximo que seria possível comparar a

---

na solidão. Vendo-se na fonte de Téspias, acreditou ele estar vendo a irmã e não mais conseguiu afastar-se dali”.

<sup>8</sup> <https://biblehub.com/hebrew/7799.htm>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Amada – a pomba – que, por estar citada na Bíblia como representação do próprio espírito divino, é a expressão culminante do que há de melhor, de mais puro, perfeito e santo, o que é enunciado em Ct 4,7: “És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito” (A Bíblia, 2002, Ct 4,7, p. 1094). A Amada é, portanto, perfeita, já que nenhum defeito tem.

As metáforas enaltecedoras continuam, como se fossem sempre insuficientes para exprimir o que de fato é sentido, e são, porque a linguagem é sempre insuficiente para exprimir o real, o que é dito por Lacan (1985, p. 127) do seguinte modo: “o Real não cessa de não se escrever”. Daí as repetições do Amado e da Amada nesse poema de amor, na ânsia de elucidar o real dos seus sentimentos que jamais serão completamente aclarados. É nesse afã de exteriorizar o que a Amada representa para ele que o Amado continua dizendo:

Teus amores são melhores do que o vinho,  
 Mais fino do que outros aromas  
 É o odor dos teus perfumes.  
 Teus lábios são favo escorrendo.  
 Ó noiva minha!  
 Tens leite e mel sob a língua,  
 E o perfume de tuas roupas  
 É como perfume do Líbano (A Bíblia, 2002, Ct 4,10-11, p. 1095).

Teus brotos são pomar de romãs  
 Com frutos preciosos:  
 Cachos de hena com nardos:  
 Nardo e açafraão,  
 Canela, cinamomo  
 E árvores todas de incenso,  
 Mirra e aloés,  
 E os mais finos perfumes

A fonte do jardim,  
 É poço de água viva  
 Que jorra, descendo do Líbano! (A Bíblia, 2002, Ct 4,13-15, p. 1095).

Mais uma vez é possível constatar outra metáfora que remete a algo maravilhoso, que é “leite e mel”, já tendo sido mencionado no Êxodo quando Deus diz a Moisés:

Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores: pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel (A Bíblia, 2002, Ex 3,7-8, p. 106).

Leite e mel, portanto, simbolizam liberdade, fartura, sabor, além de alimentação e nutrição. Pensar em leite e mel é pensar em algo agradavelmente delicioso, que consiste no deleite ao paladar. Todavia, o deleite ao paladar não se limita ao paladar apenas, mas se amplia a todo o corpo, pois tudo que acontece a uma parte do corpo é sentido pelo Ser inteiro. Nessa inteireza, faz-se presente não só o corpo biológico, mas o emocional e certamente o espiritual, pois somos uma unidade indivisível. Indivisibilidade esta que aponta para uma análise bem mais ampliada do que seja esse livro erótico. Seria apenas erótico? Podemos, em relação ao erotismo, dizer que é “apenas”? O que pode ser denominado erótico? Em que consiste o erotismo?

Mas as metáforas enaltecedoras não se esgotaram, e a Amada continua descrevendo o Amado de modo ostensivamente exuberante (Ct 5,10-16).

As imagens utilizadas pela Amada, conforme apresentadas acima, são de tal modo magnânimas que explicitam o quanto há de excepcional nesse sentimento que os envolve e nesse relacionamento. Tudo é excessivamente grandioso e incomparável e não observado de igual modo nos demais poemas de amor encontrados na literatura conhecida,<sup>9</sup> porque parece se repetir como um mantra e, ao mesmo tempo, buscar outros adjetivos grandiloquentes por necessitar reforçar, comprovar e sobrepujar o que já havia sido expresso.

A cabeça do Amado, comparada a “ouro puro”, faz perceber que há uma necessidade tão premente de descrever algo inigualável, que é usada uma descrição aparentemente ilógica, exceto pelo valor econômico do ouro, outrossim, talvez pelo brilho fulgurante do ouro que resplandece e assim faz com que o Amado se torne “saliente entre dez mil”. Porém, sua cabeça não só se destaca pelo fulgor, mas pelo desenho comparável a uma copa de palmeira com cabelos tão perfeitamente negros, destacando-se na pele branco-rosada. Já a imagem das pombas à beira de águas correntes que repousam após se banharem é algo divinal. Portanto, olhos comparados a tal ilustração está além do simples humano.

Leva-nos a algo que transcende o que é comum, o que é apenas biológico como são os olhos, aptos para verem apenas. Esses olhos não somente veem, mas transmitem algo de indefinível e irrepreensível. E não deve ser apenas coincidência que os olhos comparados à pomba seja a única figura usada por ambos, Amado e Amada, para descrever um ao outro. Parece ser o olhar o que há de mais sublime e

---

<sup>9</sup> Para maiores informações sobre a relevância literária do *Cântico dos Cânticos*, ver d'Hamonville (2024).

expressivo nesse amor magnânimo que une esses dois seres numa atmosfera de magia e encantamento hipnótico que os envolve, une e extasia. Porém, tudo isso que descreve a ambos até então não é suficiente. Não basta. Não satisfaz. Por isso, a Amada continua exaltando o Amado (Ct 5,13-16).

O que seria uma face que é um “canteiro de bálsamos” e “colinas de ervas perfumadas”? Geralmente, o que se destaca na face de alguém que nos atrai atenção ou admiração é a beleza, a perfeição dos traços, a harmonia, a delicadeza. Mas a face do Amado não é apenas bela tal qual um canteiro de belas flores, porque o canteiro é de “bálsamo” e o bálsamo não se caracteriza apenas pela beleza da planta, mas pelo perfume e efeito curativo, confortador, sedativo, inebriante, calmante.

Quando a palavra “bálsamo” é utilizada, excede ao significado apenas de perfume e sedativo de uma dor física. Não há referência apenas ao alívio de um ferimento no corpo, mas algo que atinge a alma, as emoções, o espírito. Um bálsamo é um lenitivo para a alma. E as faces do Amado, segundo a Amada, não é somente um bálsamo, mas “canteiros de bálsamo”. É, portanto, uma fartura de conforto e calma que inebria a alma.

Todavia, para a Amada, essa alegoria ainda é insuficiente, e ela diz que as “faces são colinas de ervas perfumadas” (A Bíblia, 2002, Ct 5,13, p. 1097). Certamente que colinas inteiras de ervas perfumadas é algo existente apenas na visão embriagada de amor e paixão da Amada. Ao se fazer um exercício imagético, percebe-se o quão irreal são “colinas de ervas perfumadas” (A Bíblia, 2002, Ct 5,13, p. 1097), no entanto, seria uma imagem visual magnífica e um verdadeiro gozo olfativo. É algo tão grandioso em imagem e perfume que até como produto da imaginação é surpreendente. E tudo isso é apenas a face do Amado, e não a face completa, porque os lábios são destacados da face, sendo descritos como “lírios com mirra, que flui e se derrama” (A Bíblia, 2002, Ct 5,13, p. 1097).

Além de todo perfume exalado pelas ervas perfumadas e pelos canteiros de bálsamo, esse mesmo rosto ainda tem lábios que crescem perfume de lírio e mirra que “flui e se derrama”. Não somente exala um perfume especial e nobre, como transborda esse perfume fino e terapêutico. Além de perfumado, o corpo do Amado é excepcional sob todos os aspectos, pois os “braços são torneados em ouro incrustado com pedras preciosas” (A Bíblia, 2002, Ct 5,14, p. 1097), portanto não somente firmes, rijos, mas também belos, reluzentes e valiosos como são o ouro e as pedras preciosas, uma joia rara. Mas não somente os braços do Amado são verdadeiras joias, mas

também o seu ventre, comparado a um “bloco de marfim cravejado com safiras” (A Bíblia, 2002, Ct 5,14, p. 1097), enquanto as “pernas são colunas de mármore firmadas em bases de ouro puro” (A Bíblia, 2002, Ct 5,15, p. 1097).

#### 4.2 O INDIZÍVEL DO AMOR NO DIZÍVEL DA LINGUAGEM

Todo o corpo do Amado está além do que é humano sob todos os aspectos, seja na beleza, no vigor, na resistência, no perfume. Na impossibilidade de defini-lo em completude, todos os recursos são buscados e, assim, se reúne tudo que na natureza há, seja no reino animal, vegetal e mineral. Ele reúne o que há de mais belo e perfumado dentre as plantas e flores, além da riqueza dos minerais valiosos e a beleza e elegância dos animais, assim, se portam “como um gamo é meu amado [...] um filhote de gazela” (A Bíblia, 2002, Ct 2,9, p. 1091). No afã de dizer o que é impossível ser dito, as comparações são inúmeras e superpostas, por não conseguirem expressar com exatidão todo o sentimento, pensamento e desejo em relação ao Amado e ao que ele motiva e mobiliza no ser da Amada. Após retratá-lo enaltecendoramente por partes, a Amada, ainda não satisfeita, metaforiza-o na totalidade dizendo: “Seu aspecto é o do Líbano altaneiro, como um cedro” (A Bíblia, 2002, Ct 5,15, p. 1097), e ainda amplia o que já havia falado sobre os lábios profusamente perfumados, dizendo agora que “a boca é muito doce...” e que “ele é todo uma delícia!” (A Bíblia, 2002, Ct 2,9, p. 1091).

Vê-se a necessidade premente e o desejo sôfrego de expressar, sob todas as formas possíveis, o quão sublime é o Amado. Para isso, todos os sentidos são convocados para inspirar e potencializar as emoções e os sentimentos provocados pelo Amado. Diante de algo tão grandioso e arrebatador, tudo que for dito é insuficiente, daí a efusão de metáforas, na tentativa incansável de exprimir o inexprimível. Indício da vastidão que se encerra no humano, como sinal de algo muito maior, mais amplo e mais profundo que o biológico, o que continua sendo expresso pelo Amado (Ct 6,4-10).

Tudo é buscado na tentativa de descrever a Amada da forma mais perfeita e completa possível, portanto, não só os sentidos humanos, como visão, audição, olfato, paladar e tato são convocados, mas também tudo que há de mais belo e simbólico sob todos os aspectos. Assim é que surge a analogia da Amada com Tersa e Jerusalém, as mais belas e esplendorosas capitais.

Tersa, além do que representa, por ser, ou ter sido uma capital, traz, em seu nome, o significado de “agradável”, “graciosa”, fazendo um jogo de sentido com a raiz “ter prazer em”, o que seria semelhante a “Bem-estar” (A Bíblia, 2002, Ct 6,4, p. 1098). Vale salientar também que Tersa estava situada numa região de vasta beleza natural. Além disso, é um nome predominantemente feminino. Diante de tudo isso, parece bastante apropriada a relação da cidade de Tersa com a Amada.

Jerusalém, por sua vez, excede Tersa em esplendor e importância. Jerusalém é a “formosura”, “a alegria do universo”, representa poder, riqueza, opulência, brilho, luz. Enquanto cidade, para o povo judeu era um ícone e a Amada é assemelhada a essa cidade imponente, mas não só a ela é comparada. Assim como em todo o poema, as metáforas e analogias se superpõem exaustivamente, como se nada fosse bastante. Sob essa perspectiva é que mesmo Jerusalém sendo admirável, Tersa precisou se fazer presente como acréscimo para adjetivar a Amada.

Segundo o poema, seguimos igualmente evidenciando a inesgotável necessidade de descrever a Amada de maneira completa, por isso, sempre mais comparações são buscadas, a tal ponto de algumas delas serem inusitadas e a princípio ininteligíveis, como acontece ao final do verso quatro no oitavo poema do Cântico, quando a beleza e a formosura da Amada são designadas pelo Amado do seguinte modo: “És terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas” (A Bíblia, 2002, Ct 6,4, p. 1098).

O que faz ser terrível a Amada? Ela é comparada a uma tropa ou um exército em marcha. Certamente em marcha, para atacar, guerrear, destruir. É algo aterrador e aniquilador, eis a imagem da Amada aos olhos e sentimentos do Amado. De beleza tão magnanimamente invulgar, a Amada excede a todas as analogias imagináveis. É de tal modo estupenda e inaudita que consegue ser capaz de provocar as emoções de espanto, perturbação, frêmito e estagnação como só um exército em movimento de ataque é capaz de suscitar.

Assim é a Amada. Ela é tão perfeita que tem dentes tão belos, brancos e brilhantes que só um “um rebanho tosquiado subindo após o banho” (A Bíblia, 2002, Ct 4,2, p. 1094) e, também, tão perfeitos e completos como o rebanho em que “cada ovelha com seus gêmeos, nenhuma delas sem cria” (A Bíblia, 2002, Ct 4,2, p. 1094). As faces da Amada são descritas pelo Amado como “metades de romã”, o que pode parecer uma assemelhação comum ou despreziosa (Ct 4,3). Em se tratando do

*Cântico dos Cânticos*, nada é trivial, tudo tem uma conotação desmensurável a ser pensada e analisada.

É curioso e interessante perceber que a semelhança das faces da Amada não é com a romã, mas com “metades de romã”, e certamente a palavra “metades” não está no poema apenas porque as faces são duas e metades também. São duas, mas porque só com a romã partida em metades se pode vislumbrar a beleza admirável e única da parte interna dessa fruta, na sua cor rosa delicada e suave, na sua transparência e brilho, nos seus pequenos gomos parecendo pedras preciosas. Assim são as faces da Amada.

Por tudo isso que já foi descrito em tantas e surpreendentes metáforas, a Amada é única e perfeita dentre todas as rainhas, donzelas e concubinas, que a felicitam. O décimo verso do sexto capítulo do poema poderia encerrar de forma triunfal a descrição da Amada, dado que o Amado recorre ao que há de mais grandioso, fulgurante e inatingível no universo para se referir a ela, que de tão magnífica, excede toda possibilidade de descrição à altura de sua beleza e encanto. Por isso, ele a vê com a beleza fulgurante e indescritível da “aurora” e, ao mesmo tempo, com a formosura e o fascínio da lua.

Unir sol e lua para falar sobre a Amada significa dizer que ela é tão excepcional, perfeita e completa, que só algo que remonta à totalidade ou à completude poderia representá-la. Essa totalidade se faz presente no sol e lua juntos (Ct 6,10). Luz, brilho, beleza e fascínio potencializados ao máximo e em toda sua opulência. Não há luz maior nem mais intensa que a do sol, nem mais bela e fascinante que a da lua. A Amada reúne a grandeza e esplendor desses astros que encantam e alumiam o dia e a noite, por serem inatingíveis, são possíveis e dignos apenas de contemplação, por isso, também, misteriosos.

Porque é indizível e magnânimo tudo que se remete à Amada, mais uma vez, o Amado a define dizendo que é “terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas” (A Bíblia, 2002, Ct 6,10, p. 1099), repetindo, no verso dez, o que já havia sido mencionado no verso quatro do mesmo capítulo, e certamente não por acaso, mas porque, mais uma vez, se depara com a impossibilidade de descrever o que sente.

Não por acaso algumas traduções do poema trazem nesse verso a expressão “terrível como as coisas insignes” ou “terrível como o que é insigne”. A palavra “insigne” substitui o esquadrão com bandeiras desfraldadas, o que é bastante

significativo e expressivo, uma vez que parece evidente que uma expressão tão paradoxal e excêntrica só poderia ter sido utilizada pela total impossibilidade de conseguir definir e expressar o desejado. Então, o termo “coisas insignes” “como o que é insigne” parece traduzir essa impossibilidade do dizer.

Embora o verso dez do sexto capítulo do Cântico parece condensar, de modo majestático, a singularidade apoteótica da Amada e, desse modo, pudesse encerrar a sequência de elogios dedicados a ela, ainda não é nesse momento que os louvores são concluídos, pois o encanto e perfeição são plenos para o Amado e, portanto, se encontram presentes em cada parte do corpo dessa que é causa desse arrebatamento imensurável. Assim, o Amado volta a enaltecer o corpo da Amada, literalmente da cabeça até os pés, como podemos perceber no sétimo capítulo (Ct 7,1-10).

Mais uma vez as descrições expressas no texto envolvem todos os sentidos do Amado, no afã de exprimir o inexprimível. Inexprimíveis são as sensações do Amado diante da Amada, evocadas por todos os sentidos corporais, mas definidos e expressos em linguagem. Linguagem que é própria e específica do humano e que exatamente por não conseguir ser plena no que deseja dizer, diz muito do que não é dito, porque o que não é possível de ser dito, mas apenas sentido, é domínio humano e exclusivamente humano (Lacan, 1985, p. 127).

A constatação de que, nesse indizível, reside o que caracteriza o ser humano e o distingue das demais espécies da terra, e, ainda, que a espécie humana é a única criada à imagem e semelhança do Criador, esse indizível presente e persistente no *Cântico dos Cânticos* diz sobre Deus e sobre nossa semelhança com Ele, enquanto humanos. Passemos, portanto, a auscultar o que mais o *Cântico dos Cânticos* tem a dizer sobre o Deus-Criador e sobre nós, seres humanos criados por Ele.

Em seu livro intitulado *Quero que sejas: podemos acreditar no Deus do amor?*, mais precisamente no penúltimo capítulo, que tem como título “Mais forte que a morte”, tal qual a frase encontrada no livro do Cântico, Tomás Halík (2018, p. 200-201) diz:

O Deus do qual eu falo não reside em algum lugar acima da nossa realidade, mas diretamente no movimento da vida e do amor. Nós temos parte nele na medida em que imergimos na vida e na vida do amor; [...] O lugar da vivência estática da alegria e da beleza é, sem dúvida, o amor entre as pessoas, principalmente o amor entre um homem e uma mulher [...] Nele se cumpre e se supera ao mesmo tempo aquela polaridade que Deus inseriu na criação como fonte de toda dinâmica e fertilidade. Por isso, o amor entre um homem e uma mulher e também a sua expressão física eram para os místicos ao longo de todos os séculos e em todas as religiões o símbolo mais eloquente do amor entre Deus e o ser humano [...] Sim, a chave para o encontro com o

amor que tudo transcende o que o olho humano já viu, que o ouvido já ouviu e que jamais entrou na mente humana não se encontra exclusivamente nos altares dos templos construídos pelo homem; podemos encontrá-la no amor humano.

Esse pensamento do autor é complementado no capítulo seguinte – “A dança do amor” –, quando ele continua falando sobre o amor e afirma que

O amor é, sem dúvida, algo humano. Nessa forma, cada um de nós o conhece – seja por experiência própria, seja pelo menos de ouvir dizer. A profundidade da eternidade, porém, que eu vislumbro no amor não enfraquece em mim o sim à vida no aqui e agora [...] O amor é tão “demasiadamente humano”, profundamente humano, que ele não pode ser apenas humano [...] Ele é forte demais para ser apenas uma emoção humana. O amor é tão profundamente humano que ele testemunha mais do que qualquer outra coisa da profundidade na qual o ser humano é mais do que humano, na qual o ser humano transcende a si mesmo. E não é a transcendência, a superação própria a característica mais profunda da natureza humana? O anseio da eternidade, da transformação do instante em eternidade, é a mentira da paixão do amor. O amor aponta justamente com sua paixão para a eternidade, ele é o rastro e o anseio da eternidade, o “antegosto da eternidade” (Halík, 2018, p. 211-212).

Nesse texto, Halík traduz, de modo especial, a consonância do Cântico dos Cânticos com o Divino, com a transcendência, com Deus e possibilita vislumbrar que não se faz necessário ler esse poema como metáfora ou alegorias, porque é o amor humano em si mesmo que fala do Divino e que é divino. Cabe a nós, portanto, tentar compreender de que maneira essa presença e expressão de Deus em nós deve ser vivida de forma a corresponder ao desejo do Criador em relação ao ser humano criado por Ele.

Parece ficar evidente que o que é divino e, portanto, espiritual, uma vez que Deus é Espírito, não está separado da vida terrena, tampouco das vivências humanas e cotidianas em todas as suas dimensões e sob todos os aspectos, o que deveria ser desde sempre sabido, já que foi o fôlego divino soprado no ser humano no momento contíguo à criação que o fez humano e semelhante ao Deus-Criador<sup>10</sup>.

Consequentemente, toda atitude ou atividade humana tem a marca e as características divinas, o que é constatado na impossibilidade humana de compreender, elaborar e expressar sensações, sentimentos e pensamentos satisfatoriamente, conforme deseja. É o que se pode observar nas inúmeras e

---

<sup>10</sup> "Então lahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente" (A Bíblia, 2002, Gn 2,7 p. 35-36).

incessantes tentativas dos amantes do Cântico em descrever o outro, justamente pelo fato de que a descrição dos dotes físicos não se remetia somente a isso, mas à tentativa de declarar sensações e sentimentos impossíveis de serem expressos plenamente, por se tratar do que transcende ao humano – seu fôlego divino – que a limitação humana não consegue descrever, tão somente sentir. Sente o que há de divino nele próprio ou com o que há de divino nele, mas por ser divino o que sente, o seu ser, humano que é, não tem condições de definir com precisão.

Por isso ele tenta, tenta e tenta aproximar a linguagem do sentimento, mas as palavras são sempre insuficientes, porque a linguagem é humana e o sentimento, divino. É essa alma divina que o faz sentir o que é inexpressível, e que Halík descreveu como “vivência estática da alegria e da beleza” que é divinal pelo êxtase experimentado, mas também por ser “fonte de fertilidade”, possibilitando, assim, ao humano, também criar, como o Criador. Nisso também se faz semelhante a Ele e cria não só outros seres iguais a ele próprio, mas também tudo que conhecemos e usufruímos hoje, e que foi construído no decorrer da história (Halík, 2018, p. 201).

#### 4.3 O DESEJO COMO DOM DIVINO

O desejo nos move, ele tem uma força imensurável e poderosa, parece até se sobrepujar ao ser. Por assim ser, motivou o interesse da filosofia, da psicanálise, das religiões e, a partir desses variados campos do pensamento, as visões são as mais díspares, desde a afirmação que devemos conter o desejo, por ser ele – uma vez que se apresenta sempre insaciável – a causa do sofrimento humano, pela insatisfação que se faz presente no decurso da vida.

No entanto, sob outra ótica, o desejo é visto como a mola propulsora da vida, o que move e alimenta a vida. O que a nutre e faz seguir em busca do que pode vir a atender a busca e realizar o desejo. Uma vez que ele jamais é realizado, segue-se buscando e, assim, as várias construções vão acontecendo durante a caminhada da vida, e nisso consiste a própria vida, não só as vidas de cada pessoa, mas a vida em comum, em coletividade. Desse modo, a civilização foi construída e o mundo continua evoluindo, porque as produções individuais decorrentes dos desejos subjetivos afluem na sociedade, transformando-a e culminando na evolução científica e tecnológica que presenciamos e usufruímos, assim como nas artes, em todas as suas nuances.

Mas, o que poderia ser dito e pensado sobre o desejo na perspectiva divina? Se está presente no ser humano, o desejo nos foi concedido por Deus, o que podemos

pensar, a priori. Todavia, é possível que seja um desvio do que, a princípio, foi determinado para nós. Podemos penetrar nesse universo do desejo humano realizando uma viagem através das páginas da Bíblia, tentando vislumbrar se encontramos esse tão propalado, muitas vezes enigmático e, algumas outras vezes, problemático e confuso desejo.

O desejo se faz presente e se deixa evidenciar desde o livro do Gênesis até o do Apocalipse, passando por todos os demais livros bíblicos. Em alguns deles, o desejo se mostra legítimo e necessário, noutros necessário e sofrido, noutros ansiado, e noutros, ainda, equivocado e danoso. Em outros, como no Cântico dos Cânticos, belo, vigoroso e extasiante. Com brevidade, apreciaremos o desejo em cada um desses livros e com mais atenção será contemplado no Cântico dos Cânticos, com as possíveis relações dos poemas com o todo bíblico.

Começemos com o Gênesis. Provavelmente, e não por acaso, é o “gênesis”, não somente o livro que inicia a Bíblia, mas que tem, como título, um termo que significa “criação”, “concepção”, “origem”, “início”, “princípio”, “nascimento”, “constituição”, “formação”. Nesse livro, vislumbramos o desejo que move e determina o ser humano recém-criado, direcionando sua caminhada existencial. A serpente disse então à mulher: "Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, verdades no bem e no mal" (A Bíblia, 2002, Gn 3, 4-5 p. 37). E qual o desejo que moveu e continua movendo a humanidade até os dias atuais? O desejo de conhecimento, do saber. Pois não foi o fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal” que o primeiro casal comeu? Comeram o fruto do conhecimento e se deram conta de si próprios, desde a sua aparência às suas necessidades e limitações. Ao se perceberem nus e carentes de proteção para o corpo, cobriram-se. Também constataram a necessidade do trabalho para a sobrevivência e, ainda, a finitude de sua existência.

Seguindo a sequência bíblica, encontramos o livro do Êxodo também falando do desejo. Agora, desejo de liberdade. Liberdade para se constituir e se construir enquanto povo, enquanto coletividade independente e autônoma, livre do jugo de outra nação. Portanto, o conhecimento adquirido no Gênesis será utilizado para sua organização social, favorecendo, de tal sorte, a vida comunitária, do modo mais aprimorado possível, para que, assim, a liberdade conquistada permaneça, prevaleça e valha todo o esforço da conquista.

Os livros dos Profetas também falam de desejo. Desejo de justiça e paz. Disso falavam os profetas, por isso lutavam e ensinaram. Então, além do desejo de conhecer, de ser livre e do bem viver com justiça e paz, há um outro desejo intrínseco aos seres humanos, desejo de amar, desejo de sentir e propiciar prazer, desejo de contemplar e usufruir da beleza da vida, dos corpos, da natureza. Desejo ao deleite, ao êxtase, ao que está além das meras necessidades das rotinas e dos deveres.

O desejo de desejar só é possível de ser expresso na poesia, e assim surge o *Cântico dos Cânticos*, como ápice dos dons de Deus concedidos aos seres humanos, feitos à imagem e semelhança do Criador, colocando-os acima da condição animal, que é caracterizada apenas pela necessidade e nunca pelo desejo. O humano – imagem e semelhança de Deus – distingue-se nisso, exatamente e especialmente nisso. É o desejo, e não a inteligência, que o faz errar e transformar a si mesmo e o mundo ao seu redor, e na maioria das vezes, descobrir e construir além do que imaginava ou previa.

Assim, surgiram grandes inventos e descobertas no decorrer da história da humanidade e da ciência. Somente inteligência faria o ser humano usá-la unicamente para encontrar soluções para as suas necessidades básicas. O desejo, em contrapartida, busca o novo, o que nunca se experimentou, o indefinível ou inexplicável. Por próprio e inerente ao humano, esse desejo não cessa, e está sempre a impulsioná-lo a buscar, fazer e descobrir mais e mais, inesgotavelmente, indefinidamente, incessantemente. Essa busca naturalmente é pelo que pode trazer satisfação e, portanto, o que é bom, belo e agradável.

Por isso, dá-se a busca pelo outro/outra semelhante que, além de propiciar e satisfazer a procura pelo que é bom, belo e agradável, é, ainda e especialmente, alguém com quem, em parceria, poderão vir a tornar possíveis e viáveis muitos outros desejos. Certamente, por isso, o livro do Gênesis diz que não é bom que se esteja só (Gn 2,18), acrescentando que esse outro alguém que se encontre em parceria “lhe corresponda”.

Essa correspondência, ao contrário do que possamos pensar e tenhamos entendido até então, é muito mais do que uma correspondência biológica ou de espécie, conforme é facilmente deduzido à primeira leitura, a partir do contraponto com os animais que já existiam. É possível pensar que mais que serem seres da mesma espécie, precisam estar em sintonia com o desejo para que seja possível caminhar juntos, evoluir, realizar, transformar, construir, aperfeiçoar sua própria

humanidade sempre inacabada e imperfeita, e, também, contribuir para a evolução da humanidade, com as realizações individuais e coletivas. Assim se ergueu a civilização que hoje temos, e assim continuaremos rumo ao futuro.

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Enganamo-nos quanto a isso porque ele busca incessantemente no exterior um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à interioridade do desejo [...] o que está em jogo é muitas vezes um aspecto inapreensível [...] a escolha humana ainda difere daquela do animal: ela faz apelo a essa mobilidade interior, infinitamente complexa, que é própria ao homem. O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior. O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão (Bataille, 2017, p. 53).

Essa última frase na citação acima, de George Bataille, explicita porque falar de erotismo quando falamos de desejo humano e porque falamos de desejo humano quando o tema é o Cântico dos Cânticos, que, a princípio, é um poema erótico e apenas isso, à primeira vista. Todavia, erotismo é algo que está muito além da simples sexualidade no seu aspecto biológico. O erotismo não se limita ao ato sexual e físico, mas carrega, em si, esse aspecto “inapreensível”, “complexo” e “próprio ao homem”, que faz com que a sexualidade humana exceda a esfera biológica e física, desde antes do ato sexual. Tudo que impele os amantes ao encontro e consecução do ato é muito menos o que se espera que determine esse encontro de corpos, tais como beleza e perfeição de traços, do que aquilo que é inapreensível aos próprios sujeitos em questão e inimaginável aos demais. Mesmo que essa escolha recaia sobre alguém que atenderia aos requisitos exigidos, ainda assim não é o aspecto externo e visível que determina a escolha, diz Bataille (Bataille, 2017).

É esse desejo complexo, enigmático e até mesmo hermético ao próprio sujeito e que é diferente e muito mais enredado que o simplesmente querer, que é próprio e exclusivo do humano e, também, determina todas as suas ações e a sua vida em todas as esferas, que é divino. Dom divino que lhe foi concedido na criação e que lhe deu o atributo de semelhante ao Criador, fazendo-o distinguir-se de todos os demais seres criados, que, embora criados pela divindade, não se assemelham a ela. Desejo que faz Deus desejar criar todo o mundo com sua beleza e peculiaridade de formas, cores, aromas e sabores, desejar e criar seres semelhantes a Ele, desejo de

predestiná-los à felicidade. Desejo que está inscrito na humanidade dos seres, distinguindo-os de toda a criação<sup>11</sup>.

Distinguiu-se da criação e na sua semelhança com o divino buscou o que parecia lhe faltar para ser não apenas semelhante, mas igual. Que era semelhante já se fazia sabido, por tudo que era capaz de pensar, fazer, criar e imaginar. Algo, porém, lhe faltava para ser igual ao seu Criador: conhecimento. Conhecer, conhecer, conhecer, sempre mais e mais. Capacidade que lhe era própria e possível. Sendo também inebriante e inesgotável.

O que lhe faltava, então, para isso? Comer o fruto do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,17). Por isso, esses seres criados por Deus e colocados num perfeito, onde tudo havia para o seu deleite e não somente para suprir suas necessidades – mas tudo que proporcionava satisfação e bem-estar, como a beleza exuberante da natureza, com toda sua diversidade e aromas – movidos pelo desejo do conhecimento, próprio ao humano, desde os primórdios da criação até os dias atuais, transgrediu a norma estabelecida pelo Criador, por serem seres desejantes, atributo concedido pelo próprio criador, que poderia tê-lo excluído das dádivas concedidas. Todavia, não o fez, e assim permitiu liberdade e desejo à humanidade.

Como, portanto, um ser semelhante ao próprio Criador, dotado de todas as mais requintadas capacidades, com plena liberdade e desejo, conseguiria ficar inerte e passivo justamente diante da árvore que poderia lhe permitir o conhecimento do bem e do mal? Era apenas o que lhe faltava diante de tudo que lhe foi presenteado. Esse ser não era apenas um animal racional, não era uma máquina, era um ser semelhante ao seu Criador, inteligente, pensante, livre e dotado de desejo. Como não buscar o que lhe faltava em meio àquilo tudo que lhe era possível e acessível? Se o desejo o impulsionava a isso, por que não o fazer?

Portanto, a mulher, assim como no poema Cântico dos Cânticos, plena de autonomia<sup>12</sup>, embora não sem antes argumentar com a serpente que lhe aparece

---

<sup>11</sup> Necessário se faz estabelecer a diferença entre desejo e necessidade. Desejo é o que se quer ter ou fazer, independente de precisar daquilo que se quer. Necessidade é o que se precisa ter, a exemplo do alimento e da água para a sobrevivência. Portanto, Deus desejou criar. Ele não precisava da criação, ou seja, não dependia dela.

<sup>12</sup> A autonomia de Eva é demonstrada quando ela toma a decisão de comer o fruto do conhecimento do bem e do mal. Ela não consulta o companheiro Adão, apenas decide. Após decidir e comer o fruto do conhecimento, ela decide também compartilhar com o companheiro. Ela não monopoliza o conhecimento, mas, ao contrário, deseja que ele também dê esse salto evolutivo. E assim inicia a História da Humanidade.

questionando a interdição recebida, contempla a referida árvore percebendo a sua beleza, deduzindo que o fruto gerado por ela, de modo semelhante, também era atraente e, acima de tudo isso, mais do que era oferecido ao olhar, essa árvore era muito mais que bela e convidativa à contemplação e ao apetite. Ela possibilitava “conhecimento”, não um simples conhecimento, ou um conhecimento dentre outros, mas algo que propiciaria uma competência especial para um conhecimento amplo, abrangente e total. Parecia ser uma tomada de consciência de um todo que já existia, mas ainda não lhes fora dado a saber.

Poderia ser denominado de sabedoria? Nada mais tentador que descobrir algo novo e que se apresenta atraente e grandioso. Apenas um gesto, nenhum esforço e esse saber, ainda inacessível, lhe seria possível, e ainda com o acréscimo de degustar um fruto que parecia ser extremamente saboroso. Tudo levava a crer que só haveria ganhos ao paladar, à mente, às emoções. Diante dessa dedução, aparentemente óbvia, a mulher decidiu experimentar esse fruto que tinha tanto a oferecer: sabor e sabedoria, e demonstrando ser verdadeiramente companheira, compartilhou com seu Amado o que lhe pareceu extremamente interessante, apetitoso e grávido de ganhos.

A árvore era realmente a “árvore do conhecimento”, uma vez que o seu fruto, assim como qualquer outro, serviu para saciar a fome ou deliciar o paladar. Sobre isso, aliás, que é propriedade de quase todos os frutos, nem se cogita ou sequer é mencionado algo dessa ordem. O que surpreendentemente e estranhamente acontece após a degustação do fruto dessa especial árvore foi abrirem-se os olhos dos comensais. Excêntrico fruto esse que, diferente dos demais, tem efeito sobre os olhos e não sobre o olfato, paladar ou estômago. Não há referência ao aroma do tal fruto, nem ao seu sabor, nem sua capacidade de saciedade, mas “os olhos se abrem”. Os olhos servem para enxergar e eles enxergaram o que nunca haviam enxergado até então, “viram que estavam nus” (A Bíblia, 2002, Gn 3,7, p. 37).

É possível deduzir que o fruto da árvore do conhecimento possibilitou o ser humano dar-se conta de si e da sua inserção no mundo enquanto humano. Dando-se conta de que estavam nus, precisavam de vestimentas. Como fazer? Onde encontrar? O que fazer em relação a isto? Havia, portanto, necessidade de trabalhar, ou seja, não somente colher os frutos existentes, mas produzir, por isso, o trabalho é necessário e não uma punição. Teriam filhos, aumentando assim o número de pessoas a serem alimentadas e cuidadas, e a chegada de cada novo ser geraria dor do parto,

consequência natural e não castigo<sup>13</sup>. Portanto, “os olhos se abrem” para a vida e suas necessidades, conseqüentemente para a construção e criação, mas, também, para o esforço, cansaço e dor que tudo isso exige. Por isso, o conhecimento é do “bem e do mal”.

No entanto, parece claro que tomar consciência disso, de como estar no mundo e do que fazer a partir dessa tomada de consciência é evolução e não queda. É um “salto da humanidade” como diz Kierkegaard:

O pecado então vem como o súbito, isto é, pelo salto; mas esse salto também define a qualidade e, à medida que a qualidade é definida, no mesmo instante, o salto é transformado na qualidade e pressuposto pela qualidade; e a qualidade é pressuposta pelo salto (Kierkegaard, 2022, p. 44)

Dar-se conta de si é, também, perceber-se como ser que sente, pensa e sofre. Por isso, o conhecimento traz “o bem e o mal”, porque pensar e sentir gera sentimentos nem sempre agradáveis como tristeza, angústia, preocupação. Enfim, esse novo ser humano, homem e mulher, iniciarão a construção da civilização, criando, assim como Deus e com Deus, uma vez que são a sua “imagem e semelhança” e receberam dele o sopro de vida e a fagulha divina que os faz estar acima dos demais seres criados e apenas abaixo do próprio Deus criador, quase deuses (Sl 8,5-6). Responsabilidade, domínio e cuidado consigo próprio e com o semelhante e com os demais seres e com toda a terra (Kierkegaard, 2022, p. 44).

O desejo da mulher que a impelirá ao marido, sendo dominada por ele, seria um castigo e a sentença de dominação da mulher pelo homem para todo o sempre? O que seria possível pensar e dizer sobre tais palavras? Anterior à toda e qualquer elaboração e parecer conclusivo, fundamental se faz acentuar que o livro do Gênesis não é um livro histórico, mas um relato mítico da criação da humanidade. Seria, dizendo de outro modo, a maneira encontrada pelo autor do relato de traduzir, em palavras, a origem do mundo, da vida, dos seres e as plausíveis etapas do desenvolvimento humano, a partir de suas necessidades de sobrevivência, de autoproteção e crescimento nos mais diversos aspectos.

---

<sup>13</sup> O que é aprendido ao longo dos anos, como castigo ou punição de Deus, é apenas uma metáfora para expressar que a partir daquele momento, que se tomou conhecimento do bem e do mal, ganhou-se ciência/ consciência que haveria dor ou dores, durante a vida. E uma dessas dores seria a dor do parto. Assim como o homem percebeu a necessidade de trabalhar – ao invés de só coletar frutos – para sua sobrevivência.

Para tanto, certo nível de organização era imprescindível, exigindo que se considerassem as condições naturais do lugar habitado, assim como as peculiaridades biológicas desses seres que começam a se constituir como seres culturais. Sim, os humanos são seres racionais e construíram uma civilização primorosa e admirável, não, porém, sem muito afincamento, tenacidade e lutas, perdas e adaptações, o que nos permite inferir que houve um momento na história da civilização que era crucial, pela própria diferença biológica entre homem e mulher, que a organização do núcleo familiar fosse desse modo, que podemos hoje chamar de opressor.

Certamente pela superioridade de força física do homem e pela situação exigida pela maternidade desde a gestação à amamentação do bebê humano, o que exigia da mulher uma vida cotidiana diferenciada da vida do homem, o qual não tendo que gestar os filhos e nem os alimentar ao seio, gozava de uma liberdade que lhe imprimia poder, além do da força física. Certamente essas diferenças impostas pela própria natureza humana, possibilitou aos homens condições de dominação da mulher, o que, no entendimento do escritor bíblico antigo, foi atribuído a uma decisão divina.

Todavia, a Bíblia é o conjunto de vários livros escritos por vários autores e em diferentes períodos históricos, portanto, somente lendo-a na sua totalidade podemos compreender diferenças e sutilezas que ampliam e transformam a compreensão. É assim que, ao chegarmos ao livro do Cântico dos Cânticos, nos surpreendemos com a inversão da afirmação sobre o desejo. Agora, no Cântico dos Cânticos, não mais o desejo da mulher que a impelirá ao marido, mas o desejo dele que o trará para ela<sup>14</sup>.

O *Cântico dos Cânticos*, sendo apenas um poema, um pequeno livro de poucos versículos, dentre tantos livros bíblicos maiores, mais descritivos, detalhados e pedagógicos, nos permite reler todo o Antigo Testamento com outros olhos e outra ética no relacionamento homem e mulher. Em nenhum momento ou frase do *Cântico dos Cânticos* a mulher é submetida, subjugada, submissa ou inferior ao homem. É o

---

<sup>14</sup> Embora, no próprio livro do Gênesis esteja escrito "Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne" (A Bíblia, 2002, Gn 2,24, p. 37), o que é relatado na Bíblia são casamentos decididos pelas famílias e poligâmicos. Portanto, essa união é mais normativa em termos de alianças entre clãs, famílias e tribos (d'Hamonville, 2024, p. 111). É só no livro do *Cântico dos Cânticos* que há um casal que se deseja mutuamente, livremente e exclusivamente. Não há qualquer decisão familiar, não poder de um sobre outro, e são apenas um do outro. "Meu amado é meu e eu sou dele" (A Bíblia, 2002, Ct 2,16, p. 1092). E é a mulher que afirma com total segurança. Certeza e afirmação que não é possível de ser observada em qualquer outro relato bíblico.

único dos livros bíblicos em que essa paridade entre o homem e a mulher se encontra presente do início ao fim, o que, além de não ser desconsiderado, exige que se faça uma releitura bíblica a partir dele, debruçando-se e analisando todos os relatos em que mulheres são citadas, desde o Gênesis até o Apocalipse. Grandes surpresas teremos, ao mesmo tempo em que veremos que os relatos são evidentes. A interpretação ou a visão é que são obscuras, passadas ou inexistentes.

O *Cântico dos Cânticos* nos permite falar do que há de mais intrínseco ao humano e mais essencial à sua convivência com os demais: o desejo e a ética, respectivamente. O *Cântico dos Cânticos* é um poema erótico, que vai muito além do erotismo e nos diz que o esse é muito mais que um ato sexual, porque nós, seres humanos, não somos apenas biologia ou corpo físico, mas somos, também, emoções, sentimentos, pensamentos, singularidade e imprevisibilidade. Os seres humanos são inusitados e surpreendentes, por isso são semelhantes a Deus. Resta-nos, portanto, analisar com acuidade o que o *Cântico dos Cânticos* tem a nos dizer sobre a ética e o desejo.

Em relação à ética, o texto surge surpreendentemente, como único na Bíblia em que há perfeita consonância entre homem e mulher, nos diálogos e na postura de cada um. Nenhum deles submete o outro. Ao contrário, ambos são protagonistas, a ponto de só ser possível distinguir a quem pertence a fala por estar escrito antes de cada declaração, os termos Amado e Amada, tal é a semelhança e total liberdade de expressão de ambos os personagens e não somente do Amado. O protagonismo é de ambos, sem qualquer distinção. O papel da mulher é diferenciado e destacado em relação a todos os demais livros bíblicos.

Há protagonismo em outras mulheres da Bíblia, mas é preciso atenção e uma cuidadosa hermenêutica, para que seja percebido. Não é o que encontramos no *Cântico dos Cânticos*, em que é clara e completamente explícita a correspondência de papéis e de atuação, o que está evidente nas falas do início ao fim do poema.

Podemos afirmar que o *Cântico dos Cânticos* nos ensina que não há superioridade de um ser sobre o outro, tampouco submissão da mulher em relação ao homem. Há uma ética de valorização e respeito mútuos, propiciando liberdade, autonomia e dignidade, o que é fundamental a todo ser humano que, segundo o Gênesis, foi criado à imagem e semelhança de Deus. Como, pois, a imagem de Deus ser submissa, submetida, desrespeitada ou oprimida?

Portanto, parece ser o *Cântico dos Cânticos* o texto que melhor representa e dá corpo ao que é dito no livro dos Gênesis. Daí o valor imensurável desse poema que é tão pouco estudado e mencionado em relação a outros textos bíblicos tão enaltecidos e repetidos. E até mesmo em relação a Gn 2,20-23, que é o texto, comumente, utilizado sobre a criação da mulher, e que permite a interpretação da submissão da mulher ao homem. Mendonça diz que a frase “esta sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne”, reitera a “mediação da alteridade para aquilo que o outro me faz ser realmente” (Mendonça, 2015, p. 139). E citando Maurice Gilbert afirma que o texto aponta para um sentido muito mais vasto: o dos laços que atam fibras recônditas do ser, o da amplidão, da transformação, do compromisso” (Mendonça, 2015, p. 139). O que é reforçado por Levinas quando declara que “a autonomia humana repousa sobre uma suprema heteronomia” e continua dizendo

A *relação ética* aparecerá para o judaísmo como uma relação excepcional: nela, o contato com o ser exterior, ao invés de comprometer a soberania humana, a institui e procede a investidura desta soberania (uma religião de adultos (Levinas, s.d., p. 7).

Esse “ser exterior” não é só o homem, portanto, esta relação excepcional não acontece apenas entre homens, mas entre todos os humanos. “A ética é uma ótica”, diz Levinas. E o *Cântico dos Cânticos* demonstra explicitamente essa ótica. “O espírito de toda a bíblia judaica está em que a relação com o divino perpassa a relação com o outro” (Levinas, s.d., p. 10). A relação com qualquer outro, seja homem, seja mulher, é uma relação com o Divino. Como tratar o divino como inferior e submetê-lo ou oprimi-lo? Tratar a mulher com submissão, dependência ou opressão é negar a criação e o divino que a constitui.

Diferente das culturas vizinhas, onde a sexualidade era sagrada, a Bíblia acrescenta desde sempre a sexualidade como território de descoberta e construção do humano, o que também é mencionado no *Cântico dos Cânticos*, embora tenha passado despercebido para a grande parte dos exegetas. “A sexualidade bíblica é, assim, a sexualidade humana. É retirada do alcance do mito, pode ser colocada sob a iluminação da Ética (Mendonça, 2015, p. 138). Propõe “pensar a sexualidade, a partir de uma ética”, declarando que “a sexualidade humana, descreve-se como um processo de fundação e reconhecimento do sujeito” (Mendonça, 2015, p. 138). O que é possível constatar a partir de uma das falas da Amada no *Cântico dos Cânticos* e mais uma vez concordar com Mendonça (2015), quando ele assevera que “a

primeiríssima acepção da ética sexual bíblica afirma, portanto, um investimento do sujeito na sua singularidade” (Mendonça, 2015, p. 140). E exemplifica apresentando trechos do *Cântico dos Cânticos*, citando a igualdade sexual, que se apresenta no poema como outro aspecto relacionado à ética, como é possível apreciar a seguir:

O desejo amoroso operou uma descentralização essencial: não sou mais eu e o é meu primeiro, mas o outro e o que é dele primeiro. [...] Pouco a pouco a posse se transformou em dom, dom de si, que responde ao desejo do outro (d’Hamonville, 2024, p. 94).

A sexualidade como o processo fundante de reconhecimento do sujeito, como cita Mendonça (2015), é algo fundamental no *Cântico dos Cânticos*, que é apresentado e descrito em Ct 6,2, versículo ao qual não é dado maior importância pelos comentaristas e exegetas. Todavia, buscamos todas as possíveis traduções a partir do original hebraico é possível e clara a constatação desse reconhecimento de si mesmo em sujeito e de uma “fundação ou inauguração” como tal, ou seja, como sujeito que se reconhece ou que se percebe de uma nova forma, podemos dizer que “se funda” ou “se inaugura” como verdadeiro de si mesmo ou como novo sujeito.

Beauchamp consegue descrever de forma surpreendente, profunda e densa essa constatação.

Poder-se-ia esperar que ausência fosse impulsionada para a plenitude do ser. E, entretanto, é um impulso irresistível para outra ausência de ser! O bem que essa ausência me traz consiste no fazer-me descobrir, reconhecer, aceitar com alegria minha própria falta. Sem dúvida, cada um deseja o outro, mas esse desejo não é primordial: somente comparado ao desejo de ser que me aparece no outro, o meu próprio desejo de ser revela-se a mim numa explosão de epifania, fundado e aceito em um ser que se quer em mim. O desejo do outro é um desejo de encontrar o seu desejo de ser (Beauchamp, 2015, p. 40).

Essa última frase de Beauchamp sintetiza a questão central ou ponto fundamental do *Cântico dos Cânticos* em relação à própria constituição humana enquanto sujeito. Se não a sua constituição, mas a tomada de consciência de ser sujeito. Sujeito de si mesmo, sujeito de decisão, sujeito de liberdade, sujeito independente, sujeito do seu próprio desejo. O desejo buscado no outro, encaminha e propicia ao próprio desejo inconsciente. Busca-se o outro com a ilusão de possível completude, e ao se deparar com a incompletude da mesma forma presente no outro, dá-se conta que essa incompletude não é de si mesmo, nem apenas do outro, mas

inerente ao próprio ser humano, portanto, a todo ser humano, como também pontua Tillich (2001, p. 92), ao afirmar:

O indivíduo é valorizado em sua unicidade, como uma expressão incomparável e infinitamente significativa da substância de ser. Diferenciação e não conformidade é o alvo dos desígnios de Deus. Autoafirmação da própria unicidade, e aceitação das exigências da própria natureza individual, são a correta coragem de ser.

É esta a grande descoberta acontecida no Gênesis após o casal comer o fruto do conhecimento do bem e do mal. Percebe-se faltante, a partir da própria vestimenta, e busca se cobrir. Mas a partir daí constrói a civilização.

No *Cântico dos Cânticos*, a Amada descobre, enquanto busca o outro, o Amado. Surpreendentemente, essa descoberta da falta estrutural que habita o humano, não é decepcionante, angustiante, tampouco devastadora, mas ao contrário, é vista e aceita com alegria, porque é uma grande e positiva revelação que expressa uma explosão de epifania. É, por conseguinte, uma enorme conquista, conquista de si mesmo, é um descobrimento do que se era sem se saber, é uma manifestação de si para si mesmo. Por isso, a tradução que me parece adequada para Ct 6,2 é: “Eu não conhecia meu próprio desejo ou meu próprio ser, até me ver como nobre” ou outra possível tradução, “eu não conhecia meu próprio desejo, ou meu próprio ser, até me ver com nobreza”.

Nobreza essa não por linhagem, nem por riquezas materiais, mas nobre pela consciência do valor de si, por ela alcançada, por se descobrir, por conseguir se conhecer a si mesma e isso lhe prover de autonomia, e permitir apropriar-se de si. Nada mais enobrecedor do que ter consciência e do nível de si. É algo decididamente libertador. Podemos dizer, a partir dessa constatação, que, dos escritos sapienciais, o *Cântico dos Cânticos* atinge um nível de destaque porque não traz apenas ensinamentos sobre a vida ou o viver, mas fala da própria essência do ser.

O texto que à primeira vista parece não ter nada a dizer, exceto declarações apaixonadas, torna-se profundamente valioso na sua essência, desvelando o conhecimento do ser humano acima de todos os demais textos bíblicos suscitando e oferecendo condições de uma nova leitura bíblica. Não somente no que se refere ao olhar sobre a mulher, mas sobre o próprio ser criado por Deus como homem e mulher.

Esse ser criado é desejante desde a sua criação, o que é evidenciado no *Cântico dos Cânticos* e, também, desde a criação, é um ser sexuado. Sendo, desse

modo, necessário pensar, discutir e propor o amor a partir da sexualidade ética notabilizada nesse nobre poema. Como expressa d'Hamonville (2024, p. 87), ao afirmar que

O Cântico nos aproxima de um modo bem singular, insubstituível, do mistério do corpo humano que se livra, que se resguarda, que se entrega ou que se recusa, falando, desse modo, mesmo inconscientemente, sobre o desejo que lhe dá vida.

#### 4.4 ORIENTAÇÃO PARA O AMOR ÉTICO

Amor, entendendo-se ele na sua completude, ou seja, amor que é também erótico e, por isso, inclui sexualidade, não há como ser pensado, delineado, discorrido ou explicitado, separado da ética, uma vez que amor prescinde de uma relação que, por sua vez, não só inclui, mas exige um outro para se constituir enquanto relação.

O amor sexual, assim como encontramos na Bíblia e já visto anteriormente como essencialmente ético, por se consolidar entre seres humanos e não entre seres humanos e seres sagrados, como acontecia em outras culturas, a exemplo da mesopotâmica. Isso possibilita declarar que a sexualidade humana, biblicamente falando, não é sagrada, porém é santa, porque se origina em Deus, que é santo, foi criada por Ele e concedida ao humano. Como tudo que foi criado, Deus disse que era bom, conseqüentemente, não há como a sexualidade ser vista como não santa, impura, pecaminosa, exceto se for vivenciada de forma indevida, ferindo o princípio cristão do verdadeiro amor, que preconiza considerar, respeitar e valorizar o outro, vendo-o e tratando-o como sujeito de desejo e não objeto do próprio prazer.

A fé de Israel representa, portanto, neste domínio da relação divindade/sexualidade, uma verdadeira revolução, copernicana: o seu Deus é um Deus Outro, a sexualidade é des-divinizada. Assume-se como puramente criatural. Isto não quer dizer que a sexualidade humana lhe seja indiferente. Quer dizer sim que ela é entendida de uma nova maneira. Recusa-se a categoria da 'hybris' para acolher a categoria da ética (Mendonça, 1994, p. 24).

Mendonça diz ainda, citando Maillot, que o Cântico dos Cânticos “é, portanto, uma desmitização, uma humanização e uma liberação do amor. É a libertação do amor [...] é a afirmação que o amor de um homem e de uma mulher [...] em si mesmo justificado” (2015, p. 30). Portanto, “a bíblia não é moralista, ela é (neste sentido)

antirreligiosa” (Maillot, 1975, p. 59)<sup>15</sup>. E acrescenta que ela – a Bíblia – “opõe-se a toda forma de hibridismo entre o céu e a terra” (Mendonça, 2015, p. 22). O que é corroborado por Karl Barth e, também, citado por Mendonça, quando diz que

na opinião do teólogo Karl Barth, os textos de Gn 2 e o do Cântico dos Cânticos são os que, no Antigo Testamento, perspectivam de um modo mais original, o amor humano [...] o enamoramento também é [...] simplesmente do homem tal qual ele é diante da mulher tal qual, ela é (Mendonça, 2015, p. 30-31).

O que é corroborado por d’Hamonville, a partir da citação talmúdica:

No mundo inteiro foi incomparável em que o sublime *Shir ha-Shirim* (isto é, o Cântico dos Cânticos) foi transmitido a Israel, pois todas as Escrituras são santas, mas o *Shir ha-Shirim* é a mais santa das Escrituras (*Talmud*, Tratado Yadaïm III, 5 apud d’Hamonville, 2024, p. 119).

Há ainda algo bastante significativo, no relato bíblico, quando examinado perscrutando suas minúcias que quase sempre só é possível alcançar e explorar apropriadamente para melhor compreender no idioma originalmente escrito, que carrega toda sua peculiaridade e cultura, muitas vezes impossível de exatidão na tradução. Sem contar que fora a particularidade idiomática, as várias palavras que traduzem o que está escrito na língua original, obrigam o tradutor, a fazer a sua escolha, que inevitavelmente está atrelada à sua visão sobre o tema, o que, em alguns casos estão um tanto distanciadas da visão do pesquisador e pode mascarar, impedindo uma melhor concepção do que é lido.

É desse realce do escrito original que nos chega, trazido por Mendonça (2015), uma tradução marcante, que não é comumente enfatizada ou mesmo mencionada. Ele chama atenção para os termos *Zâkâr* e *Nêkêvah*, respectivamente para designar homem e mulher, salientando a significação e a dimensão sexual de cada um desses vocábulos, como trazido por Mendonça (2015, p. 25):

O homem é dito *Zâkâr* e a mulher *Nêkêvah*. Estes termos são muito significativos, porque tentam uma definição dos dois elementos humanos a partir da dimensão sexual. *Zâkâr* é o macho, e é também o ‘membrum virile’, enquanto *Nêkêvah* é ‘aquela que se rasga, que se penetra’.

<sup>15</sup> A Bíblia não é moralista, porque não é um livro de doutrina ou um Código de leis a serem cumpridas sob pena de punição, mas um livro de ensinamentos para o bem-viver de todas as pessoas e de cada uma, e isso deve estar acima de qualquer lei. É antirreligiosa porque é um livro sobre a vida e para a vida. Os relatos são de histórias da vida das pessoas e não de deuses, haja vista, o *Cântico dos Cânticos*. Um livro apenas humano.

Maillot é citado por Mendonça, oportunizando estas etimologias para afirmar que “a sexualização do homem não é uma consequência da queda (nem do pecado). É desde a sua criação, que o casal humano é sexuado” (Maillot, 1975, p. 60 apud Mendonça, 2015, p. 25). Isso é referendado por J. Harold Ellens no seu livro *Sexo na Bíblia*, quando diz que, em relação a Gn 1,22-27, “uma das referências mais curiosas do sexo na Bíblia sugere fortemente que Deus é sexual” (Ellens, 2011, p. 34), o que, segundo ele, está (explícita e claramente) que a imagem e semelhança de Deus inclui a sexualidade, e que essa sexualidade é algo “essencial à natureza de Deus que é refletida na sexualidade e gênero humano” (Ellens, 2011, p. 57). O que o faz concluir que a celebração da sexualidade humana no Cântico do Cânticos com tão espantosa liberdade e leveza é a afirmação que a sexualidade humana é divina, ou seja, o divino no humano, “reflexo da própria natureza de Deus em nós” (Ellens, 2011, p. 57).

A Bíblia diz que “Deus criou o homem a sua imagem, a imagem de Deus ele os criou, homem e mulher ele os criou” (A Bíblia, 2002, Gn 1,27, p. 34). Certamente nós não nos apercebemos que ao falar da imagem de Deus são citados apenas o gênero, o que leva Ellens a afirmar que “a Bíblia não diz que as características de Deus em nós não são primordialmente nossa espiritualidade, racionalidade excelência intelectual ou emocional ou a proficiência de linguagem; mas nosso gênero, nossa sexualidade masculina e feminina” (Ellens, 2011, p. 57).

Obviamente que todas as características citadas acima por Ellens (2011), nos vem de Deus, todavia a citação é apenas essa: “homem e mulher os criou”. Após falar que fomos criados à sua imagem e semelhança. Se essa não é a única semelhança dos seres humanos com Deus, e todos nós sabemos que não é, vale a pena pensarmos nessa imagem trazida a nós pela Bíblia, já que foi a única característica apresentada ao se falar da criação, muito pode ser pensado e expressado a partir desse pequeno versículo bíblico.

A primeira e mais fácil dedução é a da própria criação. Ele criou os primeiros seres com a condição de perpetuar a criação, dando vida a novos humanos. No entanto, há alguns organismos na natureza que conseguem se reproduzir a partir de si mesmos, sem a necessidade de gêneros diferentes, portanto, poderia ter acontecido dessa forma com os seres humanos. Sobre isso, Ellens declara:

Deus não é macho ou fêmea, mas Deus combina tudo que caracteriza os dois gêneros e mais do que isso: pai, mãe, irmão, irmã, amante e amigo. É isto o que a Bíblia pretendeu dizer e é isto que está implícito na primeira grande referência à nossa natureza: que nós fomos capacitados conforme a imagem de Deus – macho e fêmea, cheios de paixão, amor e sexo! (Ellens, 2011, p. 65).

Retornando à questão de continuarmos gerando novos seres humanos e essa ser uma semelhança nossa com o Deus-Criador, o que para nós acontece especialmente através do relacionamento sexual entre dois seres, há uma tendência a confundirmos sexualidade e eroticidade, contudo essas palavras não têm significados iguais. Enquanto a sexualidade pode se referir apenas ao ato sexual, como acontece com os animais, mas infelizmente também com alguns humanos, a eroticidade é algo muito maior, próprio e exclusivo do humano, por envolver desejo, paixão, carícias e detalhes que excedem, em muito, o simples ato sexual. No entanto, além da diferença existente entre eroticidade e sexualidade, a importância reside na origem da palavra “eroticidade”, que é formada a partir do termo Eros, que não é apenas um sufixo, mas o nome de um dos deuses da mitologia grega – deus Eros – que é o deus do amor e que tem um significado muito mais amplo do que é compreendido ou imaginado pelo senso comum atualmente.

Sobre a relação entre a teologia com o amor eros na perspectiva grega, temos que:

[...] a teologia chega a distinguir, de maneira pertinente, e muitas vezes a opor o eros grego – uma palavra quase ausente da LXX e no Novo Testamento, representativa do amor de desejo, interessado, captativo – a *ágape* cristã, visto como “caridade” – um amor desinteressado, oblato. Entretanto, a Palavra de Deus não nos propõe senão um único amor, capaz de crescer e deixar purificar. [...] o amor sem o qual tudo é vão e nada tem serventia, o amor que “não passará jamais!” (1 Cor 13,8) (d’Hamonville, 2024, p. 113).

A partir desse prisma, não é possível desconsiderar a relação do erótico com a Palavra de Deus, em específico no *Cântico dos Cânticos*, já que

O debate das interpretações questiona a significação original do livro, mas não esgota o texto, pois fica demasiadamente na superfície, apenas no nível do intelecto, continuando a obstruir certas entradas do livro, impedindo o leitor de mergulhar na aventura amorosa que Deus lhe propõe através do Cântico dos Cânticos, pois esse livro é interpelativo, convidativo: o “erótico”, a estimulação de um desejo, é uma dimensão irredutível de toda Palavra de Deus (d’Hamonville, 2024, p. 25).

#### 4.5 O QUE SERIA UMA ORIENTAÇÃO PARA O AMOR ÉTICO?

Como a proposta deste trabalho é fazer uma análise da sexualidade no Cântico dos Cânticos, faz-se necessário verificar o que seria o amor ético. O conteúdo bíblico é estudado, seguido e ensinado nas Igrejas Cristãs, as quais, de modo geral, proíbem a prática sexual fora do casamento, embora esteja contido no seu livro sagrado um poema explicitamente erótico, onde é descrito um relacionamento de amantes não casados. Como explicar esse desencontro? Por que não há estudos nas Igrejas sobre o livro? O que fazer para conciliar o que está escrito no *Cântico dos Cânticos* e o que é ensinado e exigido que seja cumprido, sob pena de exclusão de algumas Igrejas.

A pesquisa publicada de Alfred Kinsey, a obra de Masters e Johnson e outros estudiosos similares, como The Hite Report, indicam que aproximadamente três quartos dos homens e mulheres nos Estados Unidos violam os padrões oficiais de comportamento sensual em nossa sociedade. Nossa supermoralização da sexualidade nos tornou esquizofrênicos éticos e sociais, por assim dizer (Ellens, 2011, p. 35).

Vale salientar que essas pesquisas são todas do século passado, quando ainda havia um pouco menos de liberdade de costumes que atualmente. Imaginemos qual seria o resultado de uma pesquisa semelhante em nossa época. Esse resultado obtido nas pesquisas certamente não coaduna com um amor ético.

J. Harold Ellens (2011), diz que o seu objetivo ao escrever o livro *Sexo na Bíblia* foi demonstrar como a Bíblia é lida incorretamente, particularmente no que diz respeito à sexualidade (2011, p. 36). Ele acrescenta que “sexualidade e espiritualidade são intimamente ligadas na Bíblia e em nossa experiência pessoal” (2011, p. 37).

O que observamos no *Cântico dos Cânticos* parece estar sintetizado por Ellens na descrição que ele fez da experiência sexual. “Ela é cheia de deleite estético no objeto de nossa afeição, com celebração do que nós imaginamos ser as perfeições e maravilhas do outro, e produz uma riqueza transbordante de emoção que gratificadamente nos exausta” (Ellens, 2011, p. 38).

Na leitura do *Cântico dos Cânticos*, não há como não perceber que a sexualidade humana é expressa com total naturalidade, que é um dos aspectos da vida humana como quaisquer outros. Poderíamos dizer que é algo que integra a fisiologia humana como dormir e se alimentar, porém acrescido de uma sensação de prazer que supera imensuravelmente outras funções do organismo humano.

A Bíblia não é moralizante em relação à sexualidade, no entanto, a Igreja caminha na direção contrária, como resultado da interpretação de alguns que talvez enfrentem problemas com sua própria sexualidade, mas também como uma forma de controle sobre os corpos. Deveríamos “ler” a Bíblia e deixar que ela nos falasse diretamente, ao invés de aceitarmos e seguirmos certas interpretações, sem fazermos qualquer questionamento. Certamente com uma leitura bíblica, livre de condicionamentos, teríamos agradáveis surpresas e conheceríamos o Deus de amor que para alguns é um Deus tirano e ameaçador.

Conseguiríamos ver que a Bíblia fala de uma sexualidade de verdadeira comunhão e mutualidade; que o *Cântico dos Cânticos* é poema romântico escrito com o único propósito de celebrar o amor, sem pretensão de falar de aliança entre Deus e Israel nem de Cristo com a Igreja; que relacionamentos sexuais acontecem naturalmente desde que haja consentimento mútuo; que é possível celebrar o prazer sexual entre dois amantes apenas por prazer, como acontece no *Cântico dos Cânticos*, porque a Bíblia é primordialmente orientada em direção à liberdade, criatividade e autoexpressão feliz em tudo que está relacionado à vida, inclusive à sexualidade (Ellens, 2011, p. 51).

Pensar sobre o amor ético, no *Cântico dos Cânticos*, demanda algumas questões éticas, como a legitimidade, fidelidade e sexualidade e ternura, de acordo com Andiñach (1998) e que serão discutidos em sequência. A legitimidade está além da legalidade e faz esta última incipiente ou desnecessária, porque o que é legítimo se estabelece independente de imposições ou exigências externas, ele é intrínseco ao amor e aos seres que se amam, gerando o desejo de propiciar ao outro o melhor de si e que também seja o melhor para o outro, de modo natural e sem quaisquer resquícios de obrigatoriedade, mas pelo prazer e alegria de contribuir e participar do bem-estar do outro. Em consequência disso, o respeito à outra pessoa é espontâneo e resultante do sentimento existente, não planejado nem determinado por outrem, mas tão somente por ver, no outro, um igual e, desse modo, não poder acontecer de outra maneira que não seja a mais plena valorização da sua essência humana.

Diante desse amor legítimo e, por conseguinte, ético, não há lugar para a legalidade, porque ela não se faz necessária, uma vez que toda obrigatoriedade advinda da lei já aconteceria espontaneamente, simplesmente pelo desejo de dar o melhor de si ao outro, que não é apenas um outro ser, mas um outro semelhante,

amado e parceiro de vivência, projetos, sonhos, vida e, especialmente, de sentimentos recíprocos.

Sob essa perspectiva, onde caberia a exigência da instituição legal do casamento como condição indispensável para a união íntima de dois seres que se amam genuinamente? Não parece haver tal necessidade, uma vez que o casamento civil tem, como finalidade, assegurar tão somente, direitos e deveres, sendo, portanto, algo relacionado à área e incumbência do Direito, e não à Igreja. Devendo, assim, caber ao casal à decisão e não à Igreja, o que exclui totalmente qualquer atitude punitiva, por parte de instituições religiosas, em relação ao casal que opte por não legalizar a união, desde que a decisão de estarem juntos esteja pautada num sentimento consciente e verdadeiro para ambos.

Nesse ponto, para aprofundar a reflexão, é pertinente a pergunta trazida por Andiónach (1998, p. 34): “O amor de um casal precisa de uma sanção social para outorgar-lhe legitimidade?” Casamento, enquanto celebração e comemoração, teria lugar nesse amor ético, porque tudo o que é da ordem da vida, da alegria, da beleza, da comunhão, da reciprocidade, do altruísmo e do bem deve ser celebrado. Todavia, isso deve ser espontâneo, natural e fruto da inspiração e do anseio dos seres que desejam unir suas vidas, em consequência desse amor. Não cabe, portanto, diante da nobreza e grandeza do amor, imposições, punições e condenações. Esse amor ético e vivificante, que não precisa de autorização humana, para ser experienciado, pois foi instituído por Deus desde a criação (Gn 1,27,28; 2, 20-24), não necessita estar atrelado a algum ato de sanção social que o legitime, como trazido por Andiónach. Tampouco pode ser considerado pecado e passível de punição por parte de instituições religiosas, como afirmado anteriormente.

O Cântico, como pode ser visto em todo o texto, apresenta emoções, através do que se lê, em que tudo é espontâneo e sentido, por cada um dos amantes, como natural. Nesse contexto, está a fidelidade. Eles são fiéis não por exigência social ou dever, mas por se completarem de tal modo, que não cabe um outro ou uma outra entre eles. Essa é uma das faces da ética do amor que Andiónach (1998, p. 35) resume do seguinte modo:

O Cântico coloca em cena o segundo tema ético: a *fidelidade*. [...] A fidelidade é um valor central à mensagem do Cântico [...]. Justamente porque se amam e se desejam com exclusividade é que entram em colisão com a sociedade e as classes cortesãs de sua época.

Ser fiel um ao outro não é uma carga para o casal. Não vivem a fidelidade como um sacrifício pelo qual se negarão a outros, a fim de preservar a integridade da relação entre eles.

Há, porém, uma outra especificidade no Cântico que exprime a sua singularidade e destaque, ao se pensar o modelo das relações de gênero existentes à época: casamentos acordados entre as famílias, interesses econômicos, dentre outros, em que o menos ou até mesmo não considerado era o amor entre o casal, como lembra d’Hamonville (2024, p. 11): “O próprio fim do livro [Cântico dos Cânticos] protesta contra os modos mercantis em matéria de amor: Quisesse alguém dar tudo o que tem para comprar o amor, seria tratado com desprezo (Ct 8,7)”. Sobre essa relação entre o amor e as convenções sociais e teológicas da época e a necessidade de um posicionamento frente a isso, Andiñach (1998, p. 40) comenta que: “[...] a autora viu-se interpelada pela hipocrisia da sociedade e da teologia que ela sustentava, não podendo evitar, no desenvolvimento do seu tema, definir-se diante dessa sociedade e seus valores”.

Surge, neste contexto, o casal do Cântico apresentando um amor, cuja entrega e afeto se encontram completamente entrelaçados à sexualidade. Isso é o que merece maior destaque na ética do amor no Cântico, pois, além de ser o que o distingue, também, e principalmente, transforma o lugar reservado às mulheres até então. Essa é mais uma postura ética do Cântico apresentada por Andiñach (1998, p. 35-36), quando afirma que:

O terceiro tema ético que aparece neste livro é a relação que se estabelece entre *sexualidade e ternura*. [...] A mensagem que está por trás disso é que a sexualidade que não é compartilhada em igualdade [...] não tem lugar num amor verdadeiro. A autora parece dizer-nos o seguinte: se a voz da mulher não vale tanto quanto a do seu parceiro, então o amor e o erotismo se verão empobrecidos pela desigualdade [...].

O *Cântico dos Cânticos* talvez seja um dos melhores textos para que se compreenda a diferença entre moral e ética. O Cântico é, por excelência, ético e em nada moral. Enquanto a moralidade se ocupa de normas, regras, proibições e punições, nada disso está presente no *Cântico dos Cânticos*. Sobre isso, diz d’Hamonville (2024, p. 92): “[...] Não estamos aqui no campo da moral! A retórica do permitido e do proibido, do puro e do impuro não aflora em nenhum lugar do poema”. Assim como não faz menção à moralidade, de forma idêntica excluiu o pecado de suas páginas. Não se fala nessa palavra, tampouco a qualquer outro termo que remeta ao

tema. Lendo Cântico, esquece-se de algo que é tão propalado, ameaçador e motivo de castigo. Ao contrário “uma sexualidade feliz” destinada ao bem-estar humano e cumulada, *a priori*, de pavor e maldição (d’Hamonville, 2024, p. 132). Em meio aos escritos bíblicos, o Cântico impressiona pela polarização quase exclusiva orientada ao belo, ao bom, ao positivo. Nele não se encontra nem o feio nem o mal (d’Hamonville, 2024, p. 98).

Entretanto, no que concerne à ética, o *Cântico dos Cânticos* se destaca de toda a Bíblia. É a ética que prevalece, que se destaca, que se impõe. Seria essa a sapiência do Cântico que vem até nós? Embora a centralidade do texto seja um casal, é possível que a relação entre eles supere e vá além de uma relação entre duas pessoas apenas, mas fale de relacionamentos humanos, sejam eles entre pais e filhos, irmãos, parentes e amigos, pois o *Cântico dos Cânticos* é um canto de amor, sobre o amor e sobre o amar, e a ética é para todas as pessoas, todos os seres, todo o mundo. Só se é ético amando. Talvez a grande maioria dos leitores do *Cântico dos Cânticos* ou, quiçá, a totalidade dos leitores não se dêem conta que o Cântico é “a história do Amor” e não apenas “uma história de amor”, como tantas outras, como tantos poemas de amor existentes desde a antiguidade até os dias de hoje (d’Hamonville, 2024, p. 15).

Certamente esteja aí a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, do Amado e da Amada esgotarem as tantas metáforas utilizadas por eles para definirem um ao outro porque “[...] a realidade do amor ultrapassa a ideia do amor” (d’Hamonville, 2024, p. 25), e é com esse sentimento que todas as pessoas devem ser amadas. Por isso, é possível pensar que o *Cântico dos Cânticos* é uma lição de amor para todas as pessoas, porque todas as formas, através das quais o amor se apresenta, estão expostas nesse especial poema. Assim, sob a perspectiva da plenitude desse amor, seja cognoscível o título que o coloca acima dos demais cânticos. Ele é “O Cântico dos Cânticos”, não apenas “um cântico” ou “o cântico”, mas o mais esplêndido entre todos.

Faz-se necessário tentar compreender como esse amor se mostra no poema, para que possa ser considerado ético. Certamente que o que merece maior destaque, no que se refere à ética, no *Cântico dos Cânticos*, é o lugar ocupado pela Amada, nesse livro bíblico. Esse lugar é de total paridade com o Amado do início ao final do poema. É de tal modo o equilíbrio na participação das falas e tão semelhantes, que, na maioria das vezes, o que distingue quem está falando é somente o gênero masculino ou feminino das palavras ditas. Isso não acontece em nenhum outro livro

bíblico, não nessa proporção de totalidade do texto. Estar e se sentir igual diante de outrem, talvez, seja a forma mais respeitosa de amor, portanto um princípio ético de relacionamento. Essa condição de relacionamento entre o Amado e a Amada se torna muito mais valiosa, preciosa e admirável por acontecer numa sociedade fundamentalmente patriarcal. Esse é um dado de realidade que é impossível desconsiderar, pois concede a essa situação um valor inestimável e possibilita à Amada se sentir livre, autônoma, autora e protagonista. Além disso, vale salientar algumas expressões que podem parecer incompreensíveis ou sem relevância no texto. A citação a seguir revela essas expressões:

Essa paridade dos bem-amados ressoa em certo número de expressões [...] O bem-amado chama sua parceira de “irmã” cinco vezes [...]. A tradução grega do Cântico [...] reforça consideravelmente a marca da fraternidade [...]. “Irmão, irmã” foi por muito tempo a designação comum dos discípulos de Cristo entre si [...]. Outra palavra com forte ressonância [...] está também presente na designação mais frequente da bem-amada como “minha amiga”, “minha companheira”, em hebraico *ra’eyat*, literalmente “minha próxima” [...]. Quem valorizou em seu ensinamento o mandamento de amor ao próximo mais que Jesus, declarando-o “semelhante” ao mandamento do amor de Deus (Mt 22, 39)? (d’Hamonville, 2024, p. 115, 116).

O *Cântico dos Cânticos* “permitiu” que se reconhecesse o desejo de Deus de entrar em relações de amor com os homens e as mulheres de carne e sangue que somos (d’Hamonville, 2024, p. 8). Essa expressão de d’Hamonville é dita ainda de forma mais poética por Gallazzi e Rizzante (2012, p. 180): “E com isso retorna o colorido rosto de Deus que o tempo tinha reduzido a uma cor cinzenta. O nosso Deus, o único, nos dá mil facetas diferentes”.

Para concluir me pareceu ser importante encerrar com textos do livro *Teologia das Mulheres: a quem Deus revelou seus mistérios*, de Gallazzi e Rizzante, que embora seja um texto em prosa, tem sabor de poesia. Portanto, ao final de um trabalho de um livro-poema, findar com palavras poéticas:

A profecia não morreu [...] ela tomou novo rosto, vestiu a roupa do cântico [...], do hino de amor [...]. É a festa da vida que vence a morte [...]. Do jardim [...] devemos sair não mais expulsos, mas para convidar todos a entrar (Gallazzi, Rizzante, 2012, p. 182, 183).

Há ainda uma outra forma de sintetizar a ética do *Cântico dos Cânticos*:

[...] aprender a harmonia, a paz, a justiça do corpo, corpos em relação correta uns com os outros. O de onde viemos e para onde vamos, não de céus estranhos mas aqui, na comunidade da Terra” (Ruether, 1993, p. 221).

## SÍNTESE DO CAPÍTULO

O capítulo, inicialmente, questiona se o *Cântico* é um louvor a Deus, à humanidade ou à espiritualidade e defende que se trata de um poema de louvor ao amor erótico entre dois seres humanos. Depois explora as razões pelas quais esse livro tão sublime é muitas vezes preterido em relação aos demais livros bíblicos.

Em seguida, examina as metáforas usadas no *Cântico dos Cânticos* para descrever o amor entre o Amado e a Amada com referências a elementos da natureza e objetos valiosos para retratar a profundidade e singularidade do amor. A análise do *Cântico dos Cânticos*, examina sua linguagem poética e metáforas que revelam a natureza divina do amor e da paixão humana.

Argumenta-se que o desejo é um dom divino que distingue os humanos, permitindo-lhes criar, evoluir e buscar entendimento. Examina-se como o desejo é retratado em diferentes livros bíblicos, enfatizando a importância do *Cântico dos Cânticos* na apresentação de um relacionamento igualitário entre homem e mulher.

Defende que o amor, incluindo o amor erótico, não pode ser separado da ética, pois o amor entre seres humanos requer considerar, respeitar e valorizar o outro como um sujeito de desejo, não apenas um objeto de prazer. Destaca-se que a Bíblia não vê a sexualidade humana como inerentemente pecaminosa ou impura, mas sim como um dom divino que reflete a imagem de Deus na humanidade.

Por fim, discute-se o conceito de "amor ético" à luz da análise da sexualidade no *Cântico dos Cânticos* e questiona-se a discrepância entre o conteúdo desse livro bíblico e o ensino das igrejas cristãs que adotam uma interpretação restritiva. Propõe-se que um amor autêntico se caracteriza por comunhão integral entre pessoas com maturidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da realização desta pesquisa era examinar o livro bíblico cujo título é *Cântico dos Cânticos* sob a perspectiva da Teologia, uma vez que sua leitura, a priori, não nos remete direta ou indiretamente a Deus, tampouco está correlacionado a temas apresentados em outros livros que compõem a coleção bíblica, o que caracterizaria alusão a Deus de maneira indireta. No entanto, como já foi relatado ao longo da exposição do estudo realizado.

É possível que, lendo o *Cântico dos Cânticos*, até esqueçamos que estamos lendo a bíblia, e, certamente, uma pessoa que ignore os títulos dos livros contidos na bíblia, ao ter acesso ao texto isoladamente, de modo algum imaginaria estar lendo um texto bíblico, mais apenas um poema de amor dentre tantos existentes.

É essa peculiaridade do *Cântico dos Cânticos* que instigou a busca pela teologia nele contida pois, evidentemente, haveria de existir algo de teológico neste livro, senão por que estaria ele inserido na Bíblia?

A leitura do Cântico deixa evidente para quem quer que o leia que o texto trata da descrição de um encontro/desencontro entre dois seres que se desejam e se admiram recíproca e ardentemente, sendo o corpo de cada um deles objeto de descrição detalhada com expressões superlativamente enaltecidas. A sexualidade está implícita do início ao final do poema. Então, é nessa sexualidade exposta no Cântico que haveria de ser buscada a teologia contida nele, para isso teve como primeira parte da metodologia, como não poderia deixar de ser, a leitura meticulosa do próprio *Cântico dos Cânticos*, buscando desvelar as inúmeras metáforas presentes no texto, o que exigiu uma viagem no tempo até as localidades geográficas descritas com toda riqueza existente nelas, desde a fauna, flora, monumentos, cidades e expressões próprias da época.

A inequívoca reciprocidade visivelmente presente no poema entre o Amado e a Amada, apontam de forma explícito para o excepcional protagonismo da mulher no escrito, algo não encontrado em nenhum outro texto bíblico. Protagonismo que expõe paridade acompanhada de liberdade de ação e expressão. Essa percepção conduziu ao segundo momento da pesquisa: a leitura da obra *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*, de Brenner, um livro que reúne textos de várias biblistas mulheres que analisam o Cântico sob os vários aspectos, todos, porém, sob a perspectiva de uma teologia feita por mulheres. Essa etapa da pesquisa possibilitou descortinar particularidades indicativas de que a exclusividade do texto que o fazia se

uma exceção dentro da bíblia, eram característica de tal forma diferenciadas na escrita, no conteúdo, na forma e no lugar que a mulher ocupava no texto o que seriam fortes indícios, praticamente incontestáveis, de que ali estava uma escrita feminina e feminista.

A terceira fase da pesquisa consistiu na leitura de vários teólogos comentadores do *Cânticos dos Cânticos*, todos unânimes na visão de que a sexualidade, o erotismo e o amor humano eram dignos, puros, belos e bons, assim como tudo que foi criado por Deus. Surge, então, a grande questão: por que algo que foi criado por Deus é alvo de tanto impedimento, interdições e condenação?

Essa questão levou uma quarta etapa da pesquisa: o estudo da sexualidade na cultura judaica, uma vez que o *Cântico dos Cânticos* é um dos livros da bíblia hebraica. É uma etapa que procura explicar a diferença de visão entre a cultura hebraica e oriental e a cultura cristã e ocidental. Seria a busca da chave para desvendar o enigma da religião cristã ter tantas restrições em relação a um tema que é descrito com tanta naturalidade na Bíblia.

E foi possível compreender. Para os judeus, o ser humano é uno, não havendo divisão entre corpo e espírito, e é esse ser uno que é semelhante a Deus. Por conseguinte, o corpo é tão santo e semelhante a Deus quanto é o espírito, pois são uma unidade inseparável. O que é espiritual só é possível ser expresso e experienciado através do corpo. É o corpo o que vemos e conhecemos. O *Cântico dos Cânticos* esfacela essa concepção dualista da qual somos herdeiros, é o que diz d'Hamonville (2024, p. 69).

Qual seria, então, a Teologia do Cânticos dos Cânticos? Que a sexualidade e o modo de viver essa sexualidade são divinos porque assim os seres humanos foram criados, dotados de sexualidade. E essa sexualidade deve ser vivida na sua integralidade, na totalidade do ser. O amor que não vemos e podemos atribuir à espiritualidade é vivido, experimentado e sentido no corpo em toda sua potencialidade e prazer, alegria, regozijo e deleite.

Essa sexualidade é divina porque, nessa dimensão, ela está além de um ato mecânico e apenas físico, como acontece com os animais, apenas para reprodução. O *Cântico dos Cânticos* não se restringe à sexualidade tão somente, mas ao erótico.

Deus é amor e o cântico é a representação desse amor divino na sua forma mais completa. Na forma fraternal, quando a Amada além de ser chamada de irmã é tratada como igual. Na forma erótica, com a união dos corpos que se desejam e se

unem; e na plenitude dessa união, Deus se faz presente: o amor *ágape*. Deus é completude, é inteireza, é totalidade, portanto todas as formas de amor vêm d'Ele e estão n'Ele e se faz presente em nós, como presença d'Ele em nossas vidas.

Essa é a Teologia do *Cântico dos Cânticos*. O *Cântico dos Cânticos* se faz presente na Bíblia para subverter e fazer acontecer o amor que não oprime, que não subjuga, que não se utiliza do semelhante, mas o respeita na sua dignidade humana que é divina.

É o cântico de uma mulher simbolizando a resistência de todas as mulheres se opondo às decisões e ao poder dos homens sobre suas vidas, especialmente no período pós-exílico quando as mulheres foram totalmente desconsideradas, desrespeitadas, objetificadas e desamparadas juntamente com seus filhos pelo simples fato de serem estrangeiras (Esd 10,3), o que é contraditório em relação ao ensinamento bíblico que sempre enfatizou a proteção às viúvas, órfãos e estrangeiros (Dt 10,18,19). Como abandonar mulheres e crianças à própria sorte?

O *Cântico dos Cânticos* é um modelo para a hermenêutica bíblica, além de um clássico como obra de arte, por isso muito ainda é possível estudar e produzir sobre e a partir do *Cânticos dos Cânticos*. Sempre haverá algo mais a ser dito, a exemplo das múltiplas metáforas expressas pelo amado e pela amada no poema. O *Cântico dos Cânticos* é inesgotável em sua expressão. E isso também é Teologia, porque fala da infinitude e da impossibilidade de dizer sobre Deus.

## REFERÊNCIAS

- ANDIÑACH, Pablo. **O Cântico dos Cânticos**: o fogo e a ternura. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.
- ASENSIO, Víctor Morla. **Livros sapienciais e outros escritos**. São Paulo: Ave-Maria, 2008.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 2ª imp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BEAUCHAMP, Paul. **El uno y el outro Testamento**. Cumplir las Escrituras. Biblioteca de Autores Cristianos, 2015.
- BOYAIRIN, Daniel. **Israel Carnal**: lendo o sexo na cultura talmúdica. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1994.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega** (vol. II). Petrópolis: Vozes, 2000.
- BURNETT, Anne Pippin. **Three Archaic Poets**: Archilochus, Alcaeus, Sappho. London: Duckworth, 1983, p. 209-210. Disponível em <https://archive.org/details/threearchaicpoet0000burn/mode/2up>. 30/01/2025. Acesso em: 30 jan. 2025.
- D'HAMONVILLE, David-Marc. **O cântico dos cânticos**. Tradução Benno Brod. São Paulo: Loyola, 2024. Série ABC da Bíblia.
- DECKERS, M. Cântico dos Cânticos e a centralidade de nepesh (6,12). *In*: BRENNER, Athalya (org). **Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero**. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 193-220.
- ELLENS, J. Harold. **Sexo na Bíblia**: Novas Considerações. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.
- FALK, Marcia. O wasf. *In*: BRENNER, Athalya. **Cântico dos Cânticos**: a partir de uma leitura de gênero. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 253-262.
- GALLAZZI, Sandro; RIZZANTE, Anna Maria. **Teologia das Mulheres**: a quem Deus revelou seus mistérios. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012.
- HALÍK, T. **Quero que sejas**: podemos acreditar em Deus? Petrópolis: Vozes, 2018.
- KIERKEGAARD, Soren. **Conceito de angústia**. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2022.
- LACAN, J. **O Seminário** (livro 20). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

- LEVINAS, E. **Difficile liberté**: essais sur le Judaïsme. Paris: Albin Michel, 1976. Tradução livre do francês por Nilo Ribeiro Júnior. Texto digitado, s.d.
- MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita**. A Bíblia e a sua interpretação. 1ª ed. São Paulo: Paulinas; Recife: UNICAP, 2015.
- MENDONÇA, José Tolentino. **As Estratégias do Desejo**. Lisboa: Cotovia, 1994.
- PELLETIER, Anne-Marie. **Bíblia e hermenêutica hoje**. São Paulo: Paulus, 2006.
- PELLETIER, Anne-Marie. **O Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- RAVASI, Gianfranco. **Cântico dos Cânticos**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e Religião**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.
- SARAMAGO, José. **Provavelmente Alegria**. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 1970.
- SOULEN, Richard. Os wasfs do Cântico dos Cânticos e a hermenêutica. *In*: BRENNER, Athalya. **Cântico dos Cânticos**: a partir de uma leitura de gênero. São Paulo: Paulinas, p. 241-252.
- STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. **Como ler o Cântico dos Cânticos**: o amor é uma faísca de Deus. São Paulo: Paulinas, 1991.
- TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2001.
- TORRES, Daniel A. Safo, el nuevo 'Poema de los hermanos' y su interpretación en el contexto de las fuentes secundarias y de la poesía eólica e himnódica. **Circe**, Vol. 26, n. 1, 2022, p. 123-134.  
Disponível em: <https://typeset.io/pdf/safo-el-nuevo-poema-de-los-hermanos-y-su-interpretacion-en-2kn7oggd.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- UEHLINGER, Christoph. Cântico dos Cânticos. *In*: RÖMER, T.; MACCHI, J. D.; NIHAN. **Antigo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2015, p. 637-652.